

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Franciane Martins da Costa

BIBLIOTECAS PARTICULARES:

UMA LEITORA “COMUM” DO SÉCULO XX

Campinas
2012

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Franciane Martins da Costa

BIBLIOTECAS PARTICULARES:

UMA LEITORA “COMUM” DO SÉCULO XX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, para obtenção do título de licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Norma Sandra de Almeida Ferreira.

Campinas
2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

C823b Costa, Franciane Martins da, 1987-
Bibliotecas particulares: uma leitora “comum” do século
XX / Franciane Martins da Costa. – Campinas, SP: [s.n.],
2012.

Orientador: Norma Sandra de Almeida Ferreira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Bibliotecas particulares. 2. Leitores. 3. Leitura –
História – Sec. XX. I. Ferreira, Norma Sandra de Almeida,
1950- II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Educação. III. Título.

12-252-BFE

Agradecimentos

Escrever as próximas linhas não será uma tarefa difícil porque quando olho para trás percebo que a coisa que mais tenho a fazer é agradecer. No entanto, ela também não será simples, pois, como não poderia ser diferente, as lágrimas nos olhos não tardam a cair enquanto começo a tecê-las e faltam-me palavras para expressar a dimensão de minha gratidão por todos aqueles que fazem parte da minha história.

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por sempre cuidar de mim e colocar em meu caminho pessoas tão especiais, que iluminam e coloreem a minha vida.

Tenho muito a agradecer à Prof^a Norma Sandra de Almeida Ferreira, pela grande e excelente orientadora que é: sempre atenciosa em suas leituras e disposta a oferecer uma palavra amiga, quando nem eu acreditava mais em mim.

A meus pais, muito obrigada, pois sem eles não seria possível que eu estivesse aqui. Em especial gostaria de agradecer a minha mãezinha, Fátima, que preocupada com o meu bem-estar, dentre os inúmeros mimos que recebo dela, sempre preparou coisinhas gostosas para eu comer durante a semana, enquanto eu estava longe de casa.

Meu namorado Lucas, que nesses anos todos, apesar de eu “tê-lo abandonado”, sempre esteve ao meu lado e abdicou, sem nunca me cobrar nada, muitas das poucas horas que tínhamos durante os finais de semana, para que eu pudesse fazer os meus trabalhos.

Minha querida irmã, Rosângela, muito obrigada pelo incentivo durante toda a minha vida e por sempre me auxiliar, física e emocionalmente, lembrando-me que às vezes a única coisa necessária a se fazer é: respirar!!!

Meu cunhado Maurício, por desde o início me orientar e apoiar nas minhas escolhas, sempre pensando no que seria melhor para o meu futuro.

Ao meu sobrinho e afilhado Vinícius, além de agradecer, devo diversos pedidos de desculpas pelos dias em que não pude brincar com ele, principalmente nos finais de semestre, quando tinha que estudar para a faculdade.

Todas as pessoas da minha família, que sempre tiveram muito carinho e torceram por mim. Obrigada por me esclarecerem as dificuldades que encontraria na faculdade, por me ajudarem quando eu não tinha recursos para resolver os meus desafios sozinha, por poder compartilhar não somente as vitórias alcançadas, mas também as derrotas, por acreditar em minhas potencialidades, etc.

Muito importantes para a minha vida são os meus amigos. Gostaria de agradecer aos meus amigos da infância e adolescência, principalmente ao Rafael e à Mariana, que mais do que amigos considero como irmãos e que apesar da distância e do longo tempo que passamos sem nos ver,

quando nos reencontramos a amizade continua a mesma e ainda mais fortalecida. Meus colegas de turma, muito obrigada por cada frase dita no decorrer das discussões em sala, pelas rodas de conversa, pelos trabalhos em grupo - tenho certeza que sem vocês a minha formação não seria a mesma! Não poderia deixar de agradecer a companhia constante de três pessoas maravilhosas que estiveram comigo durante toda a faculdade: Stella, Fabíola e Ana Cláudia, juntas compusemos o “quarteto fantástico” e apesar das diferenças de nossas personalidades pudemos compartilhar intensamente as alegrias, as tristezas, os sonhos, as dificuldades, as descobertas, os medos, e tudo o mais que essa fase nos proporcionou.

Outro agradecimento que gostaria de realizar é aos funcionários da nossa Secretaria de Graduação de Pedagogia, em especial a nossa querida Luciane Grandim, um anjo repleto de doçura e bondade, sempre disposta a resolver todos os nossos problemas acadêmicos e que tive o privilégio de me tornar amiga.

Às professoras (em particular, as minhas amadas Rosineide, Cecília, Danielle, Juliana e Tatiane) e toda a equipe técnica da Creche da Área da Saúde da UNICAMP, que com muita generosidade me acolheram e me ensinaram, enriquecendo imensamente a minha formação como profissional da educação.

As minhas companheiras de casa da G3 (Cinthia, Renata e Rúbia) e da P2 (Andréia, Carolina, Fabíola, Tilsa-Yvy Nayra e Viviana), muito obrigada por terem me acompanhado diariamente nessa jornada, apoiando nos momentos difíceis e comemorando a cada página escrita desse trabalho.

Também, gostaria de oferecer um agradecimento especial a três pessoas que contribuíram muito para o andamento desse trabalho:

Cláudia Maria Borghe Antonelli, filha de D. Dalcy Zugliani Borghe, por nos receber em sua casa e nos conceder gentilmente a entrevista em que nos contou um pouco sobre a biografia de sua mãe, proprietária do acervo e protagonista de nossa pesquisa.

A bibliotecária da Faculdade de Educação, Rosemary Passos, que nos orientou nos cuidados e procedimentos de limpeza dos livros que tanto manuseamos durante esse ano.

Minha segunda leitora Ilsa do Carmo Vieira Goulart, que com muito carinho recebeu meu trabalho e realizou uma leitura atenciosa.

A vocês, minha família e amigos, dedico toda a minha gratidão, pois cada um de vocês são responsáveis pelas diversas conquistas que realizei durante toda a minha vida!

Tenho muito orgulho em dizer que amo cada um de vocês!!!

O livro, sobretudo quando é antigo, ilustrado e precioso, figura frequentemente entre os objetos que os colecionadores consideram como raridades. Ele participa do inventário do mundo e indica, também, a efemeridade das coisas.

Roger Chartier

Resumo

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o acervo de uma biblioteca particular formada no decorrer da vida de uma senhora, que viveu no estado de São Paulo, durante o século XX.

Tem como objetivo principal conhecer e tentar compreender os aspectos históricos e culturais que podem ter influenciado a seleção e posse das obras, como também a sua preservação e constituição como acervo particular dessa senhora, na perspectiva teórico-metodológica da História Cultural.

A primeira etapa da pesquisa está baseada no levantamento das obras que compõem a coleção, através da catalogação e tabulação dos dados encontrados. Na segunda etapa foi realizada uma entrevista com familiares desta senhora para coletarmos informações referentes a sua vida e à formação desta biblioteca. Este acervo, tomado como fonte e objeto de investigação, nos permite interrogá-lo sobre quais obras, autores, editoras, etc. foram publicadas e estiveram em circulação, principalmente na primeira metade do século XX, e buscar colaborar para os estudos sobre a história da leitura e do livro do nosso país.

Esse trabalho insere-se nos estudos realizados pelo grupo de pesquisa “Alfabetização, Leitura e Escrita” – ALLE, da Universidade Estadual de Campinas, no eixo de trabalho denominado ‘Práticas, tecnologias e espaços culturais ligados ao mundo da escrita’.

Palavras – Chave: Bibliotecas Particulares, Pessoas “Comuns”, História da Leitura – Século XX.

Lista de Ilustrações

Ilustração 1 - D. Dalcy com 20 anos, aproximadamente.....	30
Ilustração 2 - D. Dalcy com 35 anos, aproximadamente.....	32
Ilustração 3 - Em 1979, com 62 anos, no aniversário de um ano de uma das netas.....	33
Ilustração 4 - Em 2006/07, durante a festa de final de ano, aos 90 anos, aproximadamente...	35
Ilustração 5 – Bilhete encontrado junto aos livros.	39
Ilustração 6 – Bilhete encontrado junto aos livros.	42
Ilustração 7 - Erasmo Braga	57
Ilustração 8 – BRAGA, Erasmo. <i>Leitura I</i>	60
Ilustração 9 – BRAGA, Erasmo. <i>Leitura II</i>	60
Ilustração 10 – BRAGA, Erasmo. <i>Leitura III</i>	60
Ilustração 11 - Monteiro Lobato	61
Ilustração 12 - LOBATO, Monteiro. <i>Emília no País da Gramática</i>	65
Ilustração 13 - LOBATO, Monteiro. <i>Fábulas</i>	65
Ilustração 14 - LOBATO, Monteiro. <i>Histórias de Tia Nastácia</i>	66
Ilustração 15 – TOLOSA, Benedicto M. <i>Cartilha de Alfabetação – 1º Ano Primário</i>	67
Ilustração 16 – CARVALHO, Delgado de. <i>Geografia do Brasil</i>	68
Ilustração 17– SILVA, Joaquim. <i>História da Civilização</i>	68
Ilustração 18 - Olavo Bilac	69
Ilustração 19 – Manoel do Bomfim	71
Ilustração 20 – BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel do. <i>Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias</i>	71
Ilustração 21 – Coelho Netto	72
Ilustração 22 – BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. <i>Contos Pátrios (Para as Criações)</i>	72
Ilustração 23 – Presciliana Duarte de Almeida	74
Ilustração 24 – ALMEIDA, Presciliana D. de. <i>Páginas Infantis</i>	76
Ilustração 25 – Arnaldo de Oliveira Barreto	78
Ilustração 26 – BARRETO, Arnaldo. <i>Cartilha Analytica</i>	81
Ilustração 27 - Francisco Alves	83
Ilustração 28 - Logo atual da Editora Francisco Alves	83
Ilustração 29 – MONTEIRO, J; D’OLIVEIRA, F. <i>Novo Atlas de Geografia</i>	86
Ilustração 30 – TRAJANO, Antonio. <i>Arithmetica Progressiva</i>	88
Ilustração 31– BARRETO, Arnaldo de O. <i>Cartilha Analytica</i>	89
Ilustração 32 - GALHARDO, Thomaz. <i>Cartilha da Infância</i>	89
Ilustração 33 – BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. <i>Contos Pátrios (Para as Criações)</i>	89
Ilustração 34 – BARRETO, Rita de M. <i>Corações de Crianças – Leituras Preparatórias</i>	89
Ilustração 35- BILAC, Olavo; Bomfim, Manoel do. <i>Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias</i>	89
Ilustração 36 – TOLEDO, João. <i>Sombras que Vivem</i>	90
Ilustração 37 – Antônio P. Rodovalho	91
Ilustração 38 - Logo da Editora Companhia Melhoramentos.....	91
Ilustração 39 - BRAGA, Erasmo. <i>Leitura I</i>	94
Ilustração 40 - BRAGA, Erasmo. <i>Leitura II</i>	94
Ilustração 41 - BRAGA, Erasmo. <i>Leitura III</i>	95
Ilustração 42 - Livro com o pozinho <i>Neocid</i> , que protege da umidade e das traças	108
Ilustração 43 - Detalhe do Livro com o pozinho <i>Neocid</i>	108
Ilustração 44 - Máquina e materiais utilizados na higienização do acervo	109
Ilustração 45 - Processo de higienização do acervo	109
Ilustração 46 – BRAGA, Creso. <i>Breves Lições de História do Brasil (1918-1921)</i>	156

Ilustração 47 - Interior do livro <i>Breves Lições de História do Brasil</i>	156
Ilustração 48 - CARVALHO, Delgado. <i>Geografia do Brasil</i>	157
Ilustração 49 - Interior do livro <i>Geografia do Brasil</i>	157
Ilustração 50 - BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. <i>Contos Pátrios (Para as Crenças)</i>	158
Ilustração 51 - Interior do livro <i>Contos Pátrios</i>	158
Ilustração 52 - LOBATO, Monteiro. <i>Fábulas</i>	159
Ilustração 53 - Interior do livro <i>Fábulas</i>	159
Ilustração 54 - RAVIZZA, Padre João. <i>Gramática Latina</i>	160
Ilustração 55 - Contra-capas do livro <i>Gramática Latina</i>	160
Ilustração 56 - MONTEIRO, J; D'OLIVEIRA, F. <i>Novo Atlas de Geografia</i>	161
Ilustração 57 - Contra-capas do livro <i>Novo Atlas de Geografia</i>	161
Ilustração 58 - SILVA, Joaquim. <i>História da Civilização</i>	162
Ilustração 59 - Interior do livro <i>História da Civilização</i>	162
Ilustração 60 - Interior do livro <i>História da Civilização</i>	163
Ilustração 61 - Livro <i>Lindas Histórias</i>	163
Ilustração 62 - FARIA E SOUZA. <i>Cartilha Intuitiva: Ensino Alfabético</i>	164
Ilustração 63 - Interior do livro <i>Cartilha Intuitiva: Ensino Alfabético</i>	164
Ilustração 64 - BRAGA, Erasmo. <i>Leitura I</i>	165
Ilustração 65 - Interior do livro <i>Leitura I</i>	165
Ilustração 66 - CALDAS, Valfredo A. <i>Meu Amigo: Cartilha Analítico-Sintética</i>	166
Ilustração 67 - Livro <i>Meu Amigo: Cartilha Analítico-Sintética</i>	166
Ilustração 68 - LIMA, A. G. <i>Atlas Escolar: Brasil – 2ª Parte</i>	167
Ilustração 69 - Interior do livro <i>Atlas Escolar: Brasil – 2ª Parte</i>	167
Ilustração 70 - SOARES, João. <i>Atlas Histórico Geográfico para uso das Escolas do Brasil</i>	168
Ilustração 71 - Interior do livro <i>Atlas Histórico-Geográfico para uso das escolas do Brasil</i>	168
Ilustração 72 - Página de jornal (frente e verso) encontrada no interior de um dos livros	169
Ilustração 73 - Desenho de um mapa encontrado no interior de um dos livros	169

Lista de Quadros

Quadro 1 – Dados gerais sobre as obras.....	45
Quadro 2 – Dados sistematizados sobre as áreas de conhecimentos.....	49
Quadro 3 – Década de Publicação dos livros	50
Quadro 4 – Autores das Obras.....	55
Quadro 5 – Editoras dos Livros	82

Índice

Apresentação	1
1. Introdução	7
1.1 Um breve panorama sobre o livro e as bibliotecas pessoais.....	10
1.2 O Ato de Guardar Livros: o livro como preciosidade e memória	17
1.3 As Bibliotecas Particulares como objeto de estudo.....	20
2. Biografia de D. Dalcy Zugliani Borghe.....	29
2.1 Sua relação cuidadosa com o acervo: formação e organização.....	35
3. O acervo pessoal de D. Dalcy Zugliani Borghe	41
3.1. Os Livros	44
3.2. Os autores: histórias e imagens	54
3.2.1. Erasmo Braga	57
3.2.2. Monteiro Lobato	61
3.2.3. Olavo Bilac	69
3.2.4. Outros Autores.....	74
3.2.4.1. Presciliana Duarte de Almeida	74
3.2.4.2. Arnaldo Barreto	78
3.3. As Editoras	81
3.3.1. Editora Livraria Francisco Alves.....	83
3.3.2. Companhia Melhoramentos de São Paulo.....	91
4. Considerações Finais	96
5. Referências Bibliográficas.....	102
6. Anexos	107
6.1. Anexo 1 – Modelo de Carta de Doação.....	107
6.2. Anexo 2 – Fotos do processo de higienização do acervo	108
6.3. Anexo 3 – Fichas dos Livros, Almanques e os Diversos Materiais	110
6.4. Anexo 4 – Roteiro da Entrevista	130
6.5. Anexo 5 – Transcrição da Entrevista.....	131
6.6. Anexo 6 – Imagens dos Resquícios de Leitura.....	156

Apresentação

*Os historiadores podem mostrar que os livros
não se limitam a relatar a história: eles a fazem*
Robert Darnton

Este Trabalho de Conclusão de Curso é resultado de uma pesquisa realizada sobre a biblioteca particular de uma “pessoa comum”¹, pertencente a D. Dalcy Zugliani Borghe, uma senhora que viveu no estado de São Paulo, durante o século XX. Esse acervo foi constituído no decorrer de sua vida, sendo resultado de um longo trabalho de organização e conservação, movido por sua paixão pelos livros e pela poesia, no qual ela foi acumulando obras, adquiridas por diversos caminhos, com publicações compreendidas no período de 1914 a 1973.

Este acervo foi doado, em 2011, ao grupo de pesquisa “Alfabetização, Leitura e Escrita” – ALLE da Universidade Estadual de Campinas, após o falecimento de D. Dalcy, por sua filha, a Sra. Cláudia Maria Borghe Antonelli, com a finalidade de preservar esses materiais, que carregavam tanta estima de sua mãe, e torná-lo útil em pesquisas ou como parte de um acervo maior de uma biblioteca institucional, pois conhecia o interesse dos pesquisadores do referido grupo por investigar a história dos livros, da leitura e dos leitores.

Meu primeiro contato com esse acervo pessoal foi no momento em que procurei a Prof^a Norma Sandra de Almeida Ferreira para pedir orientação para uma iniciação científica, também no ano de 2011. A princípio, meu interesse maior era sobre a temática da alfabetização, porém como eu não possuía nenhum projeto, ela me apresentou o acervo que o grupo de pesquisa “Alfabetização, Leitura e Escrita” - ALLE acabara de receber como doação e estava aguardando um momento para pesquisá-lo.

¹ Para esta pesquisa, pessoas comuns são entendidas como as pessoas que participam da sociedade de forma anônima, sem ter o seu nome registrado na história dos grandes fatos da humanidade, que não possuem nenhuma grandeza reconhecida publicamente.

Assim que observei e folheei os livros antigos, logo me encantei pelo assunto, pois desde a infância gostei de bibliotecas (públicas e escolares) e sonho com a minha própria biblioteca pessoal. Quando penso em bibliotecas, boas lembranças vêm em minha memória. A mais remota talvez seja a da minha primeira carteirinha de biblioteca e o meu primeiro livro emprestado *O Mágico de Oz*, quando eu tinha os meus seis ou sete anos. A carteirinha, com uma foto 3x4, feita por incentivo de minha irmã na biblioteca infantil de minha cidade e que pacientemente me trazia outros exemplares ou os renovava quando eu ainda não havia acabado de realizar a leitura, guardo até hoje em uma pastinha junto com os meus documentos importantes. Recordo-me, também, quando minha irmã me ensinou a fazer pesquisas para trabalhos escolares e a procurar os livros manualmente nas inúmeras fichas nos armários-arquivo da biblioteca municipal.

No Ensino Médio, por estudar em duas escolas e não ter muito tempo disponível para fazer as lições de casa e os trabalhos, meus intervalos de aula eram quase sempre passados na biblioteca da escola. Sentada em suas cadeiras eu colocava as tarefas em dia ou, então, auxiliava as queridas bibliotecárias a emprestar os livros e colocá-los nas prateleiras. Enquanto as ajudava, pensava se algum dia eu conseguiria ler todos aqueles livros postos nas estantes e fazia uma listinha mental de quais eu leria primeiro.

Quando entrei na faculdade, em 2008, minha primeira Bolsa-Trabalho do SAE foi como atendente na Biblioteca Central da UNICAMP. Essa foi uma época muito interessante para mim, pois durante o fluxo de empréstimos e devoluções ficava atenta aos livros que as pessoas liam e sempre descobria um livro novo, que despertava em mim a vontade de lê-lo.

Aos poucos, fui delineando meu objeto de pesquisa de modo que ele contemplasse o meu interesse antigo: amor pelos livros. Tomei como objeto de investigação o acervo de livros que fazem parte do acervo do ALLE e compus o corpus do trabalho que ficou assim formado: 62 exemplares (37 livros, 5 Almanques e 20 outros materiais, como folhetos de

publicidade com diversas informações, cadernos com seleções de poemas escritos à mão, cadernos escolares, etc.). Sendo assim, o objetivo principal de nossa pesquisa é investigar esse acervo pessoal, sob o aporte teórico da História Cultural, na área da História da Leitura, levantando as características e peculiaridades constituintes desses livros.

Com o intuito de conhecer mais detalhadamente essa coleção de livros e os aspectos mais valorizados na produção dos livros da época em que esse acervo foi formado, levantamos as seguintes questões:

1. Quais os livros pertencentes a esse acervo?
2. Quais autores mais selecionados?
3. Quais os assuntos/conteúdos mais abordados?
4. Quais as editoras mais influentes?
5. Quais outros tipos de materiais, além dos livros, estão presentes no acervo?

Em um segundo momento, com a análise dos dados e um conhecimento mais aprofundado da biblioteca particular, outras questões foram colocadas, como:

1. Como essa biblioteca foi formada?
2. Quais foram os caminhos percorridos pelos livros até chegar as suas mãos?
3. Quem eram os seus leitores?
4. Quais as relações entre as obras do acervo e o momento histórico em que essa senhora viveu?

Pesquisas nessa área, que investigam o cotidiano e as práticas de leitura de pessoas comuns, se fazem necessárias, pois as pesquisas atuais, na História da Leitura têm privilegiado, principalmente, o estudo de bibliotecas de instituições ou de pessoas renomadas historicamente. Desta forma, pouco enfoque é direcionado para compreender a história da leitura e do livro a partir da perspectiva de leitores comuns, investigando o quê e como se lia, quais autores, temáticas e editoras eram mais recorrentes em uma determinada época.

A definição da metodologia a ser utilizada nessa pesquisa foi baseada nos poucos trabalhos que existem nessa área, sendo adotado o estudo de caso de cunho qualitativo para conhecermos o nosso acervo e sistematizarmos os nossos dados.

O caminho metodológico se deu pelos seguintes passos: em um primeiro instante levantamos os dados quantitativos referentes à composição da coleção. Para iniciar, higienizamos e catalogamos os livros pertencentes ao acervo dessa leitora comum que recebemos como doação, tabulando as informações coletadas, como: a quantidade de livros, as áreas do conhecimento mais abordadas, os autores mais lidos, as editoras, os períodos de publicação, as espécies de materiais, os resquícios de leitura encontrados no interior dos livros, etc., com o intuito de classificar, caracterizar e conhecer os materiais que compõem o nosso objeto de pesquisa.

Em um segundo momento, realizamos uma entrevista semi-estruturada, com a Sra. Cláudia, filha de D. Dalcy, a fim de, a partir de suas lembranças e memórias, nos aproximarmos da história de vida dessa senhora e os hábitos e práticas de leitura que permearam o uso desses livros e, também, da história da formação desta biblioteca e os motivos que levaram a sua preservação. No entanto, essa entrevista não deve ser considerada como ‘natural’, pois a relação entre entrevistada e pesquisadoras é mediada pelas representações que a primeira possui sobre as segundas, estudantes e professoras da UNICAMP, pois segundo Lopes & Galvão (2001) “muitas vezes os entrevistados falam o que imaginam que devem falar para aquele interlocutor específico, sobre o qual criam expectativas e ao qual atribuem determinados valores” (p. 89).

Esta etapa nos forneceu indícios importantes para compreendermos e produzirmos significados na análise de suas escolhas literárias, pois ao considerar que “a leitura é sempre uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos” foi importante para que nós pudessemos

“identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores, as tradições de leitura e as maneiras de ler” (Chartier, 1997, p.14) em diferentes períodos da sociedade.

Com isso, voltando nosso olhar sobre o acervo novamente, enfocamos os seus dados qualitativos. Nesse momento, buscamos por fontes que nos auxiliassem a compreender o seu conteúdo, tentando estabelecer relações das obras com o momento histórico e cultural vivido pela senhora.

A exposição de nossa pesquisa foi organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, a **Introdução**, apresentamos o nosso referencial teórico. Inicialmente, definimos o que pensadores como Burke (1992) e Certeau (2001) compreendem como pessoas comuns e em seguida trazemos um breve panorama sobre a história das bibliotecas particulares e sobre o ato de guardar livros. Neste capítulo, também, tratamos a respeito do campo de pesquisa em que nosso trabalho se insere e apresentamos outros estudos, realizados na mesma área, que nos orientaram e contribuíram para que os nossos objetivos fossem alcançados.

No segundo capítulo, denominado como **Biografia de D. Dalcy Zugliani Borghe**, buscamos apresentar a protagonista de nossa pesquisa, levantando aspectos de sua história de vida, formação e preservação do seu acervo pessoal e práticas de leitura. Durante a escrita de sua biografia, apresentamos algumas fotografias, em diversas fases da vida de D. Dalcy, para que possamos conhecer um pouco mais sobre ela.

No terceiro capítulo, intitulado como **O Acervo Pessoal de D. Dalcy Zugliani Borghe**, buscamos realizar uma análise dos materiais que encontramos presentes no acervo. Destacamos quais foram os períodos com maior número de publicações, os autores mais recorrentes e as editoras que possuíam mais livros lançados. Para um maior entendimento dos dados levantados, procuramos por informações referentes ao contexto histórico e cultural da época, da biografia dos autores e da história de formação das editoras que mais apareceram na

biblioteca pessoal de D. Dalcy. Neste capítulo, também, trazemos diversas imagens, como fotos dos autores e editores mais relevantes do acervo e das capas de seus respectivos livros, pois acreditamos que elas nos proporcionam uma visão mais contextualizada do material que temos em nossas mãos.

Nas **Considerações Finais** apontamos quais foram as nossas descobertas e as contribuições desse estudo para a minha formação como profissional da educação. Nos **Anexos** são apresentados o modelo de declaração de doação e os dados sistematizados que nos auxiliaram na produção e estudo da pesquisa, como: as fichas com as informações gerais dos livros, o roteiro e a transcrição parcial da entrevista, as imagens dos resquícios de leitura deixados pelos seus leitores e proprietários.

Esse trabalho insere-se nos estudos realizados pelo grupo de pesquisa “Alfabetização, Leitura e Escrita” – ALLE, da Universidade Estadual de Campinas, no eixo de trabalho denominado ‘Práticas, tecnologias e espaços culturais ligados ao mundo da escrita’, assim como as pesquisas de Santos (2004), Goulart (2009), Latância (2011), entre outros.

1. Introdução

*Cada livro era um mundo em si mesmo
e nele eu me refugiava.*
Manguel

A palavra biblioteca, conforme a definição do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009), tem sua origem etimológica na palavra grega *bibliothēke*, que é formada por outras duas palavras *biblíon* e *tékē*, que significam ‘livro’ e ‘caixa, depósito’, respectivamente. Assim, durante muito tempo, as bibliotecas eram entendidas como apenas um lugar onde materiais escritos, como rolos de papiros, pergaminhos e livros eram guardados.

Porém, esse significado foi se modificando e adquirindo novos sentidos ao longo da história. Nas bibliotecas da Antiguidade e da Idade Média, o acesso da população e a circulação dos livros era restrito, pois elas representavam espaços de poder que não poderiam ser ameaçados - nessa época, muitas bibliotecas importantes foram queimadas, bombardeadas, fechadas, apagadas de seu tempo por conterem livros que apresentavam perigo para as autoridades políticas e religiosas. Na Renascença, as bibliotecas se abriram para a população e tornaram-se instituições civis e leigas; o que antes estava disponível apenas a uma minoria, a partir de então, passou a ser público, acessível aos leitores comuns. Na Modernidade, a recomendação era que as bibliotecas deveriam “ser lugares limpos, claros e arejados, que permitissem uma boa conservação dos textos a fim de possibilitar uma leitura prazerosa, fácil e tranquila” (Murguia, 2007, p. 7), para que elas se tornassem um espaço de estudo e de crítica de textos, conforme as bibliotecas da Antiguidade, mais especificamente como era a Biblioteca de Alexandria.

Em uma visão mais contemporânea, as bibliotecas representam socialmente um espaço educativo e político no qual se tem o intuito de promover o acesso à leitura e à pesquisa, de forma democrática, para a formação e socialização dos leitores. Elas, também, apresentam a

função de preservação da memória do saber produzido e acumulado pelos homens, organizando todas as informações registradas em seus diversos suportes, para serem utilizadas mais facilmente e não se perderem no tempo.

Dentre todos os sentidos e funções que as bibliotecas adquiriram durante o tempo em que elas existiram, desde a Antiguidade até os dias de hoje, escolhemos como foco de nossa pesquisa as bibliotecas particulares formadas por ‘pessoas comuns’.

As pessoas comuns - também conhecidas como ‘pessoas anônimas’, ‘homem sem qualidades’ (Musil *apud* Guimarães, 2005), ‘herói comum’ e ‘homem ordinário’ (Certeau, 2001), ‘um qualquer’ (Giorgio Agamben *apud* Lima, 2006a), ‘homem infame’ (Foucault *apud iden*) - e os seus cotidianos tem ganhado espaço de destaque na nossa sociedade e sido objeto de pesquisa frequente de vários estudiosos, das Ciências Humanas, interessados nos acontecimentos e questões do dia-a-dia, assim como os significados que as pessoas constroem sobre eles. No campo da educação, as pesquisas (Duran, 2007; Sússekind, 2012) giram em torno da prática diária dos professores e seus alunos, preocupando-se com os seus saberes e valores, as suas invenções e relações com as políticas educativas. Nas artes, são investigadas as representações do homem comum expressas na mídia, como: documentários, programas de auditório, depoimentos em novela, fotografias, etc. (Guimarães, 2005; Lima, 2006). O olhar dessas pesquisas está voltado para o que poderia ser denominado como o ‘não lugar’ que as pessoas comuns ocupam da história oficial.

O conceito de "pessoas comuns" pode ser definido, segundo o autor Peter Burke (1992), a partir da perspectiva da Nova História, como as pessoas excluídas do poder, que participam da história desenvolvendo funções, atividades e experiências cotidianas.

Para ele, oferecer um destaque aos feitos realizados pelas “pessoas comuns” e suas opiniões sobre “a história vista de baixo” vai de encontro com o que a abordagem da história tradicional tem realizado, pois ela oferece apenas “uma visão de cima, no sentido de que tem

sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou, ocasionalmente, eclesiásticos”, enquanto que, “ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história.” (Burke, 1992, p.12), marginalizado dos interesses de seus historiadores. Com isso, apesar dos nomes das “pessoas comuns” não estarem relacionados aos grandes acontecimentos da humanidade, elas são importantes para compor “uma história total” (p.11), mais abrangente, pois a história também é feita cotidianamente através de fatos comuns.

Outro autor que inverte o modo de analisar e interpretar a história e dedica-se com afinco ao estudo do cotidiano e ‘artes de fazer’ das pessoas comuns, consideradas como ‘sem importância’ e ‘banais’ pelos intelectuais tradicionais, é Michel de Certeau (2001). De acordo com ele, nessa perspectiva “os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público” (Certeau, 2001, p. 57).

As pessoas comuns são nomeadas por ele como “homem ordinário”, “herói comum”, “herói anônimo” e “murmúrio da sociedade” (p.57) e descritas como aquelas que não ocupam uma posição de produtores da cultura. No entanto, segundo Certeau, embora os homens ordinários sejam encarados como não-criadores e receptores e reprodutores da cultura, eles não são consumidores passivos de ideias e valores. Apesar de suas ações não serem realizadas, muitas vezes, de forma intencional, objetiva e com amplo entendimento, eles inventam o seu cotidiano anonimamente através de resistências e desvios, “caças não autorizadas”, sobre os usos estabelecidos dos produtos culturais e materiais, impostos pelas instituições de poder ou especialistas.

Na concepção de Certeau (2001) os homens ordinários se diferem dos especialistas, no sentido em que os últimos são detentores de uma língua artificial própria, atuam no campo das estratégias e fazem a mediação de seus saberes para os primeiros. No entanto, como dito

anteriormente, o homem ordinário, que atua no campo das táticas, apesar de lhe ser negado um lugar de potência e de invenção, ele não recebe esses saberes de uma forma conformista e uniforme, ele promove alterações criativas em seu cotidiano, realizadas por “astúcias sutis”, no qual ocorrem uma (re)apropriação do espaço e usos dos produtos culturais e materiais, na procura da melhor forma de viver. Essas ressignificações e apropriações escapam da previsibilidade e do controle impostos pelo campo das estratégias, que planeja e idealiza a ordem das coisas.

A característica própria do homem ordinário é que não há nada que o determine, ele não se reduz a uma única categoria social ou profissional, se definindo por tudo aquilo que não é próprio do especialista, o dominador.

Para Certeau, apesar do cotidiano apresentar inúmeras injustiças, como um espaço de repetição, cansaço e alienação, ele também pode ser considerado como um espaço com brechas para a criatividade e liberdade. Embora sem confrontos, o homem comum não deixa de praticar oposições e afrontamentos contra os aparatos de repressão, na busca de romper com a mesmice e a naturalização das práticas correntes do cotidiano.

1.1 Um breve panorama sobre o livro e as bibliotecas pessoais

Ao observarmos o caminho do livro no decorrer da história da humanidade podemos perceber que ele sempre possuiu significados muito especiais no imaginário das pessoas e um lugar de distinção na cultura letrada.

Ele é um objeto repleto de simbolismos. O livro possuiu diversos significados para cada grupo de pessoas, em diferentes épocas. Ele pode ser considerado como símbolo da sabedoria, do conhecimento, da intelectualidade e divulgação de novos ideais ou pode ser objeto de medo, tédio e angústia, assim como já representou perigo e foi alvo de perseguição,

sendo queimado em praças públicas durante a Idade Média, como forma de controle do poder, por conter em seus escritos informações prejudiciais às autoridades da época².

Conforme Manguel (1997) nos destaca, “a simples posse de livros implica uma posição social e uma certa riqueza intelectual” (p. 242), a sua presença em diferentes ambientes sugerem “atividades elevadas” e caracterizam seus portadores como pessoas cultas, esclarecidas e com refinamento e postura. Tal representação do livro e de seus leitores povoa o nosso cotidiano. Uma delas, por exemplo, é a imagem de estantes repletas de livros grossos e bem encadernados, como plano de fundo, em entrevistas de pessoas influentes na sociedade ou em locais de trabalho de profissionais que querem inspirar credibilidade. E, ao contrário, personagens públicas que não apresentam uma formação escolar ampla e/ou não possuem o costume declarado de ler ‘bons livros’ são estereotipadas como pessoas menos capazes de exercer atividades intelectuais do que as outras pessoas com estudos.

Ainda segundo Manguel (*iden*), ter um livro em mãos produz imagens a respeito da pessoa que o ostenta, que o apresenta, que o lê. A simples escolha de um livro ou de um autor sugere nuances de nossa personalidade. Podemos ser interpretados pelos outros como leitores fúteis, questionadores, rebeldes, pretensiosos, vulgares, românticos, ingênuos, curiosos ou inteligentes, etc. Com isso, os livros também possuem a capacidade de estabelecer alianças entre as pessoas, inclusive desconhecidas. Ao perceber que uma pessoa está lendo algo que nos interessa ou que já foi lido por nós pode ser despertado uma empatia que promove uma vontade de realizar uma troca, conversando e discutindo sobre as impressões e descobertas instigadas por aquela leitura.

Porém, infelizmente, o livro não é um objeto cultural acessível à realidade de toda a população, devido ao seu alto valor comercial e as diferenças sociais existentes em nossa sociedade desigual. Apesar de haver espaços públicos educativos que visam a divulgação do

² Podemos encontrar discussões a respeito dos significados dos livros na pesquisa realizada por Goulart, 2009.

saber e a promoção das práticas de leitura, a utilização dos livros se concentra majoritariamente nas classes mais abastadas, legitimando ainda mais o seu poder. Mesmo com vários programas de incentivo à leitura promovidos pelas políticas públicas, nas duas últimas décadas, (PROLER; PNBE, entre outros), ter seu próprio livro, desenvolver um comportamento de leitor (frequentar livrarias e bibliotecas; ler diferentes tipos de livros, etc.) e ter acesso efetivo ao conhecimento, ainda envolve uma parcela pequena da sociedade brasileira³.

Há poucos estudos referentes às bibliotecas pessoais, porém todas as fontes pesquisadas (Otness, 1988 *apud* Silva, 2002; Darnton, 1990, 2009; Eco, 1994; Candido, 1996; Manguel, 1997; Villalta, 1997; Silva, 2002; Bastos, s/data) apresentaram os acervos como representantes de sofisticação, prestígio e status social e intelectual de seu proprietário.

Existem registros de bibliotecas particulares desde a Antiguidade. No Império Romano, elas estavam presentes, mais frequentemente, na casa das famílias mais abastadas e eram compostas por acervos adquiridos em saques de guerra, “além da aquisição de materiais através do trabalho de escravos cultos ou escribas gregos” (Bastos, s/data, p.4). No período medieval, as bibliotecas particulares também eram mantidas pelos senhores mais ricos, os monarcas e imperadores.

³ A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Galeno, 2008) realizada pelo Instituto Pró-Livro com uma amostra de 311 municípios, distribuída por todo o território nacional, indicou que o nosso país possui cerca de 95,6 milhões de leitores, 55% da população estudada com idade a partir de 5 anos, e 77,1 milhões de não-leitores, 45% da população estudada (as pessoas consideradas leitores são aquelas que declararam ter realizado a leitura de pelo menos um livro nos 3 meses anteriores à pesquisa).

Outros dados relevantes apresentados pela pesquisa foram:

A população leitora adquire cerca de 1,2 livros/ano e lê 4,7 livros por ano. O número de brasileiros que declaram possuir pelo menos um livro em casa são 146,4 milhões (85% da população estudada). A média de livros por residência é de 25 e 8% da população não tem nenhum livro em casa.

Quanto à leitura por fruição, realizada no tempo livre, os dados demonstram que 13% dos leitores não gostam de ler, 41% gostam muito e 46% gostam um pouco.

Os dados da pesquisa afirmam que o gosto pela leitura de fruição aumenta conforme a idade, a escolaridade e ao rendimento familiar.

Os cinco gêneros mais lidos e declarados pelos leitores são a bíblia (45%), livros didáticos (34%), romances (32%), literatura infantil (31%) e poesias (28%).

Dentre os 25 autores relatados como admirados pelos brasileiros, os cinco mais citados são Monteiro Lobato, Paulo Coelho, Jorge Amado, Machado de Assis e Vinícius de Moraes.

Dentre os 30 livros declarados como mais importantes para a vida dos leitores, os cinco livros mais votados foram a *Bíblia*, *o Sítio do Pica Pau Amarelo*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Harry Potter* e *O Pequeno Príncipe*.

Segundo Manguel (1997), as bibliotecas residenciais na França, durante o século XVIII, assumiram importantes espaços nas casas da classe média e da nobreza, tanto que salas eram destinadas, especificamente, para abrigar as coleções de livros, pois elas eram consideradas como tesouros familiares, que deveriam ser preservadas e ampliadas de geração em geração. Muitos bibliófilos dessa época possuíam exemplares únicos, que eram encadernados conforme as suas especificações e marcados em ouro com o brasão da família. No século XVIII, época em que as edições dos livros eram compostas à mão, tão importante quanto o seu conteúdo era a qualidade dos seus aspectos materiais, como: a encadernação, a impressão e a matéria-prima utilizada em sua confecção, para uma boa apresentação e valorização das obras. Os livros, também, eram utilizados como ornamentos, enfeitando as casas – há relatos, no Brasil, de que muitas casas possuíam estantes que pareciam estar repletas de livros, mas que realmente não o tinham, eram livros falsos (Villalta, 1997).

O estudo de Harold Otness (1988 *apud* Silva, 2002) apresenta a história das bibliotecas residenciais nos Estados Unidos, no século XIX, como fruto da tradição inglesa, pois “as bibliotecas eram parte essencial da arquitetura as grandes residências inglesas desde a Renascença. Com o passar do tempo, elas foram ganhando importância e aumentando ainda mais de tamanho” (p.34), chegando a possuir o tamanho equivalente ao destinado às salas de jantar e de visitas, no andar principal da casa. Nessa mesma pesquisa Otness destaca que as casas de campo e chalés das classes populares da Inglaterra também apresentavam coleções de livros, demonstrando ainda mais a valorização desse objeto nessa região.

Porém, em meados da metade do século XIX, Otness (*iden*) relata que outro símbolo de *status* da classe média surgiu: a sala de jogos e o bar - o que contribuiu para o declínio das bibliotecas particulares nos lares americanos. Os livros não perderam a sua importância, porém essa mudança de valores fez com que os livros perdessem seus espaços exclusivos e suas estantes passassem a ficar espalhadas por outros cômodos da casa. Outro motivo que

propiciou a modificação desse costume e a dificuldade de colecionar uma grande quantidade de livros foi o fato de haver uma maior mobilidade na vida das famílias, por exemplo: os divórcios e as mudanças de casa ou cidade. Mas, apesar dessas alterações de comportamento, as bibliotecas particulares ainda continuaram símbolo de prestígio em sociedades do mundo inteiro.

No Brasil, não há muitas pesquisas que relatem a existência e os costumes referentes às bibliotecas particulares nas residências brasileiras. Segundo Villalta (1997), no capítulo *O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura Imigrantes* do Volume 1 da coleção *História da Vida Privada no Brasil*, a presença de livros, que provavelmente foram trazidos por intermédio dos jesuítas nos anos de 1500, era bastante rara nas casas brasileiras. No século XVII, as bibliotecas particulares ainda eram escassas e sua formulação, assim como do século anterior, era baseada em obras religiosas e clássicas - dessas últimas eram retirados os trechos considerados perigosos e inconvenientes para o pensamento da época. Em algumas casas haviam, também, os livros de literatura “profana”, como livros de sorte e outras obras consideradas proibidas pela igreja, por contestarem os seus dogmas, que deveriam ser lidos na privacidade e não poderiam ser apresentados publicamente.

No século XVIII, esse quadro começou a mudar. Nessa época, apesar de poucas residências contarem com a presença de livros e as obras religiosas ainda serem predominantes, assuntos sobre ciências naturais, história, saberes profanos e ilustrados, escritos em francês ou inglês, começaram a ser objeto de interesse pelas pessoas que tiveram acesso a uma educação mais aprimorada. Na capitania de Minas Gerais, os inventários mostram que “a distribuição da posse de livros diferenciava-se conforme a categoria profissional e a posição dos inventariados e inconfidentes, concentrando-se nos proprietários, funcionários públicos e letrados” (Villalta, 1997, p. 362). Outro fato interessante é que o

tamanho dos acervos pessoais não era determinado pela riqueza de posses de seus proprietários, mas sim pela sua escolaridade e seu refinamento intelectual.

A partir da passagem do século XVIII para o XIX, os livros ganharam cada vez mais um espaço reservado para as suas leituras e estudos - com mobiliário (estantes, escrivaninhas, gavetas, poltronas, etc.) e instrumentos adequados (tinteiros, areeiro, papelarias, mapas, etc.) - nos lares brasileiros da elite intelectual, que dentre diversos motivos, poderia ter sido ocasionado, segundo estudo apresentado por Silva (2002), pelo crescimento do bacharelismo nas grandes cidades do país. No entanto, no ambiente rural, principalmente nas grandes fazendas do interior paulista, desse mesmo período, apesar de o livro estar sempre presente no cotidiano das famílias, como este artefato ainda não havia alcançado a sua valorização e o símbolo de *status*, como em outras localidades, não existia um local específico para as bibliotecas, um espaço reservado somente para o uso e abrigo dos livros, eles ficavam espalhados pelos cômodos das casas e estavam sempre próximo dos seus leitores.

O desejo por se possuir um acervo próprio não remete apenas a uma simples acumulação de livros sem sentidos, ela pode ser um retrato do universo pessoal de conhecimentos, interesses e necessidades de saber do leitor, adquiridos no decorrer de sua trajetória e que contribuem para a construção de sua visão de mundo. Segundo Antonio Cândido (1996), em seu artigo *O recado dos Livros*⁴, um acervo pode refletir as fases da evolução cultural percorrida por seu proprietário, demonstrando, para cada época, um conjunto de publicações que mais se identificam com o conjunto de interesses daquele período.

Por outro lado, sabemos que o acervo também não pode ser uma representação fiel de seu portador, pois nele, certamente haverá livros que nunca foram lidos ou nem todos os

⁴ Este artigo é resultado do discurso proferido na inauguração das novas instalações da Biblioteca Central, da Universidade Estadual de Campinas, instituição para qual realizou a doação da coleção de livros de seu pai, Aristides Cândido de Mello e Souza.

livros que o foram estão guardados nele (Darnton, 1990). Na visão de Humberto Eco (1994), em seu artigo bem-humorado *Como justificar uma biblioteca particular*, uma biblioteca pessoal não deve ser vista como “um mero depósito de livros lidos”, mas sim como “instrumento de trabalho” (p. 192), na qual os livros estarão sempre disponíveis. Mesmo assim, a simples seleção e presença de um livro em um acervo pessoal é significativa, seja pelo seu conteúdo ou pelo seu valor afetivo, pois revela traços e aspectos do leitor, contribuindo para a compreensão do seu comportamento diante da leitura: suas orientações, pensamentos, valores e gostos.

A escolha de um livro para um acervo também pode ser influenciada pelos padrões de leitura e elementos do contexto sócio-histórico-cultural vivido pelo “proprietário”, sendo encontrado não somente títulos ou temas relacionados com o seu modo de vida e atividades profissionais, mas também obras dos autores e intelectuais mais consagrados do período. Um levantamento sobre as obras mais receptivas pelos leitores de um momento histórico, podem nos revelar aspectos de circulação dos livros quanto aos maiores pólos de produção editorial e de formação das mentalidades, pois, de acordo com Antônio Candido (1996), “(...) a formação de uma biblioteca equivale geralmente à superposição de camadas de interesse que refletem a época através da pessoa” (p.217).

Assim, ao analisar uma biblioteca particular devemos ficar atentos não somente aos títulos e conteúdos das obras presentes no acervo, pois podemos encontrar marcas da imagem de um leitor do passado e sinais de suas práticas de leitura, através da observação das datas de aquisição, das temáticas escolhidas e dos resquícios de leitura⁵ cedidos pelo leitor durante o seu manuseio, tais como: marginálias (anotações, rabiscos, dedicatórias, ilustrações, pintura das figuras), objetos- relíquias (bilhetes, pedaços de papel, cartões), entre outras marcas do tempo e de uso (livros encapados, páginas dobradas, rasgadas, manchas) que nos aproximam

⁵ A classificação dos resquícios de leitura que utilizamos em nossa pesquisa pode ser encontrada no trabalho realizado por Cunha, 2009.

do caminho percorrido por seus leitores. Há também a possibilidade de um livro não apresentar nenhuma marca de leitura por parte de seu leitor, porém isso não significa que esse livro nunca tenha sido lido, mas sim que talvez o apreço de seu proprietário foi tão grande que a sua conservação era tão importante quanto o prazer que a sua leitura proporciona, pois eram considerados como sagradas preciosidades.

Considerando, também, as práticas ou ritos (a posição de leitura, o local adequado, a sonorização do ambiente, os utensílios utilizados, o modo como ela ocorre, se individual ou coletivamente, em silêncio ou oralmente, extensiva ou intensiva) e os sentidos que envolvem o ato de ler, que são aprendidos e transmitidos culturalmente, temos uma visão mais ampla sobre como a leitura ocorria em determinado momento histórico. No entanto, essa relação não pode ser considerada como universal, pois além de ela não ocorrer na mesma maneira entre as pessoas de uma mesma época e sociedade, segundo Chartier (1999 *apud* Goulart, 2009) “os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem” (p.21). Apesar de tantas distinções, o universo das práticas de leitura não exclui a possibilidade de diferentes atitudes poderem coexistir, de acordo com as vontades do seu leitor, pois do mesmo modo que os leitores podem partilhar os mesmos costumes em relação aos livros, cada um possui uma maneira singular de se relacionar com eles.

1.2 O Ato de Guardar Livros: o livro como preciosidade e memória

Diversos são os motivos que levam as pessoas a guardarem livros em suas casas, próximos de sua visão ou arquivados em um local seguro, por um longo período de suas vidas, resgatando-os quando o seu uso se faz necessário. Os livros podem ser guardados tanto pelo seu valor utilitário, podendo ele ser de uso imediato ou para consultas em um tempo

prolongado, ou pelo simples fato de querer exibir ou possuir determinadas obras significativas, seja por elas serem raras ou por possuírem um valor sentimental.

É possível que em uma biblioteca pessoal estejam guardados livros que já foram lidos e que foram considerados interessantes para uma segunda leitura, livros que não serão lidos novamente, livros ganhados de pessoas queridas, livros adquiridos em livrarias ou sebos que esperam por um tempo para serem lidos, livros trocados com familiares ou amigos, livros que nunca serão lidos completamente, mas que auxiliam em pesquisas e rápidas consultas, livros que nos remetem às épocas passadas, etc. No mais, ter a posse de um livro possibilita uma rápida acessibilidade, ele fica disponível para ser manuseado e livre do esquecimento, sendo possível lê-lo novamente recordando o seu conteúdo ou estabelecendo novos sentidos para o que já foi lido anteriormente.

Dentre os possíveis lugares destinados para a conservação e organização dos livros estão as prateleiras das estantes, as gavetas dos armários, as mesas de estudos, as caixas, etc. Os proprietários mais cuidadosos ainda podem embrulhá-los com papéis e embalagens plásticas ou colocá-los em envelopes para melhor preservá-los, deixando-os intactos das marcas de uso e do tempo.

Na dissertação de mestrado *O Livro: Objeto de Estudo e de Memória de Leitura*, em que Ilsa do Carmo Vieira Goulart (2009) investiga a ação de guardar livros e cartilhas utilizados na infância, a autora identificou que há pessoas que guardam seu livro original, outras que sentem a necessidade de buscar em sebos, editoras ou bibliotecas um exemplar que utilizou em sua formação e outras ainda que mantêm guardados livros que herdaram de outras pessoas, representativas em suas vidas. Em todos os casos, percebe-se que os livros representam um objeto importante e que guardam um valor sentimental bastante significativo e positivo, uma relíquia que compõe a memória e que deve ser conservada para estar sempre presente.

Apesar de um livro sem a interação com os seus leitores não representar nada além de um conjunto de páginas escritas com símbolos gráficos, quando a relação entre o leitor e o livro se estabelece, pode-se emergir uma intensa ligação afetiva, pois segundo Goulart (2009) “o livro com a sua forma e conteúdo, passa a ser um disparador de emoções e fantasias e, graças a este significado que lhe foi atribuído, torna-se alguém muito especial, um amigo e companheiro” (p. 3).

Com isso, podemos perceber que uma biblioteca pessoal não abriga somente a materialidade dos livros, mas pensamentos, sentimentos, sensações e recordações de épocas, locais e pessoas do passado de um leitor, como uma espécie de inventário que nos mostra o caminho que foi percorrido até o presente e que indica um possível futuro.

O ato de guardar livros nos remete a algo que nos é necessário possuir mesmo que não tenhamos uma necessidade imediata sobre eles, sendo a sua perda ou necessidade de desfazer-se deles, algo provido de um sofrimento irreparável e nostálgico. Manguel (1997) nos relata que ao olhar para as prateleiras de sua biblioteca particular - repletas de livros que de tão familiares reconhece a maioria pelos detalhes da encadernação - sempre se pergunta “por que guardo tantos livros que sei que não lerei novamente.” (...)

“Digo a mim mesmo que, sempre que me desfaço de um livro, descubro dias depois que era exatamente aquele que estava procurando. Digo a mim mesmo que não existem livros (ou poucos, muitos poucos) em que eu não tenha achado alguma coisa que me interessasse. Digo a mim mesmo que os trouxe para dentro de casa por algum motivo e que esse motivo pode surgir novamente no futuro. Invoco desculpas: meticulosidade, raridade, uma vaga erudição. Mas sei que a razão principal de me apegar a esse tesouro sempre crescente é uma espécie de ganância voluptuosa.” (p.269)

Sendo assim, o ato de colecionar livros pressupõe não somente um desejo pela informação em si ou pela criação de conhecimento, a sua posse material está permeada por diversos motivos que envolvem desde valores propagados pela cultura letrada a aspectos emocionais, sociais e culturais, pois o livro é um objeto capaz de despertar em cada pessoa

vivências e sentidos únicos, repletos de sentimento, que fazem parte da história de vida de seus proprietários e são representativos de um tempo.

1.3 As Bibliotecas Particulares como objeto de estudo

No Brasil, não existem muitos estudos específicos referentes à presença de bibliotecas particulares nas residências brasileiras de pessoas comuns. Existem pesquisas que versam sobre as bibliotecas de pessoas célebres como, os autores: Machado de Assis, Monteiro Lobato, Lygia Fagundes, Lima Barreto, Silvio Romero, Érico Veríssimo, entre outros escritores, poetas, pesquisadores, políticos, intelectuais, etc⁶. No entanto, sobre o conhecimento a respeito de bibliotecas pessoais de pessoas comuns pouco encontramos. Investigar quais as leituras que compuseram o repertório cultural de pessoas desconhecidas, simples, não “notáveis”, talvez, possa colaborar para um conhecimento sobre a história da leitura, do livro e dos leitores, ligados ao dia-a-dia de um número considerável de nossa população.

As pesquisas realizadas a respeito da identificação e quantificação de pessoas leitoras, por considerarem, em sua maioria, pessoas declaradamente leitoras (frequentadores de bibliotecas e escolas, compradores de livros, assinantes de jornais e revistas, entre outros),

⁶ Devido a grande possibilidade de pesquisas e consultas que estes materiais proporcionam, as instituições especializadas na conservação e organização de livros (bibliotecas públicas e universitárias, centros de documentação, arquivos e museus) possuem interesse em receber, por meio de compra ou doações, e preservar o acervo particular de pessoas que exerceram um papel importante na sociedade, para compreender melhor o universo cultural e social dessas personalidades e preencher possíveis lacunas do panorama sócio-histórico-cultural em que eles viveram. Dentre as diversas instituições e acervos, podemos destacar:

A Seção de Coleções Especiais, da Universidade de Caxias do Sul, onde estão presentes acervos particulares de pessoas de grande expressão, como intelectuais, políticos, pesquisadores, médicos, escritores, etc. de âmbito regional e nacional (ver Rodrigues, 2009).

O acervo de Silvio Romero, composto por 1717 obras, foi adquirido, em 1918, pelo Governo do Estado de Sergipe e integram o acervo geral da Biblioteca Pública do Estado de Sergipe (ver Nascimento, 2003).

A Universidade Estadual de Campinas possui em várias de suas bibliotecas espalhadas pelo campus, diversos acervos e coleções pessoais que pertenciam a várias personalidades da nossa sociedade, como: Sérgio Buarque de Holanda (historiador), César Lattes (físico), Edgard Leuenroth (pensador anarquista), Oswald de Andrade, Monteiro Lobato e Hilda Hilst (escritores), Francisco Glicério, Ruy Rodrigues e Theodoro de Souza Campos Junior (personalidades regionais), além de outros acervos de Alexandre Eulálio, Aristides Candido de Mello e Souza, Peter Eisenberg, José Albertino, etc. (dados disponíveis em: <http://www.unicamp.br/unicamp/bibliotecas-acervos>).

provavelmente deixam a sua margem, inúmeras práticas não reconhecidas socialmente como representativas da leitura e pessoas que são leitores regulares, mas que não estão inseridos no mercado editorial como consumidoras de bens culturais, isto é, que buscam alternativas de acesso a materiais escritos, como empréstimos de conhecidos, leitura em locais que disponibilizam impressos gratuitamente, leitura de um único livro, etc.

Um exemplo, a respeito de casos como esses, pode ser encontrado no artigo *Anotações sobre uma leitora singular*, no qual Ferreira (2002) nos relata os gestos e modos de ler de uma leitora comum chamada Lena, que tem 27 anos, é empregada doméstica, evangélica, mãe de três filhos e separada de seu marido, um presidiário. Nesse artigo podemos perceber que para essa leitora sistemática e assídua, que possivelmente não estaria inclusa nas pesquisas sobre leitores, pois empresta os jornais de seu local de trabalho e tem como livro regular a sua Bíblia, a prática da leitura é realizada de um modo pessoal - em voz alta e de forma compartilhada com os filhos, buscando a pronúncia correta das palavras e os seus significados no dicionário, recortando textos ou trechos que mais lhe interessam para guardar em caixas de sapato – e, tem os seus próprios sentidos, representando para ela uma maneira de aprender mais e não ser enganada, alcançar a salvação da alma, “afastar os demônios, superar a ignorância, é informação, é luz” (p.9).

É importante termos conhecimento sobre as diversas relações entre as pessoas e os livros, compreendendo as representações desse símbolo, identificando as possíveis formas e jeitos de ler, os diferentes gostos de leitura, as estratégias empregadas, as habilidades necessárias, os desejos e intenções que o ato de ler proporcionam, para que possamos compreender a História da Leitura, do Livro e dos Leitores de uma forma mais ampla e aprofundada, pois apesar de existir uma dificuldade de acesso das classes populares e pessoas “comuns” aos livros, ao vivermos em uma sociedade letrada, todos participamos, com uma mescla de aproximações e diferenciações, desse universo cultural.

Com o intuito de delinear os caminhos que deveríamos percorrer ao analisar o acervo pessoal que temos em mãos, buscamos por pesquisas que pudéssemos dialogar a respeito dessa temática. A literatura composta por pesquisas que abordam temáticas ligadas às bibliotecas particulares, tanto de pessoas célebres quanto comuns ou de instituições formadas a partir de doações de bibliotecas particulares, tem se baseado em trabalhos que possuem como referencial teórico os estudos realizados pelos pesquisadores Roger Chartier (1990, 1997), Robert Darnton (1990, 2009), Alberto Manguel (1997), além de muitos outros autores que se dedicam ao campo da história do livro, da leitura e dos leitores. Assim, podemos destacar os seguintes estudos que colaboram e nos auxiliam a compreender o nosso objeto de estudo e a ilustrar o que vimos apresentando, como: Darnton (2009), Cunha (2009) e Silva (2002).

Em *A leitura rousseauista e um leitor “comum” no século XVIII* (Darnton, 2009)⁷, o autor nos apresenta uma pesquisa sobre 47 cartas de um leitor “comum” chamado Jean Ranson, comerciante e protestante, trocadas com Frédéric-Samuel Ostervald, seu antigo mestre e fundador da STN (Sociedade Tipográfica de Neuchâtel), local em que Ranson encomendava a maioria dos livros de sua biblioteca particular. O principal assunto, presente nas cartas enviadas por Ranson e analisadas por Darnton (*iden*), era a respeito de informações pessoais e sobre as obras de Jean-Jacques Rousseau, seu autor preferido, a quem tinha muito interesse e estima.

Segundo a pesquisa realizada por Darnton (2009), dos 59 livros encomendados no período de 11 anos, as categorias que mais se apresentam no acervo são as de livros infantis e de pedagogia (18 títulos), belas-letas (14), religião (12), história, viagens e geografia (4), medicina (2), entre outros (9). Através das cartas não podemos ter uma visão geral do acervo completo que Ranson possuía, pois ele obtinha seus livros por outras fontes, como livrarias

⁷ Este artigo encontra-se em: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da Leitura**. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

locais e heranças familiares, mas por meio dos seus comentários é possível ter um panorama do modo que Ranson lia, predominantemente, os livros de Rousseau. Nas leituras que fazia desse autor, ele relaciona a ficção com o seu cotidiano e marcos de sua vida pessoal, fato que somente pode ser conhecido publicamente através dos estudos feitos nos registros encontrados nos arquivos da STN.

O artigo explicita que, por meio dos livros, o leitor pode conhecer uma nova concepção de mundo, através dos pensamentos e ideias do autor. Após ler uma obra, os leitores produzem algumas reflexões que formam novas opiniões a respeito do caráter e da moral, que podem ou não orientar a conduta de suas vidas, pois segundo Viard “os livros participam não apenas das leituras, mas também da vida” (*apud* Darnton, 2009, p.152).

Sobre este dossiê no campo da leitura podemos destacar que “temos dificuldades em compreendê-la hoje e maior dificuldade ainda em nos acercarmos do que era no passado” (Darnton, 2009, p. 143), pois não podemos acessar o modo como essas leituras eram realizadas e nem os significados que elas possuíam em épocas anteriores, um universo mental que não existe mais.

A respeito da afirmação de que a leitura nem sempre foi realizada da mesma forma, pois “as leituras de antigamente eram diversas, mas, principalmente, eram *outras*, e é necessário sublinhar as diferenças que as distinguem das leituras de hoje” (*idem*, p. 169, grifo do autor), Darnton nos apresenta dois modos diferentes de leitura na Europa Ocidental. No período de 1500 a 1750 predominava-se a leitura *intensiva*, isto é, lia-se repetidamente poucas obras. No final do século XVIII, esse comportamento começou a se transformar para uma leitura *extensiva*, no qual as pessoas liam muitos romances e jornais, porém suas leituras eram mais superficiais e com o intuito da distração, não voltando mais aos exemplares para refletirem sobre ele. No entanto, apesar desse comportamento, em relação à literatura

contemporânea da época, a leitura reflexiva e repetida das obras clássicas não foram postas de lado, sendo a leitura *intensiva* ainda uma prática bem comum aos leitores.

O que a pesquisa de Darnton (*ibidem*) parece indicar é que o campo da recepção (modos como os leitores se apropriam do que eles leem) é de difícil acesso aos historiados da prática da leitura. É possível identificarmos o que um determinado leitor ou uma comunidade de leitores liam (autores, obras, gêneros etc.) a partir de inventário de um acervo, de uma listagem de obras e autores publicados por determinada editora, por uma lista deixada como herança, entre outros. Mas é quase impossível compreendermos o “como” leitores de outro tempo leram determinadas obras e autores.

Na pesquisa sobre o acervo de livros escolares, no Museu da Escola Catarinense, desenvolvida por Maria Teresa Santos Cunha (2009) e intitulado como *Uma biblioteca anotada: caminhos do leitor no acervo de livros escolares no Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60/século XX)*, a pesquisadora tem como objetivo investigar a história do livro e das práticas de leitura não somente através de documentos oficiais, mas através do olhar das pessoas comuns de sua localidade e que colaboraram para a formação do acervo.

O Museu da Escola Catarinense, localizado em Florianópolis, foi criado em 1992 e é uma instituição vinculada à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O museu, que possui em seu acervo cerca de 277 livros escolares⁸, tem como intuito recolher doações de objetos ou livros, utilizados na escolarização ou no magistério, que estavam restritos às bibliotecas privadas; preservar o patrimônio escolar e tentar atribuir significações para as marcas das presenças de leitura deixadas “nas bibliotecas anotadas” (Cunha, 2009, p.2), na busca de construir um passado.

Com essa pesquisa podemos compreender que considerando os vestígios variados de uso de seu portador encontrados no interior das obras - por exemplo, o nome do proprietário,

⁸ Dados de 2006.

carimbos, dedicatórias, frases sublinhadas, anotações marginálias, objetos relíquias (bilhetes, flores secas, convites, santinhos, ingressos, fotografias, etc), entre outros registros de cunho pessoal -, que registram de alguma forma a presença e a experiência de um leitor, conhecemos um pouco mais sobre as impressões, interpretações e as formas de leitura e interação dos sujeitos que as leram, que muitas vezes por terem vivido em uma época diferente da do pesquisador sua prática pode possuir um significado distinto na relação entre o leitor e os livros.

Na tese de doutorado de Helen de Castro Silva (2002), cujo título é *A biblioteca da Fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX*, a autora apresenta um estudo sobre a Biblioteca Particular da Fazenda Pinhal identificando a sua importância e riqueza como representativa dos padrões de leitura da elite do final do século XIX para o XX, com referência nos proprietários e demais moradores da fazenda, que exerceram um papel importante na sociedade cafeeira paulista.

A Fazenda Pinhal localiza-se em São Carlos, município do Estado de São Paulo, e pertencia à família do político e empresário Antonio Carlos de Arruda Botelho, o Conde do Pinhal. Com o intuito de preservar o grande acervo particular, seus atuais proprietários resolveram recorrer à Universidade Estadual de São Carlos para que os livros recebessem um tratamento adequado e estivessem mais acessíveis para um maior número de pessoas e pesquisas, que quisessem discutir a respeito da literatura e história local da passagem do século XIX para o século XX.

O acervo, que até o término da pesquisa relatada possuía registrado cerca de 1539 exemplares, entre eles: livros, magazines ilustrados, obras de ficção, partituras, almanaques, obras de história, jornais e cadernos de anotações; conta com a presença tanto de assuntos que auxiliavam as atividades cotidianas e profissionais da família como de obras expressivas da literatura nacional e internacional. Muitos itens, assim como os livros apresentados na

pesquisa anterior, possuem diversas marcas de leitura e do tempo. Nessa biblioteca estão presentes, além dos livros que pertenceram ao Conde do Pinhal, doações de outros membros da família e amigos e, também, aquisições em sebos de obras consideradas “de época”. Desta forma, ela não é genuinamente a biblioteca particular do Conde do Pinhal, mas sim de “várias gerações da família e ainda por outras que compõem o universo da leitura de referido período” (Silva, 2002, p.15).

A pesquisa é composta por aspectos metodológicos tanto de ordem quantitativa quanto qualitativa. Na perspectiva quantitativa, a pesquisadora se volta para a formação, preservação e composição do acervo (realizando seu inventário e higienização) e, para a identificação dos leitores e das práticas de leitura da família, através das marcas de propriedade dos livros e de leitura feitas pelos seus usuários. Na perspectiva qualitativa, ela relaciona esses dados com o porquê das obras serem escolhidas e o modo como eram realizadas, juntamente com os aspectos e padrões socioculturais da classe social e período que a família do Conde do Pinhal viveu e formou a sua biblioteca, chamada de *belle époque* brasileira.

Ainda que as pesquisas inventariadas apresentem interesses diferentes em relação ao nosso trabalho, pois nenhum deles possui o mesmo foco do nosso estudo - um acervo particular de uma leitora “comum” formado principalmente por obras da primeira metade do século XX, no estado de São Paulo -, elas nos ajudam a pensar teórico-metodologicamente o nosso objeto de investigação.

Todas elas são desenvolvidas na perspectiva da História Cultural (Chartier, 1990, 1997; Darnton 1990) e tem em comum o esforço de compreender a história da leitura, do livro e dos leitores. Todas elas, conforme era nossa intenção no momento da busca, se referem na descoberta “do quê” as pessoas, tanto ilustres quanto “comuns”, ou ainda, comunidades de leitores ligados a uma região ou instituição, *liam* e “como” realizavam essa leitura em determinado momento histórico.

Na primeira pesquisa citada por nós, realizada por Darnton (2009), por exemplo, o enfoque foi a influência que as leituras, principalmente das obras de Rousseau, tiveram na vida de um homem europeu “comum” (Jean Ranson) do século XVIII. No segundo trabalho, produzido por Cunha (2009), a preocupação da pesquisadora foi na construção de conhecimentos a respeito da história do livro e da leitura, a partir do acervo e dos resquícios de leitura de seus proprietários, encontrados nos livros e objetos escolares doados pela comunidade local ao Museu da Escola Catarinense, localizado em Florianópolis (SC), durante o século XX. E, na última pesquisa, de Silva (2002), o objetivo foi a investigação das obras de uma biblioteca particular, o reconhecimento das práticas de leitura de uma família de renome na sociedade paulista e verificação das coincidências entre as obras presentes no acervo com os padrões culturais existentes na época, isto é, na passagem do século XIX para o XX.

Conforme as necessidades de um período histórico, a atualidade da questão pode-se definir pelo conhecimento do quê e como determinados sujeitos ou grupos, de diferentes idades, classes sociais e localidades, se dedicaram a essa prática, ressaltando a importância da leitura para o desenvolvimento de seu repertório cultural, considerando nesse universo tanto a instrução quanto a construção do conhecimento, a formação moral ou apenas o entretenimento, pois os livros e suas leituras são vestígios que nos permitem aproximar de um tempo e de uma sociedade e que podem nos auxiliar na compreensão dos tempos atuais e no nosso futuro.

Como a leitura nem sempre se realizou da mesma forma no decorrer do tempo e tampouco é a mesma em todos os lugares, os assuntos mais abordados nas pesquisas estudadas, apresentam diversidade de exigências investigativas, pois a nossa análise do passado está marcada pelas visões de nosso tempo.

Nesse sentido, é importante dizer que esta pesquisa se insere no campo de História do Livro, da Leitura e de Leitores, mais especificamente no que investiga a constituição das

bibliotecas particulares (as obras escolhidas, as temáticas e estilos preferidos, os autores mais valorizados, as editoras mais influentes, os anos com maior número de publicações, demais profissionais que atuam nos procedimentos editoriais, espaços de circulação de livros, etc.) e as práticas de leitura de pessoas “comuns” (quem são os leitores e os resquícios de leitura deixados por eles).

Desta forma, estudos que se dedicam às bibliotecas particulares de pessoas comuns como objeto de análise, se fazem importante, pois eles podem contribuir para o entendimento dos aspectos intelectuais e culturais da formação de um leitor, assim como, mais amplamente, da mentalidade dos leitores de uma época, pois a história dos livros se cruza com a história de seus leitores. Assim, apesar de se reconhecer as dificuldades em entender as formas de existência da cultura escrita em sua completude, esperamos que com o nosso trabalho possamos contribuir para o crescimento dessa linha de pesquisa e com os conhecimentos da história dos livros e das práticas antigas de leitura no Brasil.

2. Biografia de D. Dalcy Zugliani Borghe

*O livro traz a vantagem
da gente estar só e ao mesmo
tempo acompanhado.*
Mario Quintana

Para termos um maior conhecimento sobre a formação do acervo e os motivos que levaram sua proprietária a preservá-lo por tantos anos, faz-se necessário que investiguemos sua história e encontremos nela aspectos que dotem essa biblioteca pessoal de significados. No momento inicial, a etapa de limpeza e catalogação dos materiais, não podia compreender a importância de cada um dos detalhes observados, tais como: nomes escritos; bilhetes e pedaços de papéis encontrados entre as páginas; anotações realizadas; títulos, autores, temáticas selecionadas e etc., sem conhecer o que estava por trás deles. Sentíamos muita necessidade de saber qual o papel que eles desempenhavam na vida dessa mulher, como ela adquiria esses materiais, como os conservava e os organizava, quais eram as suas práticas de leitura para começar a delinear e entender a importância desses livros estarem presentes nessa coleção.

Para reconstruirmos o caminho trilhado por esses livros realizamos uma entrevista semi-estruturada⁹ com Cláudia Maria Borghe Antonelli, filha da protagonista de nosso trabalho, na manhã do dia 27 de março de 2012, em sua própria casa. O áudio da entrevista foi gravado e nela estavam presentes a Prof^a Dr^a Norma Sandra de Almeida Ferreira e a Prof^a Dr^a Lílian Lopes Martins da Silva e as estudantes de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Franciane Martins da Costa e Mariana Aparecida Apolinário. A entrevista, que teve duração de aproximadamente uma hora e meia, foi iniciada de forma que a depoente pudesse falar à vontade sobre as lembranças que possuía de sua mãe. No decorrer

⁹ O roteiro da entrevista está disponível no Anexo 4, p. 130. A entrevista foi transcrita totalmente e parte de sua transcrição está disponível no Anexo 5, p. 131.

do relato, fomos acrescentando questões pontuais sobre fatos que não estavam bem claros e outras que estavam presentes em nosso roteiro, que foi previamente elaborado.

Desta forma, temos como intuito neste capítulo, apresentar algumas passagens da biografia da proprietária do acervo que nos ajudará a compor a imagem dessa mulher, que não era uma letrada e nem uma profissional da leitura, mas sim uma pessoa comum que, segundo as informações obtidas nessa entrevista, tinha adoração pelos livros e, por isso, formou a sua biblioteca particular.

O acervo em questão pertenceu à D. Dalcy Zugliani Borghe. Ela nasceu no início do século XX, mais especificamente no dia 18 de dezembro de 1917, em Mineiros do Tietê, uma pequena cidade do interior de São Paulo. Nesta localidade, ela morou durante toda a sua infância e juventude juntamente com seus pais e seus três irmãos mais novos – José, Milton e Mirtes - concluindo a sua Educação Básica até o Secundário, nível de escolaridade que equivale ao que hoje denominamos Ensino Médio.

Quando jovem, uma das poucas formas de diversão em sua cidade era frequentar a praça, onde meninos circulavam de um lado e meninas do outro, possibilitando os encontros e as “paqueras”, opção que D. Dalcy não suportava. Preferia, em vez disso, ficar em sua casa lendo seus livros de poesias, conforme nos contou sua filha durante a referida entrevista.



Ilustração 1 - D. Dalcy com 20 anos, aproximadamente.

Quando seus três irmãos terminaram o ginásio, por volta dos anos 1940, foi decidido que eles se dirigiriam a São Paulo para prosseguirem os seus estudos, pois a cidade de Mineiros do Tietê, não possuía nenhuma infraestrutura que possibilitasse realizar um curso superior. Como irmã mais velha, D. Dalcy os acompanhou, cuidando deles para que pudessem cursar a faculdade. Apesar de sua vida ser permeada pelo amor aos livros e também ter o sonho de ingressar em uma universidade na área da educação, pois gostava de ler e se interessava muito em aprender com suas leituras, muitas oportunidades lhe foram negadas e o seu desejo não pode ser concretizado devido, principalmente à 2ª Guerra Mundial que afetou a vida econômica, social e política de nosso país. Porém, todos os seus irmãos conseguiram dar continuidade aos estudos e se formaram: José, em Medicina, Milton em Direito e Mirtes, em Pedagogia.

Ela não fez a área da educação, ela não chegou a fazer curso superior porque faltou muita oportunidade, ela pegou época de guerra, então, quando ela estava para ingressar, porque o sonho dela era mesmo ir pra essa área da educação, aí, ela não conseguiu cursar o superior, mas ela foi uma pessoa extremamente autodidata, então, tudo ela se interessava, ela lia.¹⁰

Na cidade de São Paulo, em um tempo que não era comum uma mulher ter uma vida profissional, D. Dalcy trabalhou como secretária em uma grande empresa do ramo da engenharia e construção, emprego que reconhecia ter contribuído muito para o seu crescimento. Como não tinha estudo específico para essa ocupação, contava para seus familiares que somente conseguiu passar nos testes de seleção devido ao seu perfil autodidata, pois como lia bastante, foi adquirindo conhecimentos que possibilitaram o seu destaque perante os outros concorrentes.

Com uma visão mais esclarecida e diferente das mulheres de seu momento histórico, ela se casou tarde para a sua época, com mais de 35 anos. Talvez, isso possa ter sido decorrido do fato de sua personalidade muito independente, o que a tornava uma pessoa decidida, firme

¹⁰ Trecho da entrevista concedida por Cláudia Maria Borghe Antonelli, Anexo 5, p. 131.

em seus objetivos e com temperamento forte e opinativo. Ela se casou com Ayres Borghe, que era comerciante. Depois de casados, eles se mudaram para Campinas e tiveram duas filhas, Cláudia Maria e Celeste Maria Borghe. Após a mudança para Campinas, D. Dalcy não trabalhou mais fora de casa.



Ilustração 2 - D. Dalcy com 35 anos, aproximadamente.

Com o casamento e o nascimento de suas duas filhas, D. Dalcy passou por um período no qual não possuía muito tempo para se dedicar à leitura de seus livros, fato que foi destacado na entrevista. Com isso, ela decidiu guardar seus livros para que, quando estivesse com a vida mais ‘sossegada’, pudesse voltar a se debruçar sobre eles.

Quando suas filhas eram crianças, ela tinha o costume de ler histórias e poesias para elas e gostava de incentivá-las ao hábito da leitura. Apesar de não terem a mesma adoração que a mãe e manuseado pouco os livros pertencentes ao seu acervo, Cláudia relatou que elas gostavam bastante de ler livros com assuntos do interesse de cada uma e frequentaram bibliotecas. Durante os anos escolares, D. Dalcy ajudava suas filhas nas tarefas e acompanhava de perto o desempenho das meninas. Por não ter conseguido ingressar no ensino superior, ela queria muito que as filhas pudessem cursar uma faculdade e deu todo o

apoio necessário para que isso fosse realizado. Sendo assim, sua filha Cláudia de formou em Letras e a Celeste em Psicologia. Carreiras ligadas à área de Humanas, o que entre outras exigências, pressupõe uma familiaridade com leitura de textos, com a linguagem escrita.



Ilustração 3 - Em 1979, com 62 anos, no aniversário de um ano de uma das netas.

Quando D. Dalcy estava com aproximadamente 70 anos ela ficou viúva, mas viveu ainda cerca de 20 anos após a morte de seu marido. Sempre teve uma boa saúde, entretanto, aos 78 anos, descobriram que ela possuía uma doença degenerativa, um problema na parte posterior do olho, que a impossibilitava de enxergar e, conseqüentemente, de ler os seus tão amados livros, pois foi perdendo a vista aos poucos. Apesar da dificuldade para ver, ela continuou sua vida normalmente: morava sozinha, viajava com suas amigas, pegava táxi, ia ao médico e não gostava que seus familiares cuidassem dela – principalmente quando o cuidado vinha do mais novo para com o mais velho – tendo eles que perguntar sempre sobre sua saúde, pois ela não contava e não queria que eles se preocupassem. Ela não demonstrava seus problemas de saúde e não ficava reclamando ou chorando por causa deles, tanto que poucas pessoas de seu convívio sabiam de sua doença, devido ao seu estilo de vida. Muito batalhadora e firme em seus objetivos, D. Dalcy tinha muita esperança em recuperar a sua visão, procurando todos os tratamentos e especialistas sobre os quais tinha conhecimento.

Então, ela guardou tudo, ela falou quando eu tiver uma vida mais sossegada eu vou voltar a ler, escrever, não sei quê, mas aí, apareceu esse problema na vista dela. Isso para ela... Porque o que ela mais adorava era leitura, livros, poesia, pinturas, tem um monte de telas que ela pintou, um monte de quadros e ela foi perdendo a vista. Então, ela já, aí, ela não conseguia mais ler isso aqui, no final da vida, ela não conseguia mais ler. Ela teve degeneração, fundo de olho. Sabe? Uma coisa degenerativa, então, foi o que ela sofreu muito porque o que ela mais gostava... Entendeu? [...] Mas ela não demonstrava não, não... Nunca chorou pra ninguém por causa disso e poucas pessoas sabiam que ela tinha. [...] Ela tinha muita esperança em voltar a enxergar pra poder voltar a ler esses livros. Ela punha uma lupa e ela achava, tudo que ela ouvia na televisão “Ah! Um médico, um tratamento pra visão”, ela queria ir... Ela achava que ia recuperar.¹¹

Mesmo com a baixa visão, ela buscava alternativas para satisfazer a necessidade de conhecimentos e de leituras que pudessem acrescentar saberes em sua vida. No início da sintomatização, quando sentia somente um incômodo e os médicos não tinham descoberto sua doença, pois pensavam ser apenas uma catarata, ela utilizava uma lupa para realizar as suas leituras. Depois, por volta de seus 85 anos, quando esse instrumento não supria mais as suas dificuldades, por sua doença estar mais avançada, ela ligava a televisão e ficava escutando seus programas culturais e de culinária favoritos. Como não conseguia mais anotar e ler suas receitas, D. Dalcy as decorava, desenvolvendo ainda mais a sua memória. Por não gostar de ser dependente, eram raros os momentos em que ela pedia diretamente para que alguém lesse ou escrevesse algo para ela. Por outro lado, ela se reunia frequentemente com algumas amigas para conversarem e ouvirem poesias, declamadas elegantemente por uma delas.



¹¹ *Iden.*, Anexo 5, p. 131.

Ilustração 4 - Em 2006/07, durante a festa de final de ano, aos 90 anos, aproximadamente.

Somente no último ano, quando sofreu um Acidente Vascular Cerebral – AVC e não pode se recuperar muito bem devido a sua idade avançada, ela precisou que seus familiares dedicassem uma atenção especial a ela, acompanhando-a aos tratamentos e em sua rotina diária. Mas, mesmo assim ela se sentia incomodada com essa situação e não queria atrapalhar a vida de quem estava cuidando dela. Após uma vida repleta de amor aos livros e cuidados aos seus familiares, D. Dalcy falece aos 92 anos, no dia 6 de maio de 2010.

2.1 Sua relação cuidadosa com o acervo: formação e organização

Durante a entrevista nos deparamos com alguns fatos, muitas vezes surpreendentes, que nos possibilitaram conhecer o modo como esse acervo foi construído, organizado e a forma afetiva de D. Dalcy se relacionar com esse material.

Primeiramente, descobrimos que a maioria dos livros pertencentes à sua biblioteca foram doados por seu tio materno, Gabriel Peliciotti, nascido por volta de 1897. D. Dalcy gostava muito de estar em contato com ele, pelo fato de que era da área da educação – ele foi diretor da Faculdade Mackenzie de São Paulo – e possuía muitos livros. Ele era casado com Júlia Pires de Campos Peliciotti, formada em Pedagogia, e teve um único filho, João Gabriel Peliciotti, que era aviador e morreu muito jovem em um acidente de avião, não deixando herdeiros para o casal. Pouco antes de falecer, aproximadamente em 1950, Gabriel, conhecendo o seu cuidado e amor pelos livros, destinou muitos de seus livros a D. Dalcy.

Ele era tio da minha mãe, foi ele que doou esses livros para a minha mãe, porque a minha mãe gostava muito de estar em contato com ele porque ele era dessa área, ele sempre teve muito livro e ela vivia, ela gostava, tanto que quando ele faleceu, a esposa disse que ele pediu pra que doasse muitos livros para a minha mãe. Entendeu?¹²

¹² *Ibidem.*, Anexo 5, p.131.

Ainda sobre o processo de formação da biblioteca pessoal de D. Dalcy, quem a conheceu ao menos um pouco, se recorda de uma mulher que possuía o hábito de guardar, uma “guardadeira”, visto que em sua casa havia um conjunto de objetos de vários tipos que ela colecionava, dentre eles estavam as suas porcelanas, missais, materiais e manuais de costura, bordado e pintura, etc.

Como ela gostava muito de ler, a construção de seu acervo não foi diferente, ela foi reunindo e acumulando livros de todos ao seu redor, formando uma rede de textos, pois além dos mais antigos que pertenceram ao seu tio Gabriel, guardou também almanaques que foram utilizadas por sua mãe e cartilhas de seus irmãos, além de obras mais recentes, como atlas e outros materiais didáticos, que suas filhas usaram na escola. É possível que ela tenha obtido livros por outros caminhos, mas não conseguimos identificar essa circulação devido ao fato de que os nomes de seus proprietários não constam em todos os livros.

D. Dalcy guardava seus livros com muito apreço e cuidado, mantendo tudo organizado até o final de sua vida. Separava-os com etiquetas, fitas e bilhetes, segundo as áreas de conhecimento que eles pertenciam e encapava-os para melhor conservá-los. Fez um quarto planejado em seu apartamento com a intenção de guardar os seus livros e, para protegê-los dos estragos causados pela umidade e animais como traças, ela espalhou um pozinho branco, chamado *Neocid*, que teve que ser retirado para o manuseio do material durante a pesquisa. A limpeza de todo o material foi realizado no interior da *Biblioteca Prof^o Joel Martins*, pertencente à Faculdade de Educação da UNICAMP, sob orientação da bibliotecária Rosemary Passos, que nos auxiliou e forneceu todo o material adequado para a limpeza dos livros, como a máquina de higienização de livros, pincel, avental, luvas, máscaras, touca, etc.¹³

¹³ Sobre os materiais utilizados na higienização dos livros, ver as fotos no Anexo 2, p. 108.

Quanto a suas práticas de leitura, D. Dalcy gostava muito de ler e reler seus materiais, que não eram poucos. Seus interesses eram muito variados, desde culinária, artes manuais, fotografia, pintura, costura, etc., mas o principal eram as poesias. Ela não tinha o costume de comprar muitos livros para ela, pois gostava mesmo era de ler as obras que já tinha e os jornais e revistas de sua casa, prática conhecida pela História da Leitura como leitura intensiva, isto é, a leitura de poucas obras, repetidas vezes e de forma reflexiva (Darnton, 2009). Ela também possuía caixas com fotos e folhinhas que utilizava para pinturas de quadros e cadernos de poesias que ela copiava ou recortava e colava de jornais, revistas e livros, tudo separado dentro de plásticos para melhor serem organizados e conservados. Muito caprichosa, ela desenhava em seus cadernos de poesias, assim como nos cadernos escolares de seus irmãos e filhas, e, como possuía uma caligrafia muito boa e desenhava muito bem, todo o material ficava enfeitado com muito esmero. Em seu acervo há muitos cadernos em que podemos constatar seu hábito de copiar ou recortar poemas de seu interesse ou ilustrá-los com imagens. Segundo sua filha Cláudia, D. Dalcy gostava de ler suas obras na mesa da cozinha ou da copa de sua casa, lugar onde ela aproveitava para organizá-los e colocá-los no lugar, também. Ela não costumava se recolher e ficar isolada para realizar suas leituras, preferia fazê-las rodeada pelas pessoas, comentando – algumas vezes – com seus familiares sobre o que estava lendo.

O seu acervo era utilizado não somente por ela, mas por todos os familiares que precisavam de alguma coisa que ele pudesse oferecer. Ela estava sempre pronta para ajudar alguém a realizar alguma pesquisa e, se sentia bem pelo fato de seu acervo poder ser útil, tanto que algumas obras possuem alguns recortes de figuras que possivelmente foram utilizados para ilustrar trabalhos escolares. Como também tinha muitas habilidades na costura e possuía muitos materiais, ela se sentia muito satisfeita em ser procurada para auxiliar na

confeção de fantasias de carnaval ou outras festas, estando sempre disposta a ajudar. Desta forma, D. Dalcy sentiu muita falta quando os netos cresceram e foram tomando o seu rumo.

Ah! Um trabalho... [...] Sempre era na casa da minha mãe porque ela tinha todo o material, entendeu? Então, ela tinha todo o material para fazer a pesquisa. Pra fazer trabalhos, que a gente fazia trabalhos em grupos e pesquisava... Então, era tudo lá porque ela tinha todo o material. [...] Mas era assim, quando precisava de alguma coisa ligava para a minha mãe e ela ficava feliz da vida porque sempre, lógico que ela tinha... Ela tinha tudo!¹⁴

Ela possuía uma grande preocupação a respeito do destino que seus livros tomariam quando ela não pudesse mais cuidar deles e mantê-los em ordem, pois reconhecia que os tempos são outros e que seus familiares não possuíam a mesma proporção de interesse que ela. Segundo Cláudia, ela sempre dizia “*O que vocês vão fazer com os meus livros quando eu morrer? Pelo amor de Deus, os meus livros!*”.

No momento em que estávamos conhecendo o acervo, encontramos um bilhete no seu interior, escrito por D. Dalcy em janeiro de 1980 para, provavelmente, uma de suas netas:

A vovó estava querendo jogar no lixo estes: livros, recortes, álbuns, etc. porém, pode realmente parecer “lixo”, mas não são. Se você analisar bem, terá muita pesquisa as suas mãos! Terá bastante coisa pra curtir!!!.... Depois de você haver tirado proveito, ‘de’ para as crianças pobres divertirem-se! Desejo que você goste de ‘lêr’: leitura, “quanto mais antiga, mais proveitosa”. Sinta saudades, e reze para a vovó. Dalcy.

¹⁴ *Ibidem*, Anexo 5, p. 131.

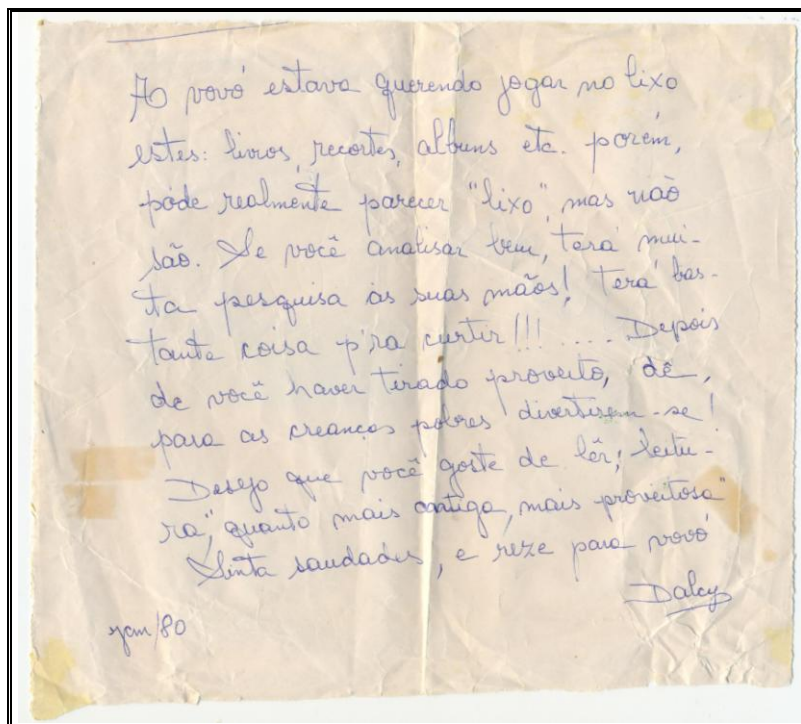


Ilustração 5 – Bilhete encontrado junto aos livros.

Neste bilhete, podemos perceber a importância que ela dedicou a esses livros e o seu desejo de que eles permanecessem sendo utilizados e não fossem depositados no lixo, pois mesmo em um momento em que ela tenta se desfazer desse material, ela orienta as pessoas para “curtir” o que eles oferecem e, “tirado proveito”, “se divertirem”, sugerindo para doá-los a outras pessoas, que de alguma forma poderiam passar dificuldades no acesso ao conhecimento como ela.

Atenta aos desejos, expressados por D. Dalcy, de que este material continuasse a ser conservado e útil para as outras pessoas, sua filha Cláudia, querendo satisfazê-los, procurou sua vizinha e amiga Lílian, professora doutora da Universidade Estadual de Campinas e membro do grupo de pesquisa ALLE, no qual esse trabalho está inserido, para averiguar se esse acervo era de seu interesse.

Entretanto, nem todos os livros que pertenciam à biblioteca particular de D. Dalcy foram doados para o grupo de pesquisa ALLE, pois a professora Lílian selecionou produções que possuíam maior importância para os estudos do seu grupo e para outros ligados a

professores da Faculdade de Educação, como: livros que representavam a história da leitura e da alfabetização e aqueles que revelavam uma perspectiva histórica das disciplinas que compõem o currículo da escola básica.

Outros livros foram doados pela família para amigos que também apresentaram interesse em conservá-los ou dar um destino a eles. Os manuais de costura e bordado e os missais, livros de missas antigas escritas em latim e com encadernações especiais, foram mantidos com a sua filha, Cláudia como parte da recordação de sua mãe.

Nessa distribuição e doação dos livros muito da organização e cuidados depreendidos pela D. Dalcy foram perdidos, na medida em que as pessoas manuseavam e tomavam posse deles. Cláudia nos relatou que acredita que ela ficaria muito feliz em saber que o carinho que ela dedicou a seus livros durante todos esses tempos agora está produzindo resultados e sendo objeto de estudo e pesquisa de um grupo da Faculdade de Educação da Unicamp.

3. O acervo pessoal de D. Dalcy Zugliani Borghe

Um país se faz com homens e com livros.
Monteiro Lobato

Considerando que os livros são objetos repletos de sentidos e valores, que carregam marcas de seus leitores, assim como da época em que foram utilizados, temos como intuito, neste capítulo, apresentar os dados coletados durante a catalogação dos livros do acervo.

Para efeito de pesquisa, realizamos tabelas que classificam os livros em diversas categorias, como: títulos, assuntos abordados, datas de publicação, autores, editoras. Sendo assim, podemos observar melhor as informações e destacar quais são as peculiaridades dessa biblioteca particular. Após a análise dos quadros, buscamos por fontes de pesquisa que pudessem nos indicar os motivos pelos quais determinados autores ou editoras se apresentam de forma mais expressiva do que outros.

No levantamento do acervo estudado pôde-se identificar 62 exemplares¹⁵ (sendo eles: 37 livros, 5 Almanques e 20 outros materiais, como folhetos de publicidade com diversas informações, cadernos com seleções de poemas escritos à mão, cadernos escolares, etc.) que podem nos dizer muito a respeito das obras, dos autores e assuntos mais recorrentes que uma mulher que viveu no século XX leu, guardou em sua biblioteca particular e recebeu de outras pessoas durante a sua vida, acumulando-os por considerá-los importantes e significantes. Por esse conjunto de livros podemos inferir quais eram seus interesses de leitura e seu jeito particular de lidar com os objetos da cultura escrita.

A análise de uma biblioteca, seja ela de uma instituição ou pertencente a uma pessoa célebre ou comum, se mostra de importância relevada, porque a partir do acervo podemos identificar os aspectos pessoais, sociais e políticos que influenciaram a escolha dos livros que a constituem, pois “cada biblioteca é uma biblioteca de preferências e cada categoria

¹⁵ As fichas completas dos livros, almanques e materiais diversos encontram-se no Anexo 3, p 110.

escolhida implica em uma exclusão” (Manguel, 1997, p.226). Conhecendo o acervo poderemos, também, compreender o que era considerado um conhecimento de valor na época, para as pessoas comuns, pois as bibliotecas particulares são símbolo de prestígio social e possuem relação direta com os pensamentos e ideais de seu proprietário.

Uma biblioteca cuidada ao longo da vida de uma pessoa revela um gosto de guardar, acumular entre um conjunto de objetos, alguns que por algum motivo mereceram ser escolhidos. Por isso, olhar para um acervo acumulado por uma pessoa é inferir as importâncias e relevâncias que ela deu a alguns objetos e não a outros.

Durante a limpeza e catalogação das obras foi encontrado, entre os livros do acervo, um pedaço de papel com a seguinte anotação: *“Livros velhos super-interessantes como: histórias, cartilhas... gosto de ‘reve-los’”*.

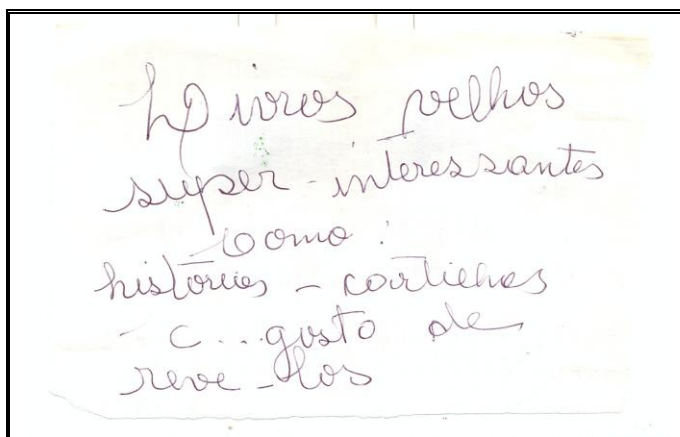


Ilustração 6 – Bilhete encontrado junto aos livros.

Tendo em vista o início da pesquisa, a partir da leitura dessa declaração foi despertado ainda mais o interesse de investigar o que esses livros têm de tão especial que carregavam tanta estima de sua colecionadora.

Uma possibilidade para compreendermos os motivos de D. Dalcy considerar esses livros super-interessantes e guardá-los no decorrer de sua vida com tantos cuidados, é entender o livro como algo representativo não somente pelo seu conteúdo e forma, mas pela

recordação das sensações vividas no contexto de sua leitura ou de identificações com as personagens. Na pesquisa realizada por Goulart (2009), os livros se apresentaram, através dos depoimentos de seus entrevistados, como objetos que ultrapassam a sua materialidade e que estão “impregnados de passado”, pois além de enriquecer a imaginação com as suas leituras, possibilitam reconstruir a memória, despertando lembranças de um tempo, de locais e de pessoas representativas, com sentimentos e emoções que estavam esquecidos.

“Na reconstituição de cenas e momentos, esse livro-objeto adquire o papel de um amuleto da memória, passa a ser um elo entre o indivíduo e seu passado. Preservar esse material é também conservar as reminiscências das situações vividas, de pessoas que foram significativas e de uma fase da vida que não cai no esquecimento. O livro concretiza registros que foram selecionados para não serem descartáveis no tempo.” (p. 125)

Desta forma, um mesmo livro pode apresentar sentidos distintos para cada pessoa e pode ser interpretado de formas diferentes, em diversas etapas da nossa vida. Para algumas pessoas, guardar consigo o seu livro acaba se tornando uma necessidade, devido às distintas funções simbólicas que o livro exerceu em sua vida, seja, por exemplo, abrindo o caminho para novas descobertas e conquistas amorosas, a realização de viagens fantásticas, o conhecimento sobre novas culturas, pelo seu sinônimo de sabedoria, como um regimento de valores morais e éticos ou pela possibilidade de uma mudança em seu nível social e econômico, através de uma atualização profissional.

Este trabalho terá como intuito apenas se dedicar à análise mais aprofundada dos livros presentes no acervo, deixando como oportunidade para futuras pesquisas os outros diversos materiais, como os almanaques e os cadernos manuscritos de poesias.

Para facilitar e direcionar a apresentação e análise dos dados coletados, dividimos o acervo em 3 módulos: os livros (relatando os títulos das obras, as áreas do conhecimento e as datas de publicação), seus autores e suas editoras. Para as duas últimas categorias,

apresentaremos a biografia dos autores e a história de formação das editoras que mais se destacaram no acervo, a fim de podermos conhecer a sua importância na História do Livro e da Literatura e, posteriormente, analisarmos essa biblioteca particular como representativa de um tempo.

3.1. Os Livros

*Que são as palavras impressas em um livro?
Que significam estes símbolos mortos?
Nada, absolutamente. Que é um livro se não o abrimos?
É, simplesmente, um cubo de papel e couro, com folhas.
Mas, se o lemos, acontece uma coisa rara:
creio que ele muda a cada instante.*
Jorge Luis Borges

Os livros que serão estudados nesta pesquisa, como dito no capítulo anterior, são parte de um acervo maior pertencente à D. Dalcy Zugliani Borghe, que nos foi doado porque poderiam ser de interesse ao grupo de pesquisa ALLE, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Com a atenção despertada pela pesquisa *Uma biblioteca anotada: caminhos do leitor no acervo de livros escolares no Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60/século XX)*, realizada por Maria Teresa Santos Cunha (2009), pudemos constatar diversos vestígios de leitores através dos aspectos físicos dos livros e de escritos localizados em seu interior. A maioria dos livros apresenta suas folhas amareladas e as páginas se soltando da encadernação. Em alguns casos, outros sinais do tempo são observados, como: livros sem capa, folhas frágeis e rasgadas ou comidas por traças, algumas páginas faltando. No entanto, podemos perceber uma preocupação da proprietária em protegê-los, pois há alguns livros que estão encapados, um sinal de zelo e afeto com o material. Muitas marcas de uso/leitura, também, são encontradas, por exemplo, o registro de demarcação da posse, com os nomes dos leitores;

idades, data e ano escolar em que foram utilizados; dedicatórias; autógrafo do próprio autor da obra; anotações marginais; desenhos pintados; recortes de ilustrações; bilhetes; marcas textos; uma página de jornal guardada, etc.¹⁶

Com o intuito de organizar e auxiliar a análise dos títulos das obras, elaboramos dois quadros: o primeiro composto com todos os títulos presentes no acervo e o segundo referente às áreas do conhecimento que eles pertencem.

Quadro 1 – Dados gerais sobre as obras.

Título	Autor	Editora	Edição	Ano de Publicação
A Crase	Cândido de Oliveira	Serviço Social da Indústria – Subdivisão de Ensino e Cultura		1957
A Namorada do Sapo - Contos Infantis	Sebastião Fernandes	Edições Pongetti		1936
A Nova Ortografia da Nossa Língua	B. Bueno de Moraes	Edições e Publicações Brasil		
Arithmetica Progressiva	Antonio Trajano	Livraria Francisco Alves	66ª Edição	1930
As Férias no Pontal	Rodolpho von Ihering	Secção Editora - Typographia Brazão		1924
Atlas Escolar - Brasil (2ª Parte)	A. G. Lima	Edição da Livraria do Globo		1932
Atlas Histórico Geográfico para uso das escolas do Brasil	João Soares	Livraria Sá da Costa – Editora	2ª Edição	1934
Breves Lições de História do Brasil	Creso Braga	Typographia Piratininga		1918-1921
Cartilha Analytica	Arnaldo de O. Barreto	Livraria Francisco Alves	32ª Edição	1930
Cartilha da Infância	Thomaz Galhardo	Livraria Francisco Alves	141ª Edição	1939
Cartilha de Alfabetação - 1º Ano Primário	Benedicto M. Tolosa	Monteiro Lobato & Cia		1923
Cartilha Intuitiva - Ensino Alfabetação	Faria e Souza	Livraria Editora Record	3ª Edição	1936
Compêndio de História Universal	P. Rafael M. Galanti, S. J.	Typographia Siqueira	6ª Edição	1932
Contos Patrios (Para Crianças) – Educação Moral e Cívica	Olavo Bilac e Coelho Netto	Livraria Francisco Alves	19ª Edição	1923
Corações de Crianças - Leituras Preparatórias	Rita de M. Barreto	Livraria Francisco Alves	48ª Edição	1926

¹⁶ Fotos dos detalhes dos resquícios de leitura e da materialidade dos livros podem ser encontrados no Anexo 6, p. 156.

Curso Prático de Português				S/ Data
Curso Prático de Português				S/ Data
Emília no País da Gramática	Monteiro Lobato	Companhia Editora Nacional	4ª Edição	1940
Fábulas	Monteiro Lobato	Companhia Editora Nacional	8ª Edição	1943
Geografia do Brasil	Delgado de Carvalho	Companhia Editora Nacional	3ª Edição	1943
Gramática Latina	P. João Ravizza	Escolas Profissionais Salesianas	9ª Edição	1940
História da Civilização	Joaquim Silva	Companhia Editora Nacional	4ª Edição	1936
Histórias de Tia Anastácia	Monteiro Lobato	Editora Brasiliense LTDA	9ª Edição	1955
Leitura I	Erasmu Braga	Companhia Melhoramentos de S. Paulo	51ª a 60ª Edição	S/ Data
Leitura II	Erasmu Braga	Companhia Melhoramentos de S. Paulo	29ª Edição	S/ Data
Leitura III	Erasmu Braga	Companhia Melhoramentos de S. Paulo		1921
Leituras Simples - 3º e 4º Graus	Orlando Mendes de Moraes	Typographia Siqueira	15ª Edição	1935
Lindas Histórias (Livro sem Capa, o título apresentado está escrito a mão)				
Livro das Fábulas	Fred Jorge	Editora Prelúdio		S/ Data
Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias	Olavo Bilac e Manoel Bomfim	Livraria Francisco Alves	9ª Edição	1930
Methodo de Calligraphia "De Franco" Sempre é Tempo	Antônio de Franco	Edições do Autor "De Franco"	5ª Edição	1937
Meu Amigo - Cartilha Analítico-Sintética	Valfredo Arantes Caldas	Casa Siqueira	5ª Edição	S/ Data
Novo Atlas de Geographia	J. Monteiro e F. d'Oliveira	Livraria Francisco Alves		1927
O Segredo da Acentuação Gráfica	Antônio de Souza Leal	Editora Anchieta S/A		1945
Páginas Infantis	Presciliana Duarte de Almeida	Escolas Profissionais Salesianas		1914
Recitativos - Pela Instrução	Ainda Maragliano			1946
Sombras que Vivem	João Toledo	Livraria Francisco Alves	4ª Edição	1928

Com um olhar inicial sobre esse quadro podemos observar que este acervo possui 37 livros de diversos assuntos e autores, publicados entre os anos de 1914 a 1955. Há autores que são mais conhecidos pelo grande público, como: Creso Braga, Arnaldo de Oliveira Barreto,

Olavo Bilac, Coelho Netto, Monteiro Lobato, Erasmo Braga, Manoel Bomfim, Presciliana Duarte de Almeida; e outros que não possuíram muito destaque na história escrita dos livros. O conjunto de autores presentes no acervo escreveram obras sobre diversas áreas do conhecimento, utilizando mais especificamente os gêneros dos livros didáticos, literatura infanto-juvenil e poesias.

Na coleção constatamos que há livros avulsos, que não pertencem a nenhuma coleção, mas, também, alguns autores que são escritores de livros pertencentes a uma coleção, por exemplo, Monteiro Lobato com os livros de literatura infanto-juvenil: *Emília no País da Gramática*, *Fábulas* e *Histórias de Tia Nastácia*, que são pertencentes de uma obra mais ampla intitulada como *Sítio do Pica Pau Amarelo*, e, Erasmo Braga, autor dos livros didáticos sobre língua portuguesa: *Leitura I*, *Leitura II* e *Leitura III*, intitulado *Série Braga*.

Um dado relevante, visualizado neste acervo, é o fato de que há livros que estão em edições muito avançadas como: *Cartilha da Infância* de Thomaz Galhardo que está em sua 141ª edição, *Arithmetica Progressiva* de Antônio Trajano em sua 66ª edição, *Leitura I* e *Leitura II* de Arnaldo Barreto em sua 51ª a 60ª edição e 29ª edição, respectivamente, *Corações de Crianças: Leituras Preparatórias* de Rita de M. Barreto em sua 48ª edição, *Cartilha Analytica* de Arnaldo de Oliveira Barreto em sua 32ª edição, dentre outras obras que estão entre a 2ª e 19ª edições.

Outro fato interessante é que há livros como o *Páginas Infantis* (1914) de Presciliana Duarte de Almeida e *Breves Lições de História do Brasil* (1918-1921) de Creso Braga que estão completando quase um século de publicação. Desta forma, ao observar esse quadro, podemos perceber o porquê de a própria dona do acervo nomear os livros presentes em sua biblioteca particular de “livros velhos, super interessantes”.

Na tentativa de identificar algumas informações para completar o quadro de obras que temos em mãos, como autores, editoras e edições que não constam impressos no material,

podemos perceber que por esses livros serem muito antigos eles acabaram se tornando muito valiosos, devido a sua raridade e importância desempenhada em sua época de publicação. Em pesquisa realizada em sites de estabelecimentos de venda de livros usados (sebos)¹⁷ encontramos os seguintes valores comerciais para os seguintes livros:

- A sexta edição de *Férias no Pontal* (1926) de Rodolfo von Ihering possui o valor atual de R\$120,00¹⁸, sendo que a que temos em nossas mãos é de 1924, dois anos mais antiga.
- A publicação do livro *Breves Lições de História do Brasil* de Creso Braga publicadas entre 1919 e 1921 variam entre R\$350,00 a R\$380,08.
- O livro *Cartilha da Infância* de Thomaz Galhardo publicado entre 1942 a 1964 varia de R\$300,00 a R\$350,00, sendo que a obra que temos é a 141ª edição de 1939.
- A obra *Corações de Crianças – Leituras Preparatórias* de Rita de M. Barreto publicada em 1919 custa R\$56,00, mas a nossa edição é de 1926.
- O custo atual do livro *Gramática Latina* de P. João Ravizza publicados em 1940 variam de R\$35,00 a R\$500,00.
- A 60ª edição do livro *Leitura II* de Erasmo Braga tem como valor R\$50,00, no entanto temos em mãos a 29ª edição.
- O livro *Leituras Simples* de Orlando Mendes de Moraes publicados entre 1931 e 1945 variam entre R\$10,00 a R\$70,00. A nossa edição é de 1935.
- O *Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias* publicado por Olavo Bilac e Manoel do Bomfim publicado em 1937 varia em seu valor atual entre R\$68,00 a R\$100,00. A nossa edição é mais antiga, de 1930.
- O valor atual do livro *Methodo de Calligraphia "De Franco" Sempre é Tempo* publicados entre 1938 a 1968 variam de R\$40,00 a R\$250,00. A nossa edição é de 1937.

¹⁷ Dados coletados no site <http://www.estantevirtual.com.br/>, visualizados em 11 de setembro de 2012.

¹⁸ O valor do salário mínimo em 2012 é de R\$622,00.

Quadro 2 – Dados sistematizados sobre as áreas de conhecimentos

Áreas do Conhecimento	
Assunto	Quantidade
Acentuação	4
Caligrafia	1
Cartilha de Alfabetização	5
Composição	1
Educação Moral e Cívica	1
Geografia do Brasil	2
Geografia Geral e do Brasil	1
Gramática	1
História do Brasil	1
História e Geografia	1
História Geral	2
Leitura (Livro Didático)	7
Literatura Infanto-Juvenil	8
Matemática	1
Ortografia	1

Observando esses dados podemos perceber que os livros que compõem o acervo são, em sua maioria, livros de literatura infanto-juvenil e livros didáticos de diversas áreas do conhecimento, sendo o de maior número os livros escolares ocupando, aproximadamente, 78% do acervo total.

Dentre os 29 livros escolares, a área do conhecimento que mais apresenta livros é o ensino de língua portuguesa (acentuação, caligrafia, composição, gramática, leituras e ortografia) com 15 livros, as cartilhas de alfabetização (métodos analítico, analítico-sintético, intuitivo e silábico) com 5 livros, o ensino de geografia (geografia geral e geografia do Brasil) e ensino de história (história geral e história do Brasil) ambos com 3 livros e o ensino de

história e geografia, o ensino de matemática e o ensino da educação moral e cívica, todos com 1 livro apenas.

Os 8 títulos que compõem a área da leitura infanto-juvenil são: *A Namorada do Sapo - Contos Infantis*; *As Férias no Pontal*; *Emília no País da Gramática*; *Fábulas*; *Histórias de Tia Anastácia*; *Livro das Fábulas*; *Páginas Infantis*; *Sombras que Vivem*. Esses livros são de diversos autores, porém um autor que se destaca nessa categoria é Monteiro Lobato, apresentando 3 livros no acervo. No entanto, Arroyo (1968) nos esclarece que podemos ter dificuldade em identificar os livros de literatura infanto-juvenil, para o divertimento do leitor, com os de leitura escolar, para a aprendizagem dos estudantes, e até mesmo nos confundir na classificação, pois

“nem sempre será possível estabelecer-se uma separação nítida entre os livros de entretenimento puro e o de leitura para aquisição de conhecimentos e estudos nas escolas, durante o século passado. Percebe-se que a literatura infantil propriamente dita partiu do livro escolar, do livro útil e funcional, de objetivo eminentemente didático. Daí também ser difícil estabelecer-se aquela distinção. (p. 93-94)”

O terceiro quadro elaborado é referente à data de publicação dos livros: todos os que pudemos identificar a data são pertencentes à primeira metade do século XX. Para melhor visualização dos dados, agrupamos os títulos em relação a sua década de publicação, isto é, entre a década de 1910 à década de 1950.

Quadro 3 – Década de Publicação dos livros

Década de Publicação dos Livros	
Década	Exemplares
1910	2
1920	7
1930	12
1940	6

1950	2
Sem Data	8
Total	37

Assim, podemos observar que o período que possui maior número de publicações, nesse acervo, são as décadas de 1930 com 12 livros, de 1920 com 7 livros e de 1940 com 6 livros, somando um total de aproximadamente de 68% desta biblioteca particular. Dos 37 livros, não pudemos identificar a data de publicação de 8 livros, o que abrange cerca de 22% do acervo.

As décadas em destaque coincidem com o período em que a Literatura Infantil está se inaugurando e consolidando no território nacional. Para uma maior compreensão desse processo, tentaremos apresentar, a seguir, aspectos históricos e educacionais que possivelmente colaboraram para a sua formação, apesar de a Literatura Infantil não possuir uma linearidade - podendo existir manifestações que variam de diversas formas no tempo e no espaço.

Segundo Coelho (1991), no período que abrange a passagem do século XIX para o século XX, momento em que o Brasil passa por grandes transformações sociais, tanto no âmbito econômico, com a Abolição da Escravatura (1888), quanto no político, com a Proclamação da República (1889), a produção literária destinada ao público infantil e juvenil, que era bastante escassa e pobre, torna-se objeto de discussão de reformas do sistema educacional nacional, com leis e pareceres realizados por “Rui Barbosa, Leôncio de Carvalho, Benjamin Constant, Epitáfio Pessoa, Rivadavia, etc” (p.204). Devido a essa preocupação, ocorreu um aumento de traduções e adaptações de obras literárias estrangeiras, principalmente portuguesa, para esse público e se iniciou um movimento de construção de uma literatura infantil brasileira que tivesse como preceitos a valorização do saber e o nacionalismo.

Nesse contexto, os *livros de leitura*, escritos pelos chamados pioneiros da literatura infantil do Brasil, e *as leituras escolares*, ambos produzidos especificamente para as crianças, começaram a surgir para suprir a necessidade de um país que estava se “civilizando”. Os nomes mais representativos nessa época foram: Abílio César Borges, Alexina de Magalhães Pinto, Antônio Marques Rodrigues, Arnaldo de Oliveira Barreto, Carlos de Laet, Fausto Barreto, Felisberto de Carvalho, Figueiredo Pimentel, Francisca Júlia, Francisco Viana, Hilário Ribeiro, João Kopke, Júlia Lopes de Almeida, Manuel do Bomfim, Meneses Vieira, Olavo Bilac, Presciliana Duarte de Almeida, Romão Puiggari, Tales de Andrade, Viriato Correia, Zalina Rolim (Coelho, 1991).

A década de 1920 representou um marco para história da leitura infantil brasileira, pois é neste momento que é publicado a primeira edição de *A Menina do Nariz Arrebitado* (1920) de Monteiro Lobato, obra que é considerada como a inauguração da nossa Literatura Infantil. Esse período sofreu duas grandes influências, de um lado estavam o Romantismo e o Realismo e do outro o Modernismo, iniciado pelo movimento da Semana de Arte Moderna de 1922. No entanto, dentro desta disputa algo se manteve comum, a preocupação com o nacionalismo. No campo educacional, reformas no processo pedagógico, realizados por importantes educadores renovadores, como: Lourenço Filho, Antônio Carneiro Leão, Francisco de Campos, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, contribuíram ainda mais para a constituição da literatura infantil.

Nas décadas de 1930 e 1940, o território nacional passou por uma reorganização política e uma reconstrução econômica. Na presidência de Getúlio Vargas, que implantou no Brasil a ditadura do Estado Novo, eclodiu um grande número de reivindicações sociais em relação às péssimas condições de vida do povo brasileiro e dentre as preocupações mais urgentes estava o setor educacional. Dentre as medidas tomadas que mais favoreceram esse campo foram a criação: do *Ministério da Educação e Saúde Pública* (1930) com Francisco

Campos, “que permitiu a concretização das novas diretrizes da educação pública, abrangendo os cursos primário, secundário e superior” (*idem*, p. 240); da *Constituição de 37*, na qual foram estabelecidas as bases democráticas na Educação Nacional; dentre outros organismos, como o “*Instituto Nacional do Cinema Educativo* (1937), o *Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos* (1938) e o *Serviço Nacional de Radiodifusão Educativa* (1939)” (*ibidem*, p.240). Essas reformas educacionais e o crescente acesso da escolarização pela população auxiliaram a produção da literatura infantil da época, no entanto ela está repleta de *intencionalidade pedagógica* o que prejudica o nível literário de suas obras, pois elas são utilizadas como um mero instrumento de instrução e formação cívica dos estudantes.

Segundo Coelho (1991), o conjunto de produções da literatura infantil do início da década de 1930 versavam sobre diferentes formas de narrativas tanto da fantasia como da realidade. No entanto, alguns setores educacionais tentaram abolir a fantasia da literatura infantil a favor de histórias em que as crianças pudessem conhecer o mundo através da realidade, de uma forma verdadeira. Por influência de produções norte-americanas, essa época foi marcada pelo aparecimento de importantes suplementos juvenis que publicam séries de histórias em quadrinhos, com as aventuras de super-heróis e detetives, porém foi na década de 1940 que esse gênero se tornou mais popular no Brasil, despertando o interesse por obras de ficção científica.

No final da década de 1940, alguns autores brasileiros obtêm sucesso na tentativa de produções de literatura de histórias em quadrinhos brasileiras lançando as séries *Dick Peter* criada por Jerônimo Monteiro sob o pseudônimo de RonnieWells e *Morena Flor* de André Lê Blanc; as revistas *Capitão Atlas* e *Vingador* de Péricles Amaral, *Jerônimo* e *Raimundo*, o *Cangaceiro* de José Lanzellotti e; as revistinhas infantis *Gibi*, *Guri*, *Mirim Sexta-ferino*, *Correio Universal*, *Lobinho*, *Sesinho*, *Vida Infantil*, *Biriba*, etc. (Coelho, 1991). Enquanto o universo literário dos rapazes da década de 40 estava repleto por histórias de aventura, também

havia publicações para o público feminino juvenil, porém eram consideradas de menor qualidade. Chamada de *literatura rósea*, seus livros foram traduzidos pelos escritores Beatriz de Vicenzi, Isa Silveira Leal, Gulnara Lobato Moraes Pereira, Manuel Bandeira, M. J. Brito, Rachel de Queiroz, entre outros, e participaram da formação da geração de mulheres brasileiras dessa época até os anos de 1950.

O cenário educacional, da década de 1940, contou com a decretação da *Lei Orgânica do Ensino Primário e da Lei Orgânica do Ensino Normal – Decreto Capanema de 1946*, que tinham como intuito estabelecer uma base comum ao ensino brasileiro e favorecer a formação do cidadão. Com isso, na literatura infantil o duelo entre a realidade e a imaginação permanece e as obras apresentam um caráter mais didático do que literário, pois foram eliminados praticamente toda a fantasia ou “mentiras”, que sempre povoaram a literatura infantil, com o argumento de que essas irrealidades prejudicariam a formação do espírito das crianças. Desta forma, ganham espaço os *livros documentários* e os de *realismo cotidiano*, que versam sobre a relação das crianças com o mundo natural ao seu redor, deixando no lugar das aventuras apenas as travessuras infantis. Entretanto, muitos autores que participaram desse momento literário conseguiram superar essa questão, não deixando que a fantasia desaparecesse da literatura infantil.

3.2. Os autores: histórias e imagens

*Os autores não escrevem livros:
não, escrevem textos que se tornam objetos escritos –
manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados –
manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso
cujas maneiras de ler variam de acordo
com as épocas, os lugares e os ambientes.
Cavallo & Chartier*

A tabela a seguir nos mostra quais os autores de livros eram de maior preferência pela proprietária do acervo.

Quadro 4 – Autores das Obras.

Autores	
Autores	Exemplares
A. G. Lima	1
Ainda Maragliano	1
Antônio de Franco	1
Antônio de Souza Leal	1
Antônio Trajano	1
Arnaldo de Oliveira Barreto	1
B. Bueno de Moraes	1
Benedito M. Tolosa	1
Cândido de Oliveira	1
Coelho Netto	1
Creso Braga	1
Delgado de Carvalho	1
Erasmus Braga	3
Faria e Souza	1
F. d'Oliveira	1
Fred Jorge	1
J. Monteiro	1
João Soares	1
João Toledo	1
Joaquim Silva	1
Monteiro Lobato	3
Olavo Bilac	2
Orlando Mendes de Moraes	1
Manoel Bomfim	1
P. João Ravizza	1
P. Rafael M. Galanti, S. J.	1

Presciliana Duarte de Almeida	1
Rita de M. Barreto	1
Rodolfo von Thering	1
Sebastião Fernandes	1
Thomaz Galhardo	1
Valfredo A. Caldas	1
Sem Autor	3

O acervo possui cerca de 32 autores diferentes, sendo os que mais se destacam quantitativamente, o escritor Erasmo Braga com três livros: *Leitura I*, *Leitura II* e *Leitura III*, da Série Braga; Monteiro Lobato com, também, três livros: *Fábulas*, *Emília no País da Gramática* e *Histórias de Tia Nastácia* e; Olavo Bilac com dois livros: sendo um em parceria com Manoel Bomfim, *Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias* e, outro com Coelho Netto, *Contos Pátrios (para crianças) – Educação Moral e Cívica*. Em três livros não conseguimos identificar o autor.

Com o intuito de conhecermos mais profundamente o acervo, a seguir traremos algumas informações a respeito da biografia dos autores com maior quantidade de livros, considerando um pouco de sua história pessoal, sua formação acadêmica e profissional, produções, áreas de interesse e atuação.

3.2.1. Erasmo Braga



Ilustração 7 - Erasmo Braga

Erasmo de Carvalho Braga foi um importante intelectual, educador e pastor presbiteriano brasileiro - era poliglota, tradutor, escritor, jornalista e músico (órgão e piano). Ele nasceu em Rio Claro no dia 23 de abril de 1877, mas passou sua infância em Botucatu. Segundo Ferreira (1975), o pai de Erasmo Braga, João Ribeiro de Carvalho Braga, que era português, tornou-se ministro presbiteriano e foi ordenado pastor em 1885, sendo convertido ao catolicismo evangélico após ler uma Bíblia que foi vendida como papel de embrulho, em 1871. Sua mãe era a D. Alexandrina Teixeira da Silva Braga, uma mulher culta e piedosa, que dirigia a Escola Botucatuense, primeira escola de Erasmo.

Quando concluiu o seu curso primário, em 1890, ele se dirigiu a São Paulo para prosseguir seus estudos na Escola Americana, onde impressionou a todos com sua inteligência. Ele pretendia estudar Direito e foi aprovado nos exames de admissão da escola de Direito do Largo São Francisco, porém desistiu para ingressar no recém inaugurado Instituto Teológico e seguir o seu chamado para o ministério evangélico, fato que não foi nada espantoso, pois ele já desde “menino brincava de imitar os pregadores” (Ferreira, 1975, p. 15). Ele concluiu seus estudos aos 20 anos e no mesmo ano foi transferido para o Rio de Janeiro e

ordenado ministro do Evangelho. Em 1899, tornou-se pastor da Congregação Presbiteriana de Niterói, Rio de Janeiro.

Sua vida foi repleta de realizações e interesses em muitas áreas de conhecimento, como a linguagem, a literatura, viagens, história, porém suas maiores preocupações eram referentes à área da educação e à pregação do Evangelho. Ele colaborou em diversos jornais e revistas dentro e fora do Brasil, entre eles: *O Combate*, *A Era*, *O Puritano*, *O Dia*, *A Notícia*, *O Paíz*, *Echo Phonographico*, *Correio Paulistano*, *Revista de Missões Nacionais Portugal Evangélico*, *A Reforma*, *Revista da Cultura Religiosa*, etc. A sua vocação para o magistério o levou a lecionar nas seguintes instituições: *Colégio Progresso* (Niterói), *Mackenzie College* (São Paulo), *Seminário Presbiteriano* (São Paulo e Campinas), *Ginásio “Culto à Ciência”* (Campinas), *Faculdade de Teologia das Igrejas Evangélicas* (Rio de Janeiro), etc.

Em 1909, com a iniciativa do Dr. Joaquim de Carvalho, ele participou como fundador da *Academia Paulista de Letras* juntamente com outros quatro membros: Benedito Otávio de Oliveira, Alberto Faria, Raul Soares de Moura e Basílio Magalhães. Ele também foi membro, efetivo ou correspondente, da *Sociedade Científica de São Paulo* (1903), *Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo*, *Centro de Ciências* (Campinas), *Letras e Artes de Campinas*, *Comissão Brasileira de Cooperação*, *Rotary Club* (Rio de Janeiro), *Associação Brasileira de Educação*, *Academia Fluminense de Letras*, *Académie Latine des Sciences, Arts et Belles Lettres* (Paris), *Société Académique d’Histoire Internationale* (Buenos Aires), *Sociedad Misionera Nacional* (Lima), *Diretoria da Instrução do Governo do Estado de São Paulo*. Ele, inclusive, foi convocado pelo Governo Brasileiro para oferecer pareceres a respeito de reformas de ensino e campanhas de educação popular.

Dentre colaborações em periódicos no país e no exterior, ele também escreveu os livros: o *Glossário Hebreu-Português*, a *Série Braga* (1910), *Os Judeus no Brasil*, *Pan-Americanismo* (em Português e Castelhana) (1916), *Inquisição na América do Sul* (1917), *Do*

Cesto da Gávea, Republic of Brazil: a religious survey, Religião e Cultura, Religiões Comparadas.

Erasmus Braga renovou a literatura didática do país com os livros da Série Braga, iniciada em 1909. Essa obra foi a que mais lhe trouxe notoriedade, sendo publicada durante quarenta anos, com mais de cem edições em cada livro da série¹⁹ e adotada em muitos estados brasileiros, devido a sua ampla aceitação pelos educadores da época. Ela consiste em um conjunto de livros de leitura com gravuras coloridas, “são quatro volumes, de 100 a 200 páginas, correspondentes aos quatro anos de estudo primário” (*iden*, p.99), organizado de forma metódica e crescente, com assuntos relacionados aos ‘centros de interesse’ da infância mas, também, a temáticas cívicas, morais, entre outras mais complexas, adaptando-se à linguagem e vocabulário do público a que se destina e, também, aos conteúdos, objetivos e programas das escolas. Tudo isso, considerando a leitura não como uma atividade mecânica de decifração de sinais, mas como uma atividade que acarreta o exercício do pensamento e dos sentimentos. A Série Braga foi, inclusive, traduzida para o japonês, em 1930, a pedido do Sr. Midori Kobayashi, diretor da Missão Japonesa no Brasil, que considerava a obra ideal para as crianças imigrantes, que se encontravam no Brasil, aprenderem a ler e se tornarem boas cidadãs brasileiras.

A partir dessas informações, não é de se espantar que os livros que conferem destaque ao autor Erasmo Braga no acervo que temos em mãos, são os três primeiros livros que compõe a Série Braga: *Leitura I, Leitura II e Leitura III.*

¹⁹ Segundo Ferreira (1975), foram 157 edições no primeiro livro da Série, 203 no segundo, 149 no terceiro e 103 no quarto.

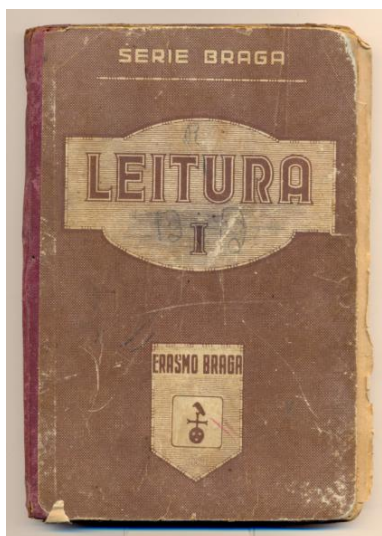


Ilustração 8 – BRAGA, Erasmo. *Leitura I*.
São Paulo: Companhia Melhoramentos, s/data.

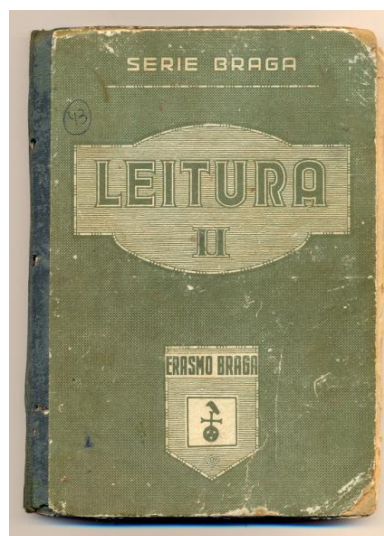


Ilustração 9 – BRAGA, Erasmo. *Leitura II*.
29ª ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, s/data.

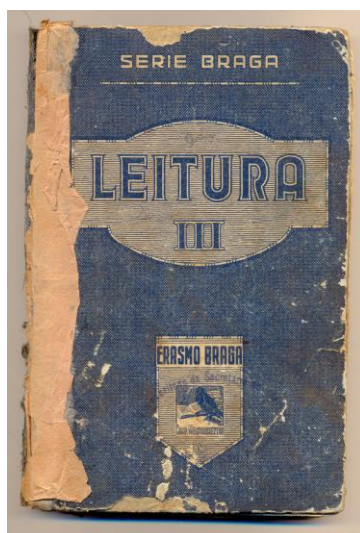


Ilustração 10 – BRAGA, Erasmo. *Leitura III*.
São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1921.

Além de produzir suas próprias obras, ele atuou como tradutor dos seguintes livros: *O Dilúvio* de Sienkewckz, em colaboração com Teófilo Barbosa (1901); *Revelações do Século III* (1904), em colaboração com seu pai; *Novelas Inglesas* (1906); *Canção do Peregrino Sírio* de Knight (1907), *Aprender e Ensinar* de Sheridan e White (1922); entre outros trabalhos menores.

No período de 1916 a 1931, ele participou de diversos congressos, conselhos, convenções, conferências, comissões, concílios sobre a temática das missões e ação cristã.

Também participou dos movimentos: *Missão em Portugal*, *Federação das Escolas Evangélicas*, *Missão de Catequese Caiuás*, *Confederação Evangélica do Brasil*, *Igreja Presbiteriana do Brasil*, etc.

Em abril de 1932, na cidade de Niterói, Erasmo Braga e sua esposa Olindina Jardim, companheira dedicada durante os últimos 31 anos de sua vida, adoeceram gravemente devido a uma pneumonia. Ela faleceu no dia 19, desse mesmo mês, e ele, logo em seguida, no dia 11 de maio, após uma vida honrada que sempre seguiu o lema: *Servir o Bem*. No dia de sua morte, muitos amigos vieram lhe prestar homenagens. Em nota de seu falecimento, o jornal *O Estado*, de Niterói, publicou:

“O prestígio que este eminente intelectual desfrutava em Niterói e nos melhores círculos da sociedade brasileira mostra à evidência as qualidades múltiplas de sua individualidade, porque Erasmo Braga, que não era grande comerciante, que não era grande industrial, que não era banqueiro, uma fortuna maior possuía: a do seu alto espírito sempre voltado para o bem coletivo” (*apud* Ferreira, 1975, p. 93).

3.2.2. Monteiro Lobato



Ilustração 11 - Monteiro Lobato

*Quando olho para trás fico
sem saber o que realmente sou.
Porque tenho sido tudo, e creio que
minha verdadeira vocação é
procurar o que valha a pena ser.*
Monteiro Lobato, 1928

Monteiro Lobato nasceu no dia 18 de abril de 1882 em Taubaté, interior de São Paulo. De família medianamente abastada, pois eram proprietários de fazenda, recebe o nome de batismo de José Renato. Porém, o menino, que também era tratado como Juca pela família,

decide mudar de nome, por volta dos onze anos, e passa-se a se chamar José Bento, devido à escrita das letras JB, em ouro, na elegante e cobiçada bengala de seu pai, chamado José Bento Marcondes Lobato. Sua mãe, Olímpia Augusta Monteiro Lobato, é quem o ensina as primeiras lições de ler, escrever e contar. Posteriormente, sua educação é confiada a um professor particular, o senhor Joviano Barbosa, e somente depois, é que ele frequentará escolas particulares de sua cidade.

Em 1895, ele se dirige a São Paulo para estudar, no Instituto Ciências e Letras, as disciplinas obrigatórias para o acesso ao curso de Direito. Infelizmente, ele é reprovado em português e tem que voltar para sua cidade. No ano seguinte, ele retorna à capital, é aprovado nos exames e permanece na instituição durante três anos. Porém, os anos de 1898 e 1899 não foram muito felizes para Monteiro Lobato, pois seu pai e sua mãe, respectivamente, falecem e quem assume a sua guarda e de suas irmãs é o seu avô, o visconde de Tremembé. Nessa época, ele já sentia a sua vocação para a literatura, porém seu avô o obriga a se matricular na Faculdade de Direito de São Paulo. No entanto, mesmo cursando a faculdade, Monteiro Lobato não se afasta de sua paixão, ele e seus amigos organizam o grupo *O Cenáculo* para ler, discutir e produzir literatura.

Apesar de seu desinteresse pelo estudo das leis, ele se forma em Advocacia e torna-se promotor público de sua cidade natal e de Areias, cidades pacatas do Vale do Paraíba do Sul. Para vencer o tédio dessa época, ele procura preencher o seu tempo com algumas atividades de lazer e colabora, paralelamente, com jornais, revistas, além de ensaiar algumas de suas produções futuras. Em 1911, com a morte de seu avô e já casado com Maria Pureza da Natividade (a Purezinha) e com dois filhos, precisa mudar-se para Buquira - que atualmente chama-se Monteiro Lobato - para tomar conta da velha fazenda cafeeira de sua família. Entretanto, a sua inexperiência em agricultura, o solo esgotado da antiga fazenda, que dificultava ainda mais o seu cultivo, e a guerra na Europa, que deprimiu o mercado cafeeiro,

fizeram com que, em 10 de agosto de 1917, Lobato vendesse a sua fazenda, se mudasse para São Paulo e começasse a se dedicar ao trabalho de escritor e atividades editoriais.

Monteiro Lobato já fazia algumas colaborações em revistas escolares desde os seus quatorze anos e escreveu artigos para a Faculdade de Direito de São Paulo em que estudou. Como muitas de suas publicações, em jornais e revistas, foram realizadas sob diversos pseudônimos, quando ele se apresentou com o seu verdadeiro nome seus trabalhos pareceram ser de um novo escritor desconhecido. Ele contribuiu, regular e periodicamente, para diversos jornais e revistas, como: *O Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano* (1913) e *Revista do Brasil* (1916). Os primeiros textos que o tornaram reconhecido foram *Velha Praga* (1914) e *Urupês*, artigos dirigidos à seção de “Queixas e Reclamações” do jornal *O Estado de São Paulo*, referente ao velho costume dos caipiras de colocarem fogo no mato.

Depois disso, Monteiro Lobato produziu muitos outros livros, com seu próprio nome ou pseudônimos, dentre eles estão: *O Saci-Pererê* (1918), *Urupês* (1918), *O Problema Vital* (1918), *Cidades Mortas* (1919), *Idéias de Jeca Tatu* (1919), *Negrinha* (1920), *A Onda Verde* (1921), *Mundo da Lua* (1923), *O Macaco que se fez Homem* (1923), *O Presidente Negro* (1926), *How Henry Ford is Regarded in Brazil* (1926), *Mr. Slang e o Brasil* (1927), *Ferro* (1931), *América* (1932), *Na Antevéspera* (1933), *O Escândalo do Petróleo* (1936), *A Barca de Gleyre*, 2 Volumes (1944), *Zé Brasil* (1947), *La Nueva Argentina* (1947). São obras póstumas: *Literatura do Minarete; Conferências, Artigos e Crônicas; Cartas Escolhidas*, 2 Volumes; *Crítica e Outras Notas; Cartas de Amor* (Lajolo, 2000).

Apesar de no início Lobato ter escrito livros para adultos, a sua imagem é até hoje lembrada por seus livros infantis. No ano de 1921 ele lança o seu primeiro livro para crianças *A Menina do Nariz Arrebitado* com uma enorme e arriscada tiragem de 50.500 exemplares. Felizmente, todos os livros foram vendidos, graças a sua brilhante ideia de doar 500 obras para algumas escolas públicas paulistas e a encomenda de 30 mil livros que o presidente

Washington Luiz realizou, após observar a grande aceitação da obra pelas crianças, para contemplar outras escolas. Apesar de seu sucesso inicial ter sido enaltecido por essa compra oficial, seu sucesso vai muito mais além: ele tinha muito apreço por esse público e buscava cada vez mais conhecê-lo para poder agradá-lo, pois ele acreditava que as crianças precisavam de uma literatura diferente da produzida para adultos. Ele não só escreveu para os pequenos como incentivou que outros autores também o fizessem ou lançassem traduções de estórias infantis clássicas, pois na sua época, faltavam bons livros para esse público, porque os renomados escritores consideravam essa atividade pouco digna de ser realizada.

Contudo, é com a produção de sua mais fantástica e conhecida obra, a série *O Sítio do Picapau Amarelo* - que narra as aventuras das encantadoras personagens de D. Benta, Tia Nastácia, Tio Barnabé, Narizinho, Pedrinho, a boneca Emília, o Visconde de Sabugosa, entre outros personagens fabulosos - que Monteiro Lobato inaugura a Literatura Infantil Brasileira. Lajolo discursa sobre o surgimento da Literatura Infantil e as obras de Monteiro Lobato com os seguintes dizeres:

“O surgimento de livros para crianças pressupõe uma organização social moderna, por onde circule uma imagem especial de infância: uma imagem da infância que veja nas crianças um público que, arregimentado pela escola, precisa ser iniciado em valores sociais e afetivos que a literatura torna sedutores. (...) A obra infantil lobatiana é um projeto literário e pedagógico sob medida para o Brasil que a viu nascer e multiplicar-se ao longo de mais de vinte anos. Monteiro Lobato aposta alto na fantasia, oferecendo a seus leitores modelos infantis – as personagens – cujas ações se pautam pela curiosidade, pela imaginação, pela independência, pelo espírito crítico, pelo humor.” (2000, p.60)

Acreditando na importância da escola (apesar de não poupar críticas a essa instituição) e da difusão da leitura, Lobato procura inserir em suas estórias informações que estão presentes nos conteúdos do currículo escolar. Como podemos perceber em seus títulos abaixo, há temáticas desde a gramática, a aritmética, geologia, história e até sobre a política nacionalista de petróleo. As obras de literatura infantil produzidas por Monteiro Lobato são: *O Saci* (1921), *Aventuras de Hans Staden* (1927), *Peter Pan* (1930), *Reinações de Narizinho*

(1931), *Viagem ao Céu* (1932), *Caçadas de Pedrinho* (1933), *História do Mundo para as Crianças* (1933), *Emília no País da Gramática* (1934), *Aritmética da Emília* (1935), *Geografia de D. Benta* (1935), *História das Invenções* (1935), *Memórias da Emília* (1936), *D. Quixote das Crianças* (1936), *Serões de D. Benta* (1937), *O Poço do Visconde* (1937), *Histórias de Tia Nastácia* (1937), *O Picapau Amarelo* (1939), *O Minotauro* (1939), *Reforma da Natureza* (1941), *A Chave do Tamanho* (1942), *Fábulas e Histórias Diversas*, *As Doze Batalhas de Hércules*, 2 Volumes (1944), *O Garimpeiro do Rio das Garças*, *Uma Fada Moderna*, *A Lampreia*, *No Tempo de Nero*, *A Casa da Emília*, *O Centaurinho*.

Os livros que possuímos em nosso acervo são justamente dessa fase do autor, escritor do público infantil e criador do *Sítio do Pica Pau Amarelo*, com as obras: *Emília no País da Gramática*, *Fábulas* e *História de Tia Nastácia*.

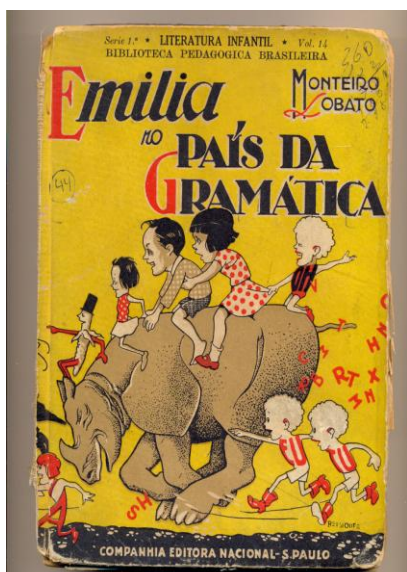


Ilustração 12 - LOBATO, Monteiro. *Emília no País da Gramática*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

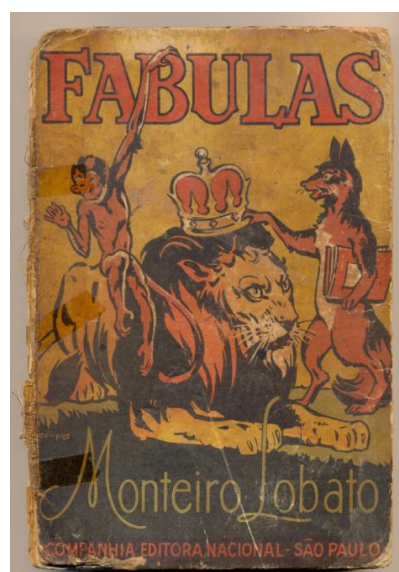


Ilustração 13 - LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 8ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.



Ilustração 14 - LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. 9ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense LTDA, 1955.

O êxito das vendas das obras de Lobato geralmente era atribuído “à natureza revolucionária, oportuna e persuasiva do livro – o tema revolucionário da mensagem de Lobato, sua maneira revolucionária de expressá-la, e seu conceito revolucionário do público leitor que estava procurando atingir” (Hallewell, 1985, p. 241), que fazia com que o próprio público o divulgasse entre si. Diferente de outros escritores da época, que escreviam de maneira rebuscada, o estilo da escrita de suas obras era direto, claro, cáustico e vivo, isto é, possuía uma leveza estilística que atingia e atraía pessoas de diversos setores econômicos do país inteiro. Os conteúdos que mais apareciam em suas obras eram de mensagem nacionalista, referentes aos problemas enfrentados na realidade brasileira, resultado de seu convívio na fazenda e da vida caipira de seus vizinhos. Sua personagem Jeca Tatu, presente em diversos de seus livros, alcançou grande popularidade e é mencionado em discursos políticos do presidente Rui Barbosa, campanhas sanitaristas de saúde pública e, até, campanhas publicitárias do Biotônico Fontoura, sendo considerado símbolo da nacionalidade brasileira.

Em 1918, Monteiro Lobato compra a *Revista do Brasil* e funda a sua própria editora: a *Monteiro Lobato & Companhia*. Como editor, ele revolucionou o setor editorial com suas propostas inovadoras: percebendo a falta de pontos de venda buscou estratégias para aumentar

esse número de distribuidores; estava interessado em proporcionar oportunidades para autores desconhecidos publicarem seus livros e pagava generosamente seus autores pelos direitos autorais; utilizava amplamente a propaganda em jornais, o calendário escolar e as datas comemorativas, como o *natal*, para a promoção das vendas; produzia capas ilustradas e atraentes, entre outros aspectos estéticos, como: o acabamento, a edição, a impressão e papel de qualidade, etc.

Sua editora teve inúmeros sucessos publicando linhas diversificadas de várias edições de títulos importantes e significativos para a cultura brasileira e somente veio a decair devido à crise causada pela Revolução de 1924, que desvalorizou a moeda brasileira aumentando os custos das produções, pois as matérias-primas utilizadas eram importadas e, também, como o custo de vida estava elevado poucas pessoas tinham condições de comprar livros e movimentar o setor econômico das editoras. A *Editora Monteiro Lobato & Cia* não conseguiu sanar algumas dívidas, adquiridas com a compra de equipamentos de impressão e acabamento para sua nova gráfica-editora, devido a alguns problemas, entre eles: ataques e bombardeios decorrentes da disputa entre legalistas e rebeldes e corte de energia decorrente de uma grande seca, que prejudicaram a cidade e não permitiram manter a produção ativa. Essa editora conta com um exemplar de suas publicações, a *Cartilha de Alfabetação* do 1º Ano Primário, de Benedicto M. Tolosa, no nosso acervo.

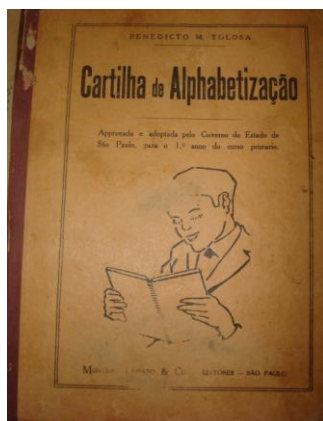


Ilustração 15 – TOLOSA, Benedicto M. *Cartilha de Alfabetação* – 1º Ano Primário. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1923.

Após a falência de sua editora, Monteiro Lobato junto com Octales Marcondes fundam a *Companhia Editora Nacional*, em 1925, uma das pioneiras das grandes editoras modernas brasileiras. Quatro dos livros de nosso acervo foram publicados por essa editora: *Emília no País da Gramática*, *Fábulas* (escrita pelo próprio Monteiro Lobato e apresentadas nas Ilustrações 12 e 13), *Geografia do Brasil* de Delgado de Carvalho e *História da Civilização* de Joaquim Silva, tendo Monteiro Lobato participado e contribuído em nossa biblioteca particular, tanto como escritor como editor de livros.

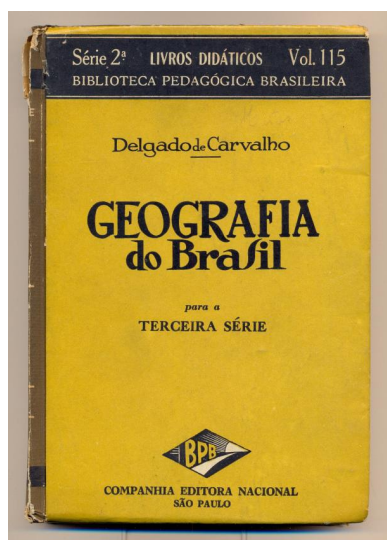


Ilustração 16 – CARVALHO, Delgado de. *Geografia do Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

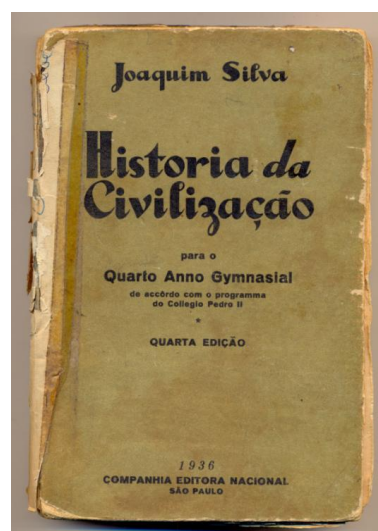


Ilustração 17– SILVA, Joaquim. *História da Civilização*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

Lobato além de ser conceituado como o melhor escritor de Literatura Infantil no Brasil e revolucionário editor, também gostava de pintar e ilustrou vários de seus livros. Morou nos Estados Unidos (1927-1929) e na Argentina (1946-1947), países que o fascinavam com o seu desenvolvimento e serviram de inspiração para algumas de suas obras. Ele, também, foi preso por três meses, em 1941, após recusar o convite de Getúlio Vargas para participar no Ministério de Propaganda e enviar uma carta ao mesmo presidente responsabilizando-o por sua má condução da política brasileira de minérios.

Monteiro Lobato faleceu na madrugada do dia 4 de Julho de 1948, no auge de sua fama e consagração pública. Seu velório, realizado na Biblioteca Municipal, foi acompanhado por uma multidão, que o levou até o Cemitério da Consolação, em São Paulo.

3.2.3. Olavo Bilac



Ilustração 18 - Olavo Bilac

Olavo Bilac foi um importante intelectual, jornalista e poeta parnasiano do nosso país. Significativo em sua época, ele foi eleito, em 1907, como o “Príncipe dos Poetas Brasileiros” pela revista *Fon-Fon* e participou como membro fundador da *Academia Brasileira de Letras*, em 1918.

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu no dia 16 de dezembro de 1865, na cidade do Rio de Janeiro. Quando criança, ele era considerado um aluno aplicado, tanto que com 15 anos conseguiu uma autorização especial para ingressar no curso de medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Mas, o jovem possuía outros interesses maiores, como a literatura e o seu trabalho na redação da *Gazeta Acadêmica*, realizando o curso mais para agradar seu pai, que era médico e o queria como um homem sério e herdeiro de sua respeitada clínica médica. Para seguir a sua carreira como escritor, que era sua paixão, Bilac

teve que abandonar a sua casa e a sua família e não concluiu o curso de Medicina, assim como não se formou em Direito, curso que frequentou em São Paulo, alguns anos depois.

O seu primeiro livro foi *Poesias*, publicado em 1888, porém sua consagração como poeta popular já havia sido realizada, no início de sua carreira com a escrita do elogiado soneto *Sesta de Nero*, em 31 de agosto de 1884, no jornal carioca *Gazeta de Notícias*. Dentre suas colaborações foram surgindo diversas de suas facetas, que ora se apresentava como: o crítico mordaz, o poeta pornográfico, o pronto defensor dos amigos, o entusiasta das polêmicas. Como bem define Lajolo,

“Bilac escreveu de tudo: oficial maior da Secretaria de Negócios e Justiça do Rio, despachava em versos; apertado de dinheiro, foi redator de propaganda, vendendo em quadrinhas as Velas Brasileiras e a Casa das Fazendas Pretas; novamente em déficit aceitou a empreitada de espichar uma comédia. Escreveu novelas satíricas, com ou sem parceria, e, a propósito de uma delas, forjou polêmicas em jornal para melhor vender seu produto. Produziu obras didáticas, traduziu estórias infantis, foi conferencista e orador, sonetista e parodista.” (1982, p. 42-43).

Em sua biografia, podemos perceber que tanto suas obras como a sua trajetória como escritor refletem a realidade de sua época. Dentre suas várias faces, a primeira e mais evidente é a do acadêmico lírico que versa sobre os estreitos caminhos percorridos pela moral e bons costumes burgueses e, várias outras, como o poeta libérrimo, irônico e irreverente, escritos sob o pseudônimo de Fantasio, Puff, Belial, entre tantos outros, que comprometem e questionam a estrutura e organização social.

Ele possuía muito contato com intelectuais e políticos de sua época - como, por exemplo, Manoel Bomfim que era diretor da Instrução Pública do Distrito Federal - o que lhe proporcionou a oportunidade de assumir, em 1908, o cargo de inspetor escolar, o tão esperado emprego público, que era de grande valor na sua época, pois representava estabilidade respeitosa para a sociedade burguesa e que o deixou de ser estigmatizado como um “homem

sem futuro”, visto que não deu continuidade ao curso que lhe proporcionaria o título de bacharel.

Olavo Bilac também foi muito conhecido por seu interesse pela literatura infantil e a produção de diversos livros escolares, que ora ocorria sozinho, ora em parceria com Coelho Netto ou Manoel Bomfim. Sua produção didática é composta por sete livros publicados pela *Editora Francisco Alves*, no decorrer de doze anos: *Livro de Composição* (1899), *Livro de Leitura* (1901), *Contos Pátrios* (1904), *Poesias Infantis* (1904), *Teatro Infantil* (1905), *Através do Brasil* (1910) e *Pátria Brasileira* (1911).

Coincidentemente, os dois livros que estão presentes no acervo estudado são exatamente desta fase do autor. O primeiro livro é o *Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias* escrito por Olavo Bilac em parceria com Manoel Bomfim (Aracaju, 8 de agosto de 1868 – Rio de Janeiro, 1932), que foi um importante médico, psicólogo, pedagogo, sociólogo, historiador brasileiro e considerado por Darci Ribeiro, em 1984, como o pensador “mais original da América Latina”.



Ilustração 19 – Manoel do Bomfim

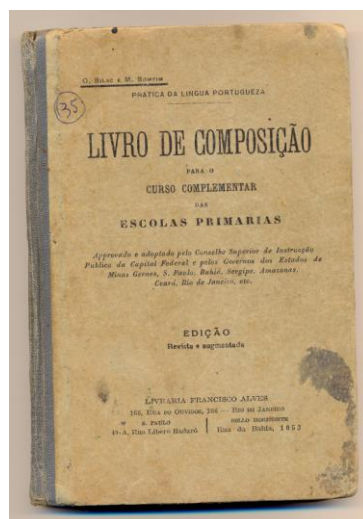


Ilustração 20 – BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel do. *Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias*.

9ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

O segundo livro é *Contos Pátrios (para Criações) – Educação Moral e Cívica*, escrito por Olavo Bilac juntamente com Coelho Netto (Henrique Maximiano Coelho Netto: Caxias, 21 de fevereiro de 1864 – 28 de novembro de 1934), renomado escritor brasileiro de diversos gêneros literários (cronista, folclorista, romancista, crítico e teatrólogo), professor, membro fundador da *Academia Brasileira de Letras* e considerado o “Príncipe dos Prosadores Brasileiros”, em 1928, pela revista *O Malho*.



Ilustração 21 – Coelho Netto



Ilustração 22 – BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. *Contos Pátrios (Para as Criações)*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.

De caráter republicano e nacionalista, ele dedicava sua atenção à participação cívica e era defensor da língua nacional (instrumento que domina extensamente e que é sua matéria-

prima de trabalho) e do serviço militar obrigatório, participando como conferencista, em vários estados, da *Liga de Defesa Nacional* e chegando a ser convidado para liderar um movimento em prol do convencimento dos jovens para se alistarem. Em 1906, ele compôs o *Hino à Bandeira*, em parceria com o maestro Francisco Braga.

O conflito decorrente dos costumes de sua época e sua forma de pensar e estilo de se expressar, sufocaram o seu lado irônico, uniformizando e enquadrando seus textos, fazendo com que, segundo Lajolo (1982), Bilac envelhecesse amargurado, triste e desiludido. Por mais que tivesse renegado aos desejos de seu pai no início, ele acabou realizando “o destino de sua classe: a consolidação do poder” (*iden*, p.45), quando assume a personalidade de guardião de virtudes cívicas. Talvez uma de suas características que o levou à consagração e a essa situação, seja exatamente a sua consciência a respeito da importância que os leitores desempenham no sucesso de uma obra. Em todos os seus textos Bilac procura manter sempre presente a figura de seu destinatário, proporcionando interação entre os locutores e tentando envolvê-los e atendendo aos seus interesses e lhes proporcionando satisfação.

Além das obras já citadas, destacaremos outras de suas principais obras: *Antologia Poética*, conferências literárias (1906); *Crítica e Fantasia* (1904); *Crônicas e Novelas* (1894); *Dicionário de Rimas* (1913); *Ironia e Piedade*, crônicas (1916); *Língua Portuguesa*, soneto sobre a língua portuguesa; *Livro de Leitura*, poesias (1888); *Tarde* (1919) – poesia, organização de Alceu Amoroso Lima (1957); *Tratado de Versificação* - em colaboração com Guimarães Passos; *Tratado de Versificação* (1910).

Olavo Bilac faleceu no dia 28 de dezembro de 1918 em sua cidade natal, o Rio de Janeiro, mas permanece imortalizado por suas poesias e sua familiaridade com a língua.

3.2.4. Outros Autores

No acervo, além dos autores que possuíram maior número de livros no acervo de D. Dalcy, acreditamos ser interessante destacar a presença de outros dois autores, devido ao importante papel que exerceram na história da literatura infantil e dos livros escolares e a repercussão que suas obras alcançaram. Os autores a quem nos referimos são: Presciliana Duarte de Almeida e Arnaldo de Oliveira Barreto.

3.2.4.1. Presciliana Duarte de Almeida



Ilustração 23 – Presciliana Duarte de Almeida

Presciliana Duarte de Almeida nasceu em Pouso Alegre (MG), aos 3 de junho de 1867, e era filha do coronel Joaquim Roberto Duarte e de Rita de Almeida Duarte. Ela foi poeta parnasiana e de temática romântica, escritora de peças de teatro e livros infantis, jornalista e membro-fundador da *Academia Paulista de Letras* (1909), em uma época que a mulher não possuía muito espaço de participação no campo literário e precisava lutar pelo reconhecimento de seu trabalho nessa área, na qual era predominante a presença de integrantes do sexo masculino. Ela exerceu um papel fundamental na poesia infantil brasileira, sendo reconhecida como uma das precursoras da Literatura Infantil Brasileira e

uma “figura feminina de destaque no movimento cultural, literário e educacional paulista, no entre séculos, (...)” que “(...) teve ação importante na divulgação das novas ideias femininas e educacionais” (Coelho, 1991, p.219).

Seus primeiros versos foram publicados em um jornalzinho literário manuscrito de Pouso Alegre, chamado *O Colibri*, que era realizado por ela em parceria com Maria Clara Vilhena da Cunha. Em 1890, ela publica *Rumorejos* - no qual ela reúne suas primeiras composições, fruto de suas correspondências amorosas destinadas a seu primo e futuro marido - no livro *Pirilampos*, também de Maria Clara.

Em 1892, ela se casou com Silvio Tibiriçá de Almeida (poeta, filólogo, pedagogo e diretor de uma instituição de ensino secundário em São Paulo) e com ele teve oito filhos. Para ela, a sua vida familiar não a impediu de continuar a produzir os seus escritos, ao contrário, o status de mãe e esposa de um educador - que lhe propiciou um convívio e conhecimento sobre o ambiente escolar - a ajudou a compor uma imagem qualificada de escritora de livros didáticos para crianças, pois para a época, ser mulher significava ser uma educadora por natureza.

No mês de outubro de 1897, ela funda e participa, até o ano de 1899, como diretora da revista de orientação feminina *A Mensageira*, sediada em São Paulo, que, segundo Shumaker & Brazil (2000),

“veiculava poemas, notícias relativas a situação da mulher no Brasil, além de relatos sobre os avanços do movimento feminista no exterior. Os eloqüentes editoriais dessa publicação criticavam os preconceitos enfrentados pelas mulheres em vários campos. (...), defendendo a libertação feminina.” (p. 468)

Em 1906, ela lança o volume *Sombras*, no qual estão presentes suas poesias e algumas traduções, que foram muito elogiadas, inclusive em Portugal. Ela, também, escreveu sobre o pseudônimo de Perpétua Vale, realizou colaborações em diversos periódicos, como: “*Almanaque Brasileiro Garnier*, *A Estação* (1889-1893), *Rua do Ouvidor* (1898,1901), *A Semana* (1893), *Tribuna Liberal*, *A Família*, todos do Rio de Janeiro, e *O Lutador* (1892), de

São Paulo” (Vasconcellos, s/data, p. 7), escreveu peças de teatro que eram encenadas pelos estudantes, entre outras produções.

Os livros de maior destaque produzidos por Presciliana foram *Páginas Infantis* publicado pela primeira vez em 1908 e o *Livro das Aves*, em 1914, livro de leitura, escrito em prosa e verso, adotado em diversas escolas paulistas. O primeiro livro está presente em nosso acervo e ele é destinado ao público escolar que está se alfabetizando, pois possui uma linguagem familiar e assuntos atrativos para as crianças. Esse livro é considerado como uma obra poética clássica para a infância, lida e declamada por várias gerações do país todo. Segundo Arroyo (1968), os livros de Presciliana assim como de outros quatro autores foram vastamente apreciados pelas crianças, “o Brasil inteiro, nas festas escolares, nas reuniões de família, pelos seus meninos e meninas, recitou versos de Zalina Rolim, Presciliana Duarte de Almeida, Francisca Júlia e Olavo Bilac” (p.217).

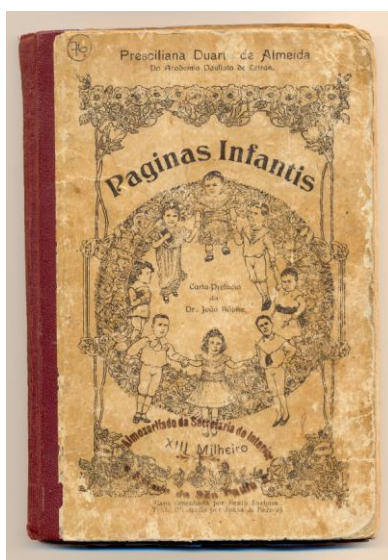


Ilustração 24 – ALMEIDA, Presciliana D. de. *Páginas Infantis*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1914.

Esse livro possui uma carta-prefácio do educador João Kopke, a participação do capista Bento Barbosa e do ilustrador Jonas de Barros, profissionais renomados do campo

educacional e artístico, que colaboram para uma boa apresentação e apreciação positiva dos leitores, destacando-a, perante os autores das outras obras correntes na época, pela qualidade de sua materialidade.

Conforme estudo realizado por Ferreira (2012), Prisciliana obteve bastante prestígio, respeito e admiração, no início de sua carreira como escritora, devido, além de seu próprio merecimento e competência, a sua participação em uma rede de relações legitimadas com intelectuais, educadores e jornalistas, que a apoiaram e projetaram o seu nome de modo favorável, como autora de muita seriedade e credibilidade. Podemos observar esse fato no livro que possuímos em mãos, pois ele apresenta como recursos/estratégias editoriais não somente sua identificação como membro “Da Academia Paulista de Letras”, mas também uma carta prefácio escrita pelo Dr. João Kopke (1852-1926), “um intelectual de caráter íntegro, com uma atuação profissional marcada por princípios éticos e morais e por uma postura inquieta e coerente” (Mortatti, 2000; Santos, 2012 *apud* Ferreira, 2012, p.5) e um índice elencado, no final do livro, com artigos e cartas-pareceres assinados por renomados escritores, a fim de qualificar, dar mais visibilidade à obra e reconhecê-la como adequada aos espaços e usos escolares e ao público infantil.

Como citado anteriormente, Prisciliana Duarte de Almeida foi convidada, assim como o seu marido, para fundar a Academia Paulista de Letras, em 1909, ocupando a cadeira nº8. Conforme a citação de Oliveira Ribeiro Neto (*apud* Vasconcellos, s/data, p. 7),

“atingiu, o nome de Prisciliana Duarte de Almeida, na primeira década do século XX, no Brasil, as maiores culminâncias e se justifica a sua entrada triunfal na Academia Paulista de Letras, embora haja quem julgue que ela só ali se sentou por entrar pelo braço do marido. Não há dúvida que a presença de Sílvio de Almeida na Academia contribuiu para a aceitação por parte de Prisciliana da honra que se lhe oferecia, pois tinha assim, ao contrário das outras senhoras escritoras [Francisca Júlia e Zalina Rolim] que na ocasião foram convidadas e não puderam aceitar a investidura acadêmica, o braço do marido literato ao qual se apoiaria, à maneira da época, para comparecer às sessões do sodalício.”

Em 1939, Presciliana publica o seu último livro de versos, chamado *Vetiver* e, após 5 anos, no dia 13 de junho de 1944, quando ela acabara de completar 77 anos de idade, ela falece, em São Paulo.

3.2.4.2. Arnaldo Barreto

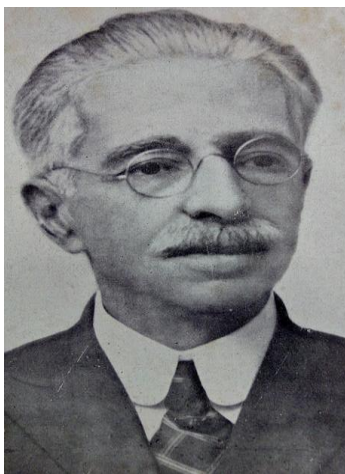


Ilustração 25 – Arnaldo de Oliveira Barreto

Arnaldo de Oliveira Barreto, nascido em 12 de setembro de 1869 na cidade de Campinas-SP, foi um importante educador, tradutor e escritor brasileiro, na área do ensino da leitura, da literatura infantil e instruções pedagógicas.

Filho do farmacêutico Antônio Jesuíno de Oliveira e de D. Aristhéia Braziliãna de Lemos Barreto, teve como irmãos Armando, que se formou em Engenharia Civil no Rio de Janeiro, e René de Oliveira Barreto, que assim como Arnaldo era educador e escritor de livros didáticos.

Com a morte de seu pai, em 1877, sua família passou por muitas dificuldades financeiras e ele precisou começar a trabalhar muito cedo. Em 1884, foi para o Rio de Janeiro trabalhar junto com seu irmão mais velho, Armando, porém, infelizmente, após alguns anos de formado como engenheiro seu irmão faleceu. Com isso, Barreto se dirige para São Paulo onde, em 1889, matricula-se na Escola Normal de São Paulo, se graduando em 1891.

Após dois anos de formado Arnaldo Barreto assumiu uma das classes da Escola-Modelo do Carmo, anexa à escola em que se formou. No ano de 1896, ele é encarregado pelo Secretário do Interior a reorganizar o grupo Escolar de Lorena, cidade do interior do estado de São Paulo. Em 1897, a pedidos do diretor da Escola Normal de São Paulo, Barreto foi nomeado inspetor das escolas anexas.

Entre os anos de 1902 a 1904, Arnaldo Barreto desenvolveu atividades editoriais como redator-chefe da *Revista de Ensino*, organizada pela Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo e com publicações no período de 1902 a 1918, que discutiam sobre a instrução pública da época e auxiliava na propagação do método analítico²⁰ para ensino da leitura.

Para Mortatti (2000), Barreto é um dos “principais divulgadores e polemistas” que defendem o método analítico de leitura. Segundo ela,

“diplomado pela Escola Normal de São Paulo em 1891, A. O. Barreto integra uma geração de normalistas que, após a Proclamação da República”, passa – em substituição ao Bacharel em Direito – a ocupar cargos na administração educacional, a liderar movimentos associativos do magistério, assessorar autoridades educacionais e produzir material didático e de divulgação das novas idéias, sobretudo no que diz respeito ao ensino da leitura” (p.78)

Nesse movimento, Arnaldo Barreto, juntamente com os professores Mariano de Oliveira e Ramon Roca Dordal, publicou as *Instruções Práticas para o Ensino da Leitura pelo Methodo Analytico – Modelos de Lições*, em 1914, um documento oficial encomendado pela Diretoria Geral da Instrução Pública Paulista.

Em 1908, Barreto foi nomeado, pelo Secretário do Interior do Estado de São Paulo Cardoso de Almeida, como diretor do Colégio de Campinas, cargo que ocupou por muitos

²⁰ Os métodos analíticos de ensino de leitura são uma “[...] maneira de ensinar introdução à leitura que começa com unidades completas de linguagem e mais adiante as divide em palavras ou as palavras em sons”, isto é procuram partir do “todo” para as “partes”. Esse método se difere dos métodos sintéticos na medida que este consiste em “[...] ensinar introdução à leitura começando por partes ou elementos das palavras, tais como letras, sons ou sílabas, para depois combiná-los em palavras.” (Harris; Hodges, 1999, p. 182, 185), ou seja, parte-se das “partes” para o “todo”.

anos. Tempos depois, ele foi para São Paulo, compor a direção da Escola Normal da Praça da República, nos anos de 1924 e 1925.

No período de 1915 a 1925, como será tratado no subitem desse capítulo referente à Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo, Arnaldo Barreto iniciou a publicação da *Coleção Biblioteca Infantil*, no qual ele atuou como autor, recriando 28 contos.

Segundo pesquisa realizada por Bernardes (2003) referente a escritos *de e sobre* Arnaldo Barreto, há cerca de 70 referências bibliográficas realizadas por ele em diferentes formatos de textos, como: cartilhas, livros de leitura, textos de literatura infantil em prosa, textos de literatura infantil em verso, recriações/adaptações de livros de literatura infantil, textos em periódicos, artigos para revistas, documentos oficiais, traduções de textos pedagógicos, entre outros.

Dentre as várias produções sobre o ensino inicial da leitura que obtiveram maior destaque em sua história foram os livros didáticos: *Cartilha das Mães* publicada a partir de 1896 - com um total de 83 edições ao longo de 67 anos -, *Leituras Morais* (1896) e *Cartilha Analytica* produzida entre 1907 até 1967, com 74 edições. O livro de Arnaldo Barreto que possuímos em nosso acervo trata-se especificamente da 32ª edição da *Cartilha Analytica*, publicada no ano de 1930.

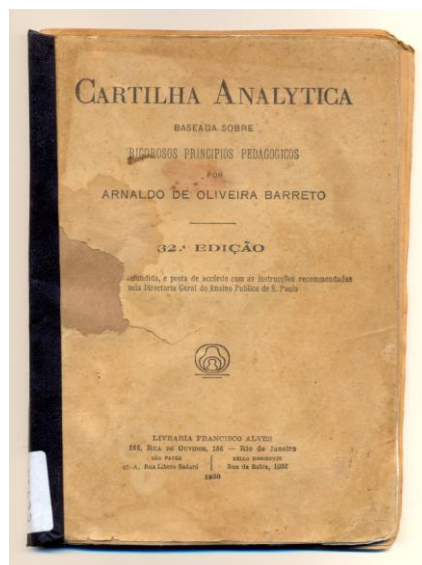


Ilustração 26 – BARRETO, Arnaldo. *Cartilha Analytica*.
32ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

Ele, também, produziu em co-autoria com Romão Puiggari a coleção de leitura graduada Puiggari-Barreto, que tinha como objetivo escrever a respeito de valores morais e cívicos, além de poesias e histórias cotidianas em que os alunos pudessem realizar uma leitura prazerosa. Segundo Frade (s/data), esses livros desempenharam um importante papel na escola brasileira e eram utilizados do primeiro ao último ano da escola primária, sendo um para cada ano letivo.

Após anos de luta e atuação profissional a favor da instrução pública paulista, ele faleceu aos 56 anos, no dia 24 de julho de 1925, na cidade de São Paulo.

3.3. As Editoras

*O livro é a grande memória dos séculos.
Se os livros desaparecessem,
desapareceria a história
e, seguramente, o homem.*
Jorge Luís Borges

A tabela, a seguir, nos mostra quais as editoras publicaram os livros presentes no acervo.

Quadro 5 – Editoras dos Livros

Editoras	
Editora	Exemplares
Casa Siqueira	1
Companhia Editora Nacional	4
Companhia Melhoramentos de São Paulo	3
Edição da Livraria do Globo	1
Edições do Autor “De Franco”	1
Edições e Publicações Brasil	1
Edições Pongetti	1
Editora Anchieta S/A	1
Editora Brasiliense LDTA	1
Editora Prelúdio	1
Escolas Profissionaes Salesianas	2
Livraria Editora Record	1
Livraria Francisco Alves	8
Livraria Sá da Costa – Editora	1
Monteiro Lobato & Cia	1
Secção Typografia Brazão	1
Serviço Social da Indústria – Subdivisão de Ensino e Cultura	1
Typographia Piratininga	1
Typographia Siqueira	2
Não identificadas	4

Dentre os 37 títulos podemos identificar 19 editoras. As editoras que mais se destacaram nessa biblioteca particular foram a Livraria Francisco Alves com oito livros: *Arithmetica Progressiva* de Antônio Trajano, *Cartilha Analytica* de Arnaldo de Oliveira Barreto, *Cartilha da Infância* de Thomaz Galhardo, *Contos Pátrios (para Creanças) – Educação Moral e Cívica* de Olavo Bilac e Coelho Netto, *Corações de Crianças – Leituras Preparatórias* de Rita de M. Barreto, *Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias* de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, *Novo Atlas de Geographia* de J.

Monteiro e F. d'Oliveira e *Sombras que Vivem* de João Toledo; a Companhia Editora Nacional com quatro livros: *Emília no País da Gramática* e *Fábulas* de Monteiro Lobato, *Geografia do Brasil* de Delgado de Carvalho e *História da Civilização* de Joaquim Silva e; a Companhia Melhoramentos de São Paulo com três livros de Erasmo Braga: *Leitura I*, *Leitura II* e *Leitura III*. As editoras *Escolas Profissionais Salesianas* e *Typographia Siqueira* tiveram a participação com dois exemplares cada. Não conseguimos identificar as editoras de quatro livros.

A seguir, apresentaremos a história das duas editoras que mais possuem livros no acervo: Editora Livraria Francisco Alves e a Companhia Melhoramentos de São Paulo. Como já nos referimos à Companhia Editora Nacional quando tratamos dos aspectos do acervo referentes ao autor Monteiro Lobato, seu fundador juntamente com Octales Marcondes em 1925, não iremos apresentá-la novamente.

3.3.1. Editora Livraria Francisco Alves



Ilustração 27 - Francisco Alves



FRANCISCO ALVES

Ilustração 28 - Logo atual da Editora Francisco Alves

A Editora Livraria Francisco Alves era pertencente a um importante editor e livreiro, Francisco Alves d'Oliveira, pouco mencionado no cenário da literatura no início do século XX, pois ele se dedicava principalmente ao trabalho com livros didáticos. Com isso, sua livraria não atraía reuniões de famosos escritores, da mesma forma que outros livreiros e

editores contemporâneos a ele, como Garnier, Quaresma, Jacintho, Castilho e Cruz Coutinho, promoviam em suas lojas. No entanto, segundo Hallewell (1985),

“ao fim da primeira década do século vinte, contudo, ele já não podia ser ignorado, pois aquele homenzinho magro, frágil e nervoso, com seu bigode branco, óculos com aro de ouro, trajes escuros e formais e a pele ‘como um pergaminho encarquilhado’ havia usurpado o lugar de Laemmert e estava tirando de Garnier sua tradicional preeminência.” (p. 203)

Francisco Alves nasceu em 2 de Agosto de 1848 em Portugal. Ele veio ao Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, em 1863, e trabalhou em uma loja de artigos náuticos. Apesar de ser muito jovem impressionou seu patrão com sua “inteligência, diligência, excelente memória e impaciência com a frouxidão dos outros” (*iden*, p.206), que logo lhe atribuiu o cargo de subchefe. Em 1872, com suas próprias economias começou a negociar livros por conta própria em um sebo. Em aproximadamente dois anos, Francisco Alves já possuía dois estabelecimentos, que com sua venda obteve um lucro satisfatório que o possibilitou a regressar para o Porto.

Em 1882, Francisco Alves foi convidado por seu tio Nicolau Antonio Alves, que tinha como sócio Antonio Joaquim Ribeiro de Magalhães, para ajudá-lo na administração de sua livraria, inaugurada em 15 de Agosto de 1854 e que se chamava *Livraria Clássica*, especializada em “livros colegiaes e acadêmicos”. Ele aceitou o convite e decidiu permanecer no Brasil definitivamente, se naturalizando em 28 de julho de 1883. Com a venda das partes de Magalhães e de seu tio, Francisco Alves, em 1897, passou a ser o dono dessa livraria, que continuou a seguir a sua especialidade, mas com o acréscimo de materiais para a escola primária e o desenvolvimento da parte editorial.

A venda de livros didáticos proporcionava às livrarias uma fonte de rendimento segura e possuíam uma vantagem em relação aos autores estrangeiros, que não conseguiam atender todas as especificidades dos currículos locais. Esse fato coincide com os dados que

levantamos em nosso acervo, pois dos oito livros pertencentes à *Livraria Francisco Alves*, sete deles são considerados livros didáticos. Conforme relato apresentado por Hallewell (1985), uma informação que não pode deixar de ser exposta é que o sucesso dos livros escolares editados por Francisco Alves se deve, em parte, pela sua grande amizade com Teófilo das Neves Leão, secretário da educação no governo de Prudente de Moraes e, portanto, bastante influente nessa área.

Em 23 de abril de 1893, Francisco Alves abriu a sua primeira filial em São Paulo. Ele não possuía todas as condições necessárias para concluir o estabelecimento, porém devido a sua honestidade e perspectivas comerciais, seus amigos se mobilizaram para emprestar-lhe o dinheiro que precisava. Segundo Hallewell (1985), não se sabe exatamente quais amigos o ajudaram, porém ele possuía amizade bem próxima com Rodrigo Otávio (seu advogado), Sylvio Romero, Barbosa Romeu, Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Carlos de Carvalho, Felisberto Freire, e também, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Clóvis Beviláqua, José Veríssimo, Coelho Netto, Manuel Bomfim, Alberto de Oliveira, Olavo Freire, Emílio de Menezes e a romancista Júlia Lopes de Almeida. Dentre esses amigos, três deles - Olavo Bilac, Coelho Netto e Manuel Bomfim - aparecem como autores dos livros no acervo estudado. Sua segunda filial, em Belo Horizonte, foi inaugurada em 1906, e nessa época a sua firma já possuía quase o monopólio do mercado de livros didáticos brasileiros, conseguido através da venda de livros por preços mais baixos, a conquista de autores de outras editoras e pela compra de diversas editoras concorrentes, para conseguir direitos autorais de publicação.

No campo das edições literárias, Francisco Alves se aventurou e se destacou por publicar obras de autores desconhecidos como Afrânio Peixoto, Emílio Menezes e Raul Pompéia entre outros escritores, que apesar de jovens demonstravam diligência e dedicação.

Não apenas editor e livreiro, Francisco Alves também escrevia seus próprios livros didáticos em seu tempo livre, aproveitando os frutos de sua cultura bastante ampla e seu

perfeito domínio da língua francesa e conhecimentos de inglês e italiano. Porém, essa atividade ficou por muito tempo desconhecida, devido muitos de seus livros serem publicados com diversos pseudônimos. Em meados da década de 1880, foram escritos sob o pseudônimo de Guilherme do Prado, os livros *Princípios de Composição* e *Trechos dos Autores Clássicos* e, mais tarde, como F. d'Oliveira, realizou uma parceria com J. Monteiro, para escrever os livros *Diccionario Pratico Francês-Português* e *Novo Atlas de Geographia*, entre outros trabalhos - o livro *Novo Atlas de Geographia*, também, está presente em nosso acervo. Após sua morte, Oswaldo de Melo Braga identificou cerca de mais trinta e nove livros como de sua autoria.

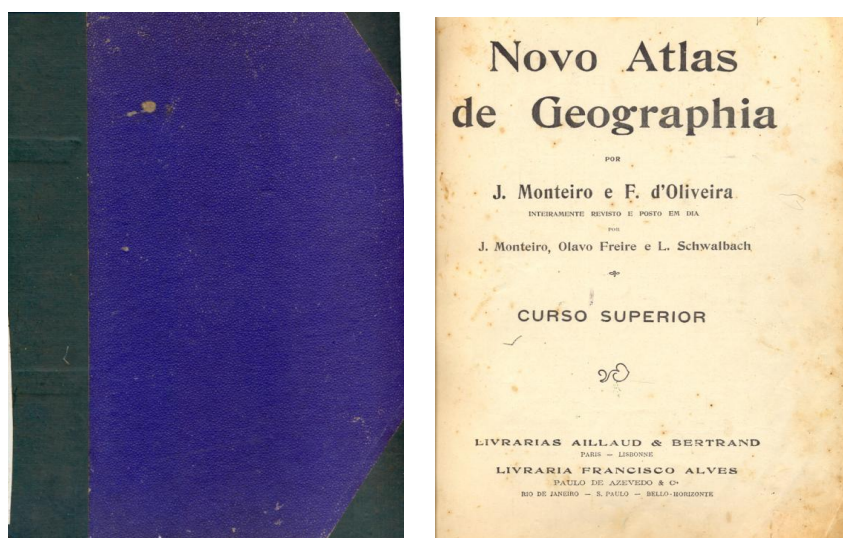


Ilustração 29 – MONTEIRO, J; D'OLIVEIRA, F. *Novo Atlas de Geografia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927.

Muito conhecido por suas maneiras bruscas, linguagem desabrida e temperamento irritadiço, ele possuía, também, muitas qualidades como: a dedicação intensa ao seu trabalho; sua alta honestidade, que inspirava em algumas pessoas a confiança pra guardar o seu dinheiro, como uma espécie de banco, tendo apenas a sua palavra como garantia; seus funcionários eram muito bem pagos, o que lhe garantiu um quadro de bons funcionários e

realizava frequentemente doações de livros para as escolas, como forma de expressar sua paixão pela educação.

Após uma vida repleta de êxitos decorrentes de um trabalho duro no setor gráfico - que o representava como um homem de negócios sagaz e cheio de energia, mesmo com idade avançada e uma saúde frágil -, ele faleceu em 29 de junho de 1917 vítima de uma complicação causada por seu diabetes, após fraturar uma perna em um acidente ferroviário, sem importância. Em seu testamento, parte de sua grande fortuna foi destinada a sua amante Maria Dolores Braun e o restante à *Academia Brasileira de Letras*, sendo sua única exigência que esta deveria realizar, a cada cinco anos, dois concursos em sua homenagem, um com monografias relacionadas “*a melhor maneira de ampliar a educação primária no Brasil*” e o segundo tendo como temática a língua portuguesa. Segundo dados encontrados no site oficial da Academia Brasileira de Letras²¹, esse concurso literário ainda é realizado na mesma periodicidade solicitada pelo livreiro e é denominado como *Prêmio Francisco Alves*, atendendo a monografias com temáticas relacionadas ao Ensino Fundamental no Brasil e a Língua Portuguesa, sendo o último realizado em 2008²².

Após a morte de Francisco Alves, a livraria possuiu diversas outras gestões. Primeiramente, ela foi vendida, pela Academia (que a recebeu como doação, mas não podia legalmente gerir nenhum tipo de negócio) para um grupo de velhos empregados, que foi denominada como *Paulo Azevedo & Companhia*, mas que continuou a utilizar a marca *F. Alves*. Ela dominou o mercado de livros didáticos até o final da década de 20, quando surgiu a *Companhia Editora Nacional* de Octalles Marcondes Ferreira e Monteiro Lobato, que a deixou em segundo lugar. Com o falecimento de Paulo de Azevedo, em 1946, a livraria passou a ser administrada por seus filhos Ivo e Ademar e outros três sócios: Álvaro Ferreira

²¹ Informações disponíveis em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=6>, visualizadas em 27 de setembro de 2012.

²² Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=7539&sid=593>, visualizadas em 27 de setembro de 2012.

de Almeida, Raul da Silva Passos e Lélío de Castro Andrade. Em 1972, a empresa foi vendida para o almirante José Celso de la Rocque Maciel Soares Guimarães que voltou às origens e devolveu o seu nome de *Livraria Francisco Alves Editora*, posicionando-a como “a mais velha firma do Rio de Janeiro com atividade ininterrupta na área editorial” (Hallewell, 1985, p. 220). Em 1974, Carlos Leal, da empresa de navegação Netumar, assumiu a sua administração e passou, no mesmo ano, por uma crise que o obrigou a despedir parte dos empregados como medida para conter gastos. Porém em 1979, em seu 125º aniversário, ela recomeçou a crescer.

Os livros da Livraria Francisco Alves que estão presentes em nosso acervo são: *Arithmetica Progressiva* de Antônio Trajano, *Cartilha Analytica* de Arnaldo Barreto, *Cartilha da Infância* de Thomaz Galhardo, *Contos Pátrios* (para creanças) de Olavo Bilac e Coelho Netto, *Corações de Crianças – Leituras Preparatórias* de Rita de M. Barreto, *Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias* de Olavo Bilac e Manoel do Bomfim, *Novo Atlas de Geografia* de J. Monteiro e F. D’Oliveira e *Sombras que Vivem* de João Toledo.

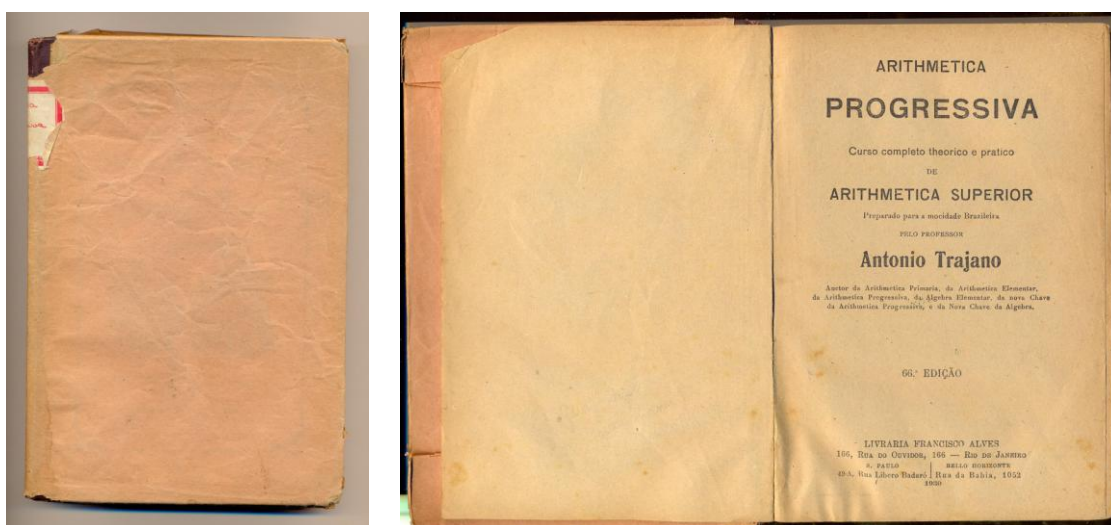


Ilustração 30 – TRAJANO, Antonio. *Arithmetica Progressiva*. 66ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

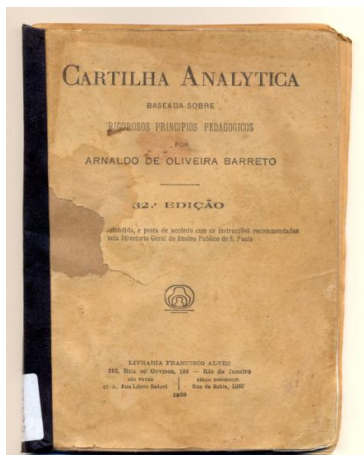


Ilustração 32– BARRETO, Arnaldo de O. *Cartilha Analytica*. 32ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.



Ilustração 31 - GALHARDO, Thomaz. *Cartilha da Infância*. 141ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1939.

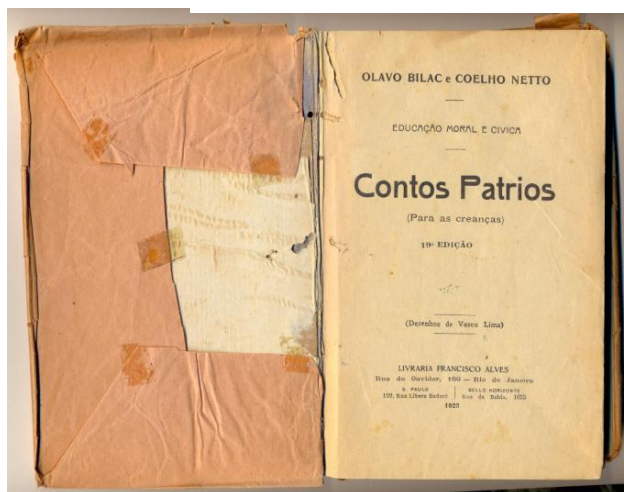


Ilustração 33 – BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. *Contos Pátrios (Para as Crenças)*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.



Ilustração 34 – BARRETO, Rita de M. *Corações de Crianças – Leituras Preparatórias*. 48ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.

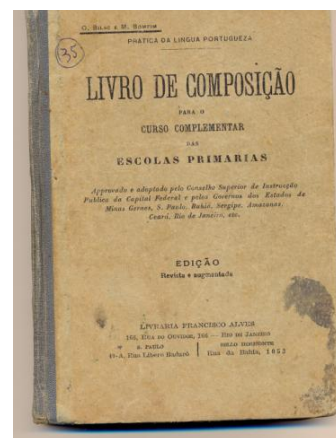


Ilustração 35- BILAC, Olavo; Bomfim, Manoel do. *Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

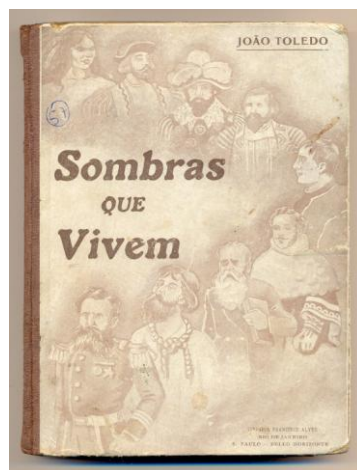


Ilustração 36 – TOLEDO, João. *Sombras que Vivem*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1928.

Atualmente, a Livraria Editora Francisco Alves ainda continua com suas atividades editoriais²³ - são cerca de 120 títulos em catálogo -, porém não tem publicado muitos livros e tem passado por grandes dificuldades financeiras, se mantendo através dos recursos recebidos pela *Lei Rouanet*²⁴. Para receber os patrocínios dos projetos via *Lei Rouanet*, seu dono e editor Carlos Leal precisou fundar uma outra empresa, a Barléu, que edita livros de arte, em 2002. Foi preciso essa iniciativa, pois para poder se inscrever em seu programa é exigido uma certidão negativa de débitos, que a Livraria Francisco Alves não possui devido a suas dívidas. Nas capas dos livros publicados pela Editora Barléu é estampada a logomarca da Francisco Alves como símbolo do prestígio conquistado no decorrer de sua história. Essa medida ainda não salvou a antiga editora, no entanto, apesar dos problemas enfrentados, Carlos Leal não pretende fechar as suas portas e cogita a possibilidade de vendê-la ou estabelecer uma nova sociedade.

²³ Dados encontrados na reportagem: VICTOR, Fábio. **Com Francisco Alves alquebrada, editor se mantém via Lei Rouanet.** Folha de São Paulo. 24/Dez/2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/16550-com-francisco-alves-alquebrada-editor-se-mantem-via-lei-rouanet.shtml>, visualizada em 24 de setembro de 2012.

²⁴ A *Lei Rouanet* é uma Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991) que busca através de uma política de incentivos fiscais a possibilidade de pessoas físicas ou jurídicas investirem parte de seu imposto de renda para financiar ações culturais, que não possuem o apoio financeiro do Ministério da Cultura. Dados disponíveis em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/Regulamentacao-e-incentivo/lei-rouanet>, visualizados em 2 de outubro de 2012.

3.3.2. Companhia Melhoramentos de São Paulo



Ilustração 37 – Antônio P. Rodovalho



Ilustração 38 - Logo da Editora Companhia Melhoramentos

A Companhia Melhoramentos foi fundada oficialmente em 9 de setembro de 1890 por Antônio Proost Rodovalho em Caieiras, cidade do interior de São Paulo, mas segundo Hallewell (1985) ela já existia anteriormente desde o ano de 1877 como uma empreiteira de obras públicas. Em 1887, com uma ideia inovadora e desafiadora que necessitou de inúmeras adaptações e investimentos na infraestrutura da região, Rodovalho já se dedicava à tentativa da produção de papel, material de pouca disponibilidade e de bastante importância para o desenvolvimento urbanístico, como o comércio e a imprensa do país.

Para compor essa história, sete anos mais tarde, no ano de 1894, segundo Donato (1990), chega ao Brasil o filho de uma família alemã, Otto Weizsflog, natural de Hamburgo, que se dedicavam a mais de um século ao comércio. Em São Paulo, ele trabalhou por pouco tempo em uma firma de exportação e importação e logo assumiu outro cargo em uma empresa do ramo da papelaria, encadernação, livros em branco e importação de papel, do também hamburguês Bühnaeds. Com a chegada de seu irmão Alfried ao Brasil, eles decidiram montar uma empresa ou, pelo menos inicialmente, se tornarem sócios de alguma que se demonstrasse promissora. Sendo assim, os irmãos Weizsflog se juntaram ao Bühnaeds, e a empresa se denominou *M. L. Bühnaeds & Cia.* Mas os negócios não pararam, no final de 1900 Alfried

incorpora à firma uma tipografia, com a *Companhia Melhoramentos de São Paulo* sendo sua fornecedora de papel. Em 1904, o irmão caçula Walther imigra para o Brasil para ajudar a modernizar os processos de produção da empresa e, em 1905, Bühnaeds deixa a firma devido a problemas de saúde, tornando Otto e Alfried donos da empresa, que passa a se chamar "*Weiszflog Irmãos – Estabelecimento Gráfico*". Em 1915, a Weiszflog inicia seu trabalho no setor editorial devido a alta qualidade de seus materiais gráficos e à procura de prestigiosos educadores e autores para publicarem seus livros.

Depois de muitos avanços e acúmulo de experiências da Weiszflog Irmãos, em detrimento da crise causada pelo término da 1ª Grande Guerra Mundial, de 1914, ela estava passando dificuldades para encontrar papel de qualidade que pudesse ser usado nas produções de seus livros e isso a levou a procurar uma associação com alguma empresa produtora de papel. Assim, no final de 1920 e início de 1921, apesar da situação desastrosa que a Companhia Melhoramentos se encontrava, aconteceu a fusão entre as duas empresas.

Desta forma, os interesses da *Editora Companhia Melhoramentos* podem ser bem definidos através do seu slogan do início dos anos 20 "*Do Pinheiro ao Livro*", pois suas atividades caminham desde a plantação, produção da polpa e diversos produtos relacionados com o papel, como papelaria (cadernos, blocos, envelopes, cromos, guardanapos, estampas, livros em branco, "santinhos", escrituração, mapas, calendários, papéis higiênico e absorventes, etc.), trabalhos gráficos e atividades editoriais. E, desde então, apesar das dificuldades enfrentadas para suprir as necessidades da produção de papel - falta de energia elétrica, abastecimento de água e matéria prima, manutenção e aquisição de maquinaria, inundações, etc. - ela ocupa um lugar importante no setor editorial há muitos anos, estando entre as maiores editoras do país, produzindo até mesmo materiais e edições especiais de leitura para exportação.

Apesar de sua consagração e maior produção serem na área da literatura infanto-juvenil e dos livros didáticos – ela, inclusive, editou a *Revista Nacional* (1921), que discutia assuntos referentes à educação, pedagogia, história, literatura, filologia -, os seus livros publicados atendem, também, as temáticas referentes à ciência popular, culinária, artes domésticas, atividades de lazer, belas artes e alguns livros de ficção como *O meu pé de Laranja Lima* (1968) de José Mauro de Vasconcelos e *Avalovara* de Osman Lins. Obras de bastante repercussão foram os seus quadros, atlas, dicionários, cartilhas, almanaques, como: os *Quadros de História Pátria*, o *Atlas Geográfico Melhoramentos*, o *Grande Dicionário Brasileiro Melhoramentos* de Adalberto Prado e Silva, o *Novo Michaelis*, dicionário de inglês-português, o *Novo Dicionário de História do Brasil*, a *Cartilha do Povo* de Lourenço Filho, para alfabetização massiva, a série *Na Roça* (1936) de Renato Sêneca Fleury, cartilha destinada à alfabetização e leitura da gente do campo, *Almanaque Melhoramentos*, de leitura recreativa, etc.

Importantes nomes da história dessa editora foram Arnaldo de Oliveira Barreto, primeiro gerente da Weiszflog Irmãos, e Manoel Bergström Lourenço Filho, consultor editorial da Cia. Melhoramentos. Arnaldo de Oliveira Barreto, inspirado na primeira publicação de livros infantis da editora, em 1915, com *O Patinho Feio* de Hans C. Andersen e ilustrado por Francisco Richter, iniciou a publicação da extensa *Coleção Biblioteca Infantil*, que continha adaptações de contos estrangeiros como Perrault, Irmãos Grimm e do próprio Andersen com ilustrações vivamente coloridas, capa dura, letras maiores e formato menor que o convencional. Lourenço Filho, a partir de 1926, trouxe modificações editoriais importantes, ele revisava os livros infantis e buscava ampliar a faixa etária das obras, com simplificações na linguagem e no vocabulário, eliminando passagens que pudessem causar nos leitores sentimentos de medo e terror, respeitando o seu estágio de desenvolvimento. Além disso, Lourenço Filho propôs uma nova apresentação para as capas dos livros pertencentes à coleção

iniciada por Arnaldo Barreto, enquanto a primeira obtinha a mesma capa para todas as obras – uma senhora rodeada por três crianças que escutam suas histórias – e “que conferia uma identidade a essas histórias com base no fato de pertencerem à Biblioteca Infantil e de se destinarem a este público, deu lugar, nas reedições de antigos títulos e nos novos lançamentos, às imagens particularizadas segundo tema de cada volume” (Soares, 2006, p.370). Ele, também, inseriu obras de autores brasileiros e outros clássicos infantis de origem europeia, como *Dom Quixote* e *Robinson Crusóé*.

Além dos nomes já citados anteriormente, a Companhia Melhoramentos, publicou, entre outros escritores consagrados, obras de Ziraldo, Thales de Andrade, Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, Ricardo Azevedo, Ana Maria Machado, Marina Colasanti, Francisco Marins, etc.

Os livros publicados na Companhia Editora Nacional que compõem o nosso acervo são: *Leitura I*, *Leitura II* e *Leitura III*, ambos escritos pelo autor Erasmo Braga.



Ilustração 39 - BRAGA, Erasmo. *Leitura I*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, s/data.

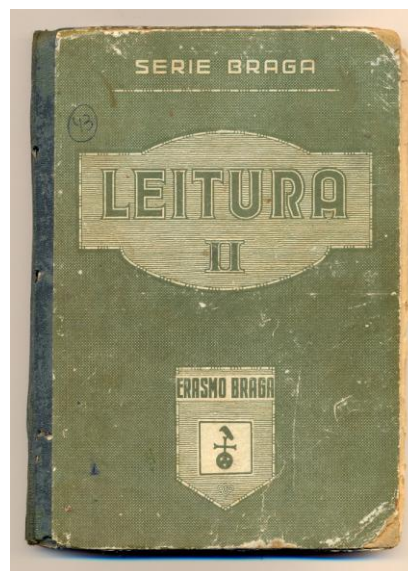


Ilustração 40 - BRAGA, Erasmo. *Leitura II*. 29ª ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, s/data.

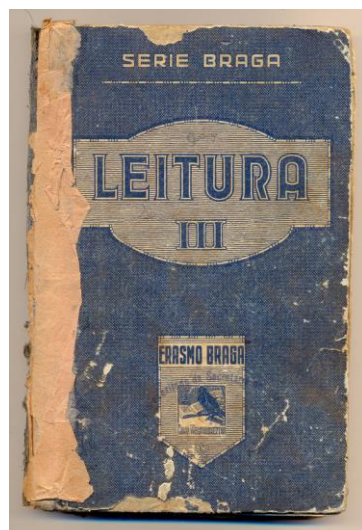


Ilustração 41 - BRAGA, Erasmo. *Leitura III*.
São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1921.

4. Considerações Finais

*Cada leitor, para cada uma de suas leituras,
em cada circunstância, é singular.*
Chartier

No início desta pesquisa tínhamos apenas um acervo em mãos e dele somente sabíamos que havia sido doado pela filha de uma senhora que havia falecido. Os primeiros passos desse trabalho foram a limpeza dos materiais - uma longa jornada realizada página por página -, a catalogação dos livros e a construção de tabelas para o cruzamento dos dados levantados, no qual nos foram reveladas inúmeras preciosidades, mas que ainda careciam de sentido e não nos forneciam muitas pistas sobre sua proprietária.

Uma dificuldade que sentimos nessa etapa da pesquisa foi a identificação dos componentes da editoração dos livros. Como esses livros são muito antigos e na época ainda não havia a prática de se colocar a ficha catalográfica em seu início, como podemos verificar em todos os nossos livros atuais, não pudemos identificar muitas informações que nos seriam de grande importância para organizar e interpretar com maior precisão o nosso material.

O interesse pela pesquisa desse acervo particular foi despertado no momento em que encontramos os dois bilhetes deixados pela proprietária, expressando o seu sentimento pelo acervo e o seu gosto por relê-los. Quando ela denomina os seus livros como ‘velhos’, porém ‘super-interessantes’ e que eles podem ‘parecer lixo, mas não são’, nos sentimos mobilizados para compreender os motivos pelos quais ela consideraria as suas leituras antigas, tão ‘proveitosas’. Nesse instante, inúmeras hipóteses e perguntas foram levantadas, tais como: Será que ela era uma professora? Será que esses livros eram todos dela? Como ela adquirira esses livros?

O ponto alto da investigação foi a entrevista com Cláudia Maria Borghe Antonelli, filha de D. Dalcy Zugliani Borghe. Essa ocasião foi muito emocionante e a cada frase em que

ela contava um pouco sobre a vida de D. Dalcy e sua relação afetuosa com os livros, ficávamos impressionados com a sua história e seu empenho em preservar o seu acervo, fatos que não podiam ser imaginados pelo pequeno contato que tínhamos com os seus livros até então.

Descobrimos que D. Dalcy, apesar dos inúmeros livros escolares e obras de literatura infantil, não era uma professora ou profissional da educação, ela era apenas uma leitora comum e colecionadora cuidadosa, que guardava os seus livros e dos seus demais familiares, a ponto de ser reconhecida por isso e receber a doação dos livros da biblioteca pessoal de seu tio, então, o educador e diretor da escola Mackenzie, Sr. Gabriel Pelicciotti, após o seu falecimento. Uma leitora que, pela correria do seu dia-a-dia, foi deixando suas tão amadas leituras para uma época mais tranquila de sua vida, mas que foi impedida por uma doença degenerativa em seu fundo de olho que a impossibilitou de se dedicar e se debruçar sobre seus livros, como ela desejava.

Após a entrevista, o envolvimento com o nosso objeto de estudo se tornou maior e pudemos nos voltar para os seus livros com outros olhos. Um olhar esclarecido que podia reconhecer os graus de parentescos dos nomes presentes nas capas dos livros e delinear a origem e composição desse acervo, através dos resquícios de leitura deixados por seus proprietários.

Durante toda a pesquisa partimos do pressuposto de que estudar a formação de uma cultura pessoal por meio de um acervo pessoal, formado ao longo do tempo de uma vida e marcado por sucessivas camadas de interesse, pode nos servir de índice para o entendimento de uma época. Com o conhecimento sobre a formação do acervo e os dados organizados em planilhas, destacamos as informações mais relevantes e fomos buscar por fontes que pudessem contextualizá-las e nos fornecer subsídios para uma maior aproximação e uma análise mais aprofundada dessa biblioteca particular.

O cruzamento dos dados encontrados nos quadros produzidos nos permitiu verificar várias peculiaridades desse acervo, no âmbito dos livros, dos autores e das editoras.

Na esfera dos livros, pudemos perceber que o interesse maior de leitura da proprietária do acervo são os livros escolares (com informações gerais de diversas disciplinas), os livros de literatura infanto-juvenil e as poesias. Constatamos a presença de diversas raridades: obras que na época já estavam em suas 48^a, 66^a, 141^a edições; alguns livros possivelmente em suas 1^a edições; muitos livros publicados até hoje em suas 4^a, 8^a e 9^a edições; livros que estão quase completando 100 anos de publicação; livros que são muito valiosos no mercado atual dos livros por sua antiguidade e por serem representativos de seu tempo.

Na biblioteca particular de D. Dalcy, pudemos conferir muitas obras consagradas da literatura infantil brasileira. Um fato interessante é que o período de formação do acervo coincide com a formação e consolidação da nossa literatura infantil, momento em que há no Brasil uma preocupação com a produção de livros infantis de qualidade, que atendessem as necessidades próprias das crianças brasileiras.

A pesquisa, a partir do levantamento dos nomes dos livros e da biografia de seus autores, nos permite inferir que as obras presentes no acervo pessoal investigado são consideradas como uma das principais produções escritas por seus autores - todos os exemplares destacados são citados nas biografias em que pesquisamos. Isto parece demonstrar que esses livros foram realmente significativos para a história do livro e possivelmente chegaram às casas de grande parte dos leitores de nosso país.

Uma temática bastante comum e valorizada na época, que inclusive é título de uma das obras presente no acervo, *Contos Patrios (Para Crianças) – Educação Moral e Cívica*, e pode ser percebido rapidamente nos escritos de diversos livros, é a educação moral e cívica. O que também faz referência ao período histórico em que essa biblioteca foi formada, momento

em que se valorizava o nacionalismo em um país que estava se ‘civilizando’ e que a educação escolar das nossas crianças era constituído por esse viés.

Sobre os autores, podemos constatar que há desde aqueles que são renomados na área da literatura infantil e escolar e outros que foram apagados da história do livro escrita e não conseguimos encontrar muitas informações ou termos conhecimentos de suas produções atualmente. Com a pesquisa realizada pudemos perceber que os autores que mais se apresentam no acervo de D. Dalcy, participaram ativamente da literatura infantil e escolar de nosso país e estavam inseridos em uma rede de escritores e editoras que propiciavam que suas obras fossem aprovadas e divulgadas para o grande público leitor e permanecessem em circulação nas mãos de várias gerações: Monteiro Lobato, que possui três de seus livros da série *O Sítio do Pica Pau Amarelo* nesta biblioteca particular, é considerado o “Fundador da Literatura Infantil Brasileira” e também foi proprietário de duas editoras; Erasmo Braga, com três dos quatro livros de leitura de sua importante *Série Braga*, adotada em muitos estados no Brasil por um período de 40 anos, é membro fundador da *Academia Paulista de Letras*; e Olavo Bilac, com dois livros produzidos um em parceria com Manoel Bomfim e outro com Coelho Netto, foi membro fundador da *Academia Brasileira de Letras* e é considerado o “Príncipe dos Poetas”.

Uma das possibilidades das obras de Erasmo Braga estarem presentes no acervo de D. Dalcy é a ideia de uma provável relação entre o autor e o seu tio Gabriel Pelicciotti, pois ambos foram profissionais da educação que atuaram na *Faculdade Mackenzie de São Paulo*. Essa ligação é somente uma hipótese, pois não pudemos confirmar e nem saber ao certo em qual período Gabriel Pelicciotti, foi diretor dessa instituição, mas é possível que o contato com essas obras tenha sido realizado nesse ambiente, pelo fato de os dois terem sido educadores nesta faculdade.

Quanto às editoras, percebemos que as três que mais se apresentaram no acervo foram realmente muito importantes no cenário editorial brasileiro. A Editora Livraria Francisco Alves especializada em publicações de livros didáticos ocupou um lugar de destaque como editora desse ramo, o que pode ser comprovado em nosso acervo, pois dos oito livros que possuímos, sete deles são dessa categoria. A Companhia Editora Nacional, pertencente ao Monteiro Lobato e Octales Marcondes, foi uma das pioneiras das grandes editoras modernas brasileiras, no qual seus editores atuaram de forma revolucionária, atraindo o interesse dos leitores. A Editora Melhoramentos de São Paulo, editora que continua funcionando fortemente até os dias atuais, produzia os seus livros desde a plantação dos pinheiros até os trabalhos gráficos e atividades editoriais.

Para finalizar esse trabalho, acreditamos ser necessário destacar as aprendizagens que essa pesquisa nos proporcionou, tanto no aspecto do processo de investigação como no aspecto da minha formação como pedagoga. No processo de investigação e de busca por informações referentes ao acervo e sua proprietária percebemos que os detalhes são muito importantes e não devem ser ignorados. Algo que, inicialmente, parece insignificante, quando os dados e os fatos vão se juntando, eles adquirem uma nova dimensão. É preciso uma atenção constante para que nada passe sem ser percebido e para não tomarmos conclusões inadequadas. Para a minha formação como futura professora, conhecer a história da literatura infantil brasileira foi muito interessante e me ajudou a compreender mais a cultura de meu país. Com essa pesquisa pude conhecer nomes de autores que não tinha conhecimento, pude conhecer mais profundamente a história de autores que apesar de saber a importância de suas obras nunca havia visto o seu rosto, pude ter contato com obras que por sua antiguidade talvez eu não tivesse outra oportunidade, pude conhecer editoras e suas estratégias de mercado que foram importantes para uma época, dentre outras aprendizagens dessa temática que são pouco exploradas e abordadas no curso de Pedagogia.

Desde o início deste trabalho, não tivemos o intuito de esgotar todas as possibilidades de temáticas que esse acervo poderia abranger, mas sim, iniciar uma análise que pudesse servir de ponto de partida para outras futuras pesquisas. Todo o material que temos em mãos foi catalogado e os detalhes, considerados por nós, mais relevantes foram digitalizados, estando todos arquivados e disponíveis em nossos Anexos, pois conforme Cury (1994 *apud* Silva, 2002, p. 16) “o estudo de acervos pode levantar uma infinidade de pesquisas, não se esgotando a contribuição do pesquisador no tratamento de sua temática específica, mas no deixar inconcluso ou organizado para ser retomado por outros”.

Desta forma, acreditamos ter cumprido com o nosso objetivo de tentar organizar e compor a imagem dessa biblioteca particular de uma pessoa comum do século XX, identificando quais as características que ela possui em concordância com o contexto histórico e cultural de sua época. Além disso, com essa pesquisa contribuímos para que esse acervo pudesse ser conservado e aproveitado como era o desejo de sua antiga proprietária: salvos do lixo e do desaparecimento.

5. Referências Bibliográficas

- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- _____. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- BASSI, Cristina M. **Joaquim Manuel de Macedo: o leitor e a leitura no século XIX**. Campinas: UNICAMP, 1993. Dissertação (Mestrado) – IEL, UNICAMP, 1993.
- BASTOS, Gustavo Grandini. **Bibliotecas: uma reflexão história acerca da constituição dessas instituições**. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/art_bastos.php, visualizado em 26 de Setembro de 2012.
- BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- BERNARDES, Vanessa Cuba. **Um estudo sobre cartilha *analytica*, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925)**. Marília, 2003. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, 2003. Orientadora: Profª Dr. Maria do Rosário Longo Mortatti.
- BURKE, Peter. Abertura: A nova história, seu passado e seu futuro. *In*: BURKE, P. (Org.), Tradução de Magda Lopes. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- CANDIDO, Antônio. Recado dos livros. *In*: CANDIDO, Antônio. **Recortes**. São Paulo: Cia das Letras, 1996. (p.216-221)
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 6ª ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil e juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo**. 4ª.ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COLODETE, Paulo R.; PINEL, Hiran. **Pesquisa no/do cotidiano: uma proposta fundamentada em Michel de Certeau**. s/data. Disponível em: <http://www.neaad.ufes.br/subsite/psicologia/obs06.htm>, visualizado em 19 de outubro de 2012.
- CUNHA, Mª Teresa S. **Uma biblioteca anotada: caminhos do leitor no acervo de livros escolares no Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60/século XX)**. Florianópolis: UDESC, 2009.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel Bertrand do Brasil, 1990.

- _____. **A ordem dos livros.** Lisboa: Vega, 1997.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. História da leitura. *In:* BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- _____. A leitura rousseauista e um leitor “comum” no século XVIII. *In:* CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da Leitura.** 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- DONATO, Hernani. **100 anos da Melhoramentos: 1890 – 1990.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1990.
- DURAN, Marília C. de G. **Ensaio sobre a contribuição de Michel de Certeau à pesquisa em formação de professores e o trabalho docente.** Educação & Linguagem. Ano 10, n.15, p. 117-137, jan-jun, 2007a. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/viewArticle/160>, visualizado em 19 de outubro de 2012.
- _____. **Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau.** Curitiba: Diálogo Educacional, set/dez 2007b. v. 7, n. 22, p. 115-128. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=1577&dd99=pdf>, visualizado em 19 de outubro de 2012.
- ECO, Umberto. Como justificar uma biblioteca particular. *In:* ECO, Umberto. **O segundo diário mínimo.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1994. (p.191-193)
- FERREIRA, Júlio Andrade. **Profeta da Unidade - Erasmo Braga: uma vida a descoberto.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.
- FERREIRA, Norma S. de A. **Anotações sobre uma leitora singular.** 2002. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/NSAF-Anotacoessobreumaleitorasingular.pdf>, visualizado em 24 de outubro de 2012.
- _____. Páginas infantis: para ouvir, declamar, imprimir no espírito. *In:* ROSA, Cristina M. **Escritas, Leitores e História da Leitura.** Pelotas (RS): Editora da UFPel, 2012.
- FERREIRA, Norma S. de A.; SILVA, Lílian L. M. da. Contribuições para a História da Leitura no Brasil: elementos de dissertações de mestrado e teses de doutorado. *In:* MORTATTI, M. R. **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história.** Marília (SP): Editora UNESP, 2011. Versão e-book: <http://www.marilia.unesp.br>
- FRADE, Isabel C. A. da S. **Arnaldo de Oliveira Barreto: um autor entre livros para alfabetizar e para desenvolvimento da leitura.** Sociedade Brasileira de História da Educação. Disponível em: www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/conteudo/file/1319.doc, visualizado em 19 de setembro de 2012.

- _____. **Cartilha Analytica de Arnaldo Barreto : um estudo do impresso produzido na Francisco Alves.** XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/71058077118773039107882871430831404879.pdf>, visualizado em 19 de setembro de 2012.
- GALENO, Amorim (org.) **Retratos da Leitura no Brasil.** São Paulo - Imprensa Oficial: Instituto Pró-Livro, 2008.
- GOULART, Ilsa do C. V. **O livro: objeto de estudo e de memória de leitura.** Campinas: UNICAMP, 2009. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, UNICAMP, 2009.
- GUIMARÃES, César. **O retorno do homem ordinário do cinema.** Contemporânea, 2005. vol. 3, n.2, p. 71 – 88. jul/dez de 2005. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewArticle/3457>, visualizado em 19 de outubro de 2012.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil (sua história).** São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- HARRIS, T. L.; HODGES, R. E. (Org.). **Dicionário de alfabetização: vocabulário de leitura escrita.** Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. (p.284)
- LAJOLO, Marisa P. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha.** Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- _____. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida.** São Paulo: Moderna, 2000.
- LATÂNCIA, Lara E. **Memórias (entre) cruzadas da Biblioteca Municipal de Valinhos “Dr. Mário Correa Lousada”.** Campinas (SP): UNICAMP, 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
- LIMA, Cristiane da Silveira. **Entre o banal e o singular: o homem ordinário no documentário brasileiro.** Belo Horizonte (MG): UFMG, 2006a. Monografia de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
- _____. **Entre o banal e o singular: os falares da vida social no documentário.** 2006b. Disponível em: <http://www2.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=44532>, visualizado em 26 de outubro de 2012.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP e A, 2001.

- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MORTATTI, Maria do Rosário. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo. UNESP, 2000.
- MORTATTI, Maria do R.; PEREIRA, Bárbara C.; GAZOLI, Monalisa R.; ORIANI, Angélica P.; MESSENERG, Cyntia G. **Cartilhas de professores paulistas do início do século XX e a conformação de práticas de alfabetização no Brasil**. II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Disponível em: http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/M_R_Mortatti.pdf, visualizado em 3 de outubro de 2012.
- MURGUIA, Eduardo Ismael. **O Colecionismo Bibliográfico: uma abordagem sobre o livro para além da informação**. Salvador (BA): VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p87/19836>, visualizado em 26 de setembro de 2012.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Os vestígios do leitor: a Biblioteca Pedagógica de Silvio Romero**. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: João Pessoa, 2003. Disponível em <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.340.pdf>, visualizado em 26 de setembro de 2012.
- RODRIGUES, Márcia Carvalho. **Resgate da Memória: os acervos pessoais na Universidade de Caxias do Sul**, 2009. In: Patrimônio e Memória, v.5, n.2, dez. 2009. UNESP. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/14399/1/resgatedamemoria.pdf>, visualizado em 26 de setembro de 2012.
- SANTOS, Maria Lygia Cardoso Kopke. **Entre louças, pianos, livros e impressos: A Casa Livro Azul – 1876-1958**. Campinas (SP): UNICAMP, 2004. Dissertação (Mestrado) – FE, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- SCHUMAHER, S. e BRAZIL, E. V. (orgs.) **Dicionário Mulheres do Brasil – de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado**. Rio de Janeiro: J, Jorge Zahar Ed., 2000. (p. 468).
- SENA, Yara M. **Uma leitura do relatório do Inquérito “Leituras Infantis” de Cecília Meireles**. Campinas: UNICAMP, 2010. Dissertação (Mestrado) - FE, UNICAMP, 2010.
- SILVA, Helen de C. **A biblioteca da Fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX**. Araraquara: UNESP, 2002. Tese (Doutorado) – FCL, UNESP, 2002.
- SOARES, Gabriela P. Bastidores da edição literária para crianças no Brasil entre os anos 1920 e 1960: a atuação de Lourenço Filho junto à Companhia Melhoramentos. In: DUTRA, Eliana de F.; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). **Política, Nação e Edição: o lugar dos impressos na construção da vida política**. São Paulo: Annablume, 2006.

SOUSA FILHO, Alípio. **Michel de Certeau: Fundamentos de uma sociologia do cotidiano.** Sociabilidades. São Paulo (SP), 2002. v.2.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. **O ineditismo dos estudos *nosdoscom os cotidianos: currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública no Rio de Janeiro, Brasil.*** Revista E-curriculum. São Paulo. v.8 n.2. ago/2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/10987>, visualizado em 26 de outubro de 2012.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. *In:* NOVAIS, Fernando A. (coordenador da coleção); Melllo e Souza, Laura de. (organizadora do volume). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa.** Volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VASCONCELLOS, Eliana. **Nem só de Drummond e Guimarães Rosa vive a literatura mineira.** Disponível em: www.amulhernaliteratura.ufsc.br/5elianevasconcellosbh.htm, visualizado em 24 de setembro de 2012.

VETTER, Silvana M. de J. **Memórias de leitura de pessoas idosas.** São Luís: UFMA, 2005. Dissertação (Mestrado) – CCS, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.

6. Anexos

6.1. Anexo 1 – Modelo de Carta de Doação

CARTA DE DOAÇÃO

Campinas, 27 de março de 2012.

Ao Grupo de Pesquisa ALLE,

Eu, _____, CPF nº _____
e RG nº _____, casada, profissão _____, residente à
R. _____,
declaro para os devidos fins que realizei a doação de trinta e sete livros, cinco
almanaques e dezenove materiais diversos, que pertenceram a minha mãe, Dalcy
Zugliani Borghe, para o Grupo de Pesquisa ALLE – Alfabetização, Leitura e
Escrita vinculado à Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Declaro, ainda, que a conservação e utilização desse acervo passam a ser
de total responsabilidade do Grupo que tem como intenção utilizá-lo
exclusivamente para fins de produção de pesquisa acadêmica.

Atenciosamente,

(Responsável pela Doação)

6.2. Anexo 2 – Fotos do processo de higienização do acervo

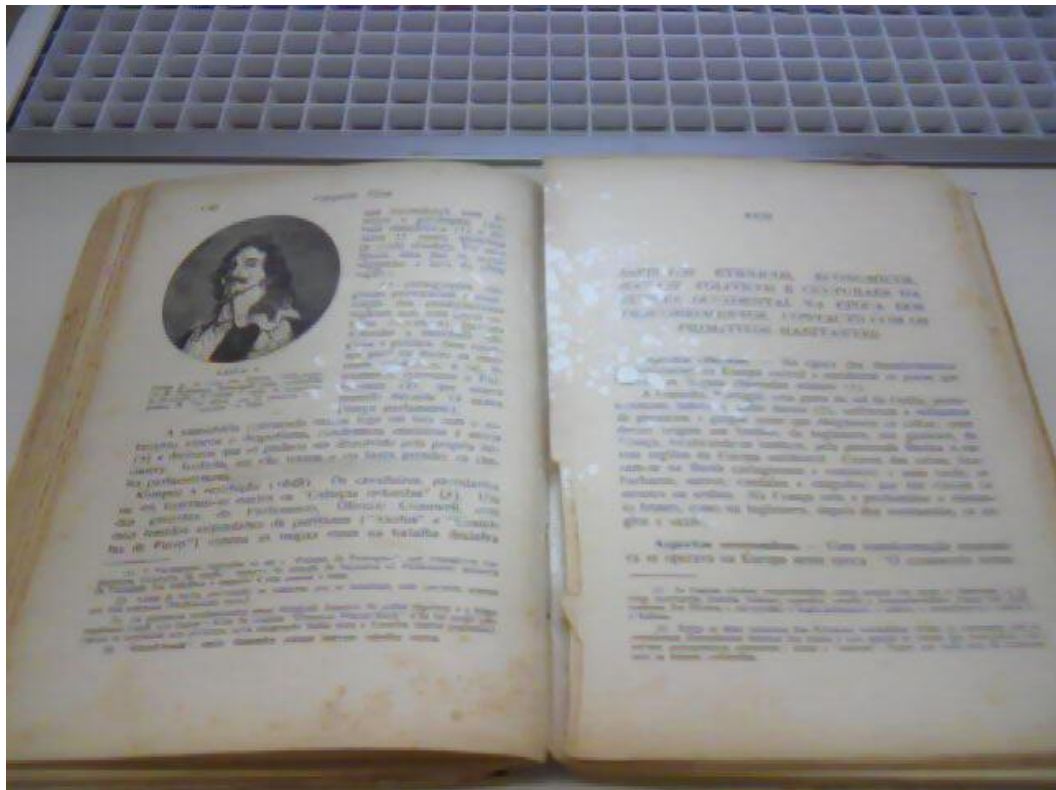


Ilustração 42 - Livro com o pozinho *Neocid*, que protege da umidade e das traças



Ilustração 43 - Detalhe do Livro com o pozinho *Neocid*



Ilustração 44 - Máquina e materiais utilizados na higienização do acervo



Ilustração 45 - Processo de higienização do acervo

6.3. Anexo 3 – Fichas dos Livros, Almanques e os Diversos Materiais

Fichas dos Livros

1.

Título	A crase (Doutrina, Exercícios, Comentários)
Autor	Cândido de Oliveira
Editora	Serviço Social da Indústria – Subdivisão de Ensino e Cultura
Edição	
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1957
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Acentuação)
Dimensões	23 x 16 cm; 23 páginas
Conteúdo	Explicações e exercícios referentes ao estudo da crase.
Observações	Livro de páginas amareladas.

2.

Título	A Namorada do Sapo - Contos Infantis
Autor	Sebastião Fernandes
Editora	Edições Pongetti
Edição	
Local / Data de Publicação	1936
Categoria	Literatura Infante – Juvenil
Dimensões	23 x 16 cm; 95 páginas
Conteúdo	13 contos infantis.
Observações	Ilustrações de J. Gouvêa. Livro sem capa e com as folhas amareladas.

3.

Título	A Nova Ortografia da Nossa Língua
Autor	B. Bueno de Moraes
Editora	Edições e Publicações Brasil
Edição	
Local / Data de Publicação	São Paulo, S/ Data
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Ortografia)
Dimensões	18 x 14 cm; 31 páginas
Conteúdo	Decreto-Lei Nº 292 de 23 de Fevereiro de 1938 e suas Regras Ortográficas.
Observações	Acordo Ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e Academia Brasileira de Letras. Livro com páginas amareladas e com as folhas de soltando.

4.

Título	Arithmetica Progressiva
Autor	Antonio Trajano
Editora	Livraria Francisco Alves
Edição	66ª Edição
Local / Data de Publicação	Rio de Janeiro, 1930
Categoria	Livro Didático – Matemática (Aritmética Superior)
Dimensões	21,5 x 14,5 cm; 272 páginas
Conteúdo	Livro teórico e prático (com alguns exercícios) sobre aritmética.
Observações	Livro de capa dura e encapado com papel rosa. Proprietária Dalcy Zugliani, Mineiros, 1932. Folhas amareladas.

5.

Título	As Férias no Pontal
Autor	Rodolpho von Ihering
Editora	Secção Editora - Typographia Brazão
Edição	
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1924
Categoria	Literatura Infantil
Dimensões	19 x 13 cm; 230 páginas
Conteúdo	Uma estória sobre as férias de um menino dividida em 19 capítulos e com ilustrações.
Observações	Serie Rumo ao Campo. Livro de capa dura, com páginas amareladas. Na capa está escrito o nome Rosa.

6.

Título	Atlas Escolar – Brasil (2ª Parte)
Autor	A. G. Lima
Editora	Edição da Livraria do Globo
Edição	
Local / Data de Publicação	Porto Alegre, 1932
Categoria	Livro Didático – Geografia (Brasil)
Dimensões	33 x 24 cm; 42 páginas
Conteúdo	Mapas com as seguintes temáticas: território do Brasil, limites e fronteiras, litoral, relevo do solo, hidrografia, regiões naturais, etc.
Observações	Os mapas são organizados de forma que eles possam ser retirados e utilizados independentemente. Proprietário Gabriel Peliciotti, datado em São Paulo, 1933. Livro de capa dura. Páginas amareladas e um pouco soltas.

7.

Título	Atlas Histórico Geográfico para uso das escolas do Brasil
Autor	João Soares
Editora	Livraria Sá da Costa – Editora
Edição	2ª Edição
Local / Data de Publicação	Lisboa (Portugal), 1934
Categoria	Livro Didático - História e Geografia (Geral)
Dimensões	34,5 x 26 cm; 104 páginas com mapas, 55 de índice
Conteúdo	Mapas com diversas temáticas sobre a história e geografia geral.
Observações	Os mapas são organizados de forma que eles possam ser retirados e utilizados independentemente. Proprietário João Francisco Pires de Campos Peliciotti, datado em São Paulo, 19 de Março de 1940. Livro de capa dura, que está se soltando da encadernação. Folhas amareladas.

8.

Título	Breves Lições de História do Brasil
Autor	Creso Braga
Editora	
Edição	
Local / Data de Publicação	1918-1921
Categoria	Livro Didático – História (Brasil)
Dimensões	21,5 x 15,5 cm; 187 páginas
Conteúdo	História do Brasil: desde o descobrimento do Brasil até o Oitavo Governo Republicano (1919).
Observações	Proprietária Mirtes Zugliani, utilizado na 3ª Série, com um carimbo das Escolas Reunidas de Mineiros. Na contra-capla há algumas observações sobre a rotina da menina e uma data: 14 de maio de 1943. Capa dura e solta da encadernação. Páginas amareladas e com alguns recortes das ilustrações.

9.

Título	Cartilha Analytica
Autor	Arnaldo de Oliveira Barreto
Editora	Livraria Francisco Alves
Edição	32ª Edição
Local / Data de Publicação	Rio de Janeiro, 1930
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Alfabetização)
Dimensões	19,5 x 14,5 cm; 94 páginas
Conteúdo	Cartilha de alfabetização baseada no método analítico. Possui diversos textos e ilustrações, tanto em preto e branco quanto coloridas.
Observações	Livro com páginas amareladas e com a encadernação se soltando.

10.

Título	Cartilha da Infância
Autor	Thomaz Galhardo
Editora	Livraria Francisco Alves
Edição	141ª Edição
Local / Data de Publicação	Rio de Janeiro, 1939
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Alfabetização)
Dimensões	19,5 x 14 cm; 64 páginas
Conteúdo	Lições de alfabetização baseadas no método silábico. Possui algumas ilustrações quando os textos são apresentados.
Observações	O livro está sem a sua capa. As páginas estão amareladas e é possível que as últimas estejam faltando.

11.

Título	Cartilha de Alfabetização - 1º Ano Primário
Autor	Benedicto M. Tolosa
Editora	Monteiro Lobato & Cia
Edição	
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1923
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Alfabetização)
Dimensões	23 x 16 cm; 96 páginas
Conteúdo	Livro de Ensino de Leitura baseado no Método Analítico. Possui algumas pequenas ilustrações. Na primeira fase do livro há apenas textos para leitura, na segunda fase há outros textos, frases e algumas explicações e questionamentos sobre as palavras trabalhadas.
Observações	Livro de capa dura e encapado com papel pardo. Folhas amareladas e com a encadernação se soltando.

12.

Título	Cartilha Intuitiva - Ensino Alfabético
Autor	Faria e Souza
Editora	Livraria Editora Record
Edição	3ª Edição
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1936
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Alfabetização)
Dimensões	22,5 x 16 cm; 126 páginas
Conteúdo	Livro de Alfabetização baseado no Método Intuitivo e com muitas ilustrações.
Observações	Era pertencente a Mylton Antônio Zugliani. Livro encapado com papel pardo e que está com suas folhas bem amareladas e frágeis. A encadernação está se soltando. Muitos desenhos estão pintados.

13.

Título	Compêndio de História Universal
Autor	P. Rafael M. Galanti, S. J.
Editora	Typographia Siqueira
Edição	6ª Edição
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1932
Categoria	Livro Didático – História (Geral)
Dimensões	19 x 13 cm; 584 páginas
Conteúdo	História Universal: Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna, História Contemporânea. Livro de ordem creacionista.
Observações	Livro com capa dura e páginas amareladas.

14.

Título	Contos Patrios (Para as crianças)
Autor	Olavo Bilac e Coelho Netto
Editora	Livraria Francisco Alves
Edição	19ª Edição
Local / Data de Publicação	Rio de Janeiro, 1923
Categoria	Livro Didático – Educação Moral e Cívica
Dimensões	18,5 x 12,5 cm; 287 páginas.
Conteúdo	Série com 23 contos.
Observações	As ilustrações são de Vasco Lima. O livro está encapado com um papel cor de rosa. Ele possui algumas anotações referentes aos significados de algumas palavras. Suas páginas estão amareladas e as do início estão comidas por traças.

15.

Título	Corações de Crianças - Leituras Preparatórias
Autor	Rita de M. Barreto
Editora	Livraria Francisco Alves
Edição	48ª Edição
Local / Data de Publicação	Rio de Janeiro, 1926
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Leituras Preparatórias)
Dimensões	18,5 x 12 cm; 130 páginas
Conteúdo	Livro de leitura baseado no Método Analítico. Livro com muitas ilustrações. O livro contém frases, textos, alguns exercícios e no final de cada lição há uma quadrinha extraída do folclore nacional.
Observações	Série de Contos Moraes e Cívicos. Livro de capa dura e com as páginas amareladas. As últimas páginas estão se soltando da encadernação.

16.

Título	Curso Prático de Português (2 exemplares)
Autor	
Editora	
Edição	
Local / Data de Publicação	São Paulo
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Acentuação)
Dimensões	18 x 13 cm; 8 páginas
Conteúdo	Instruções, regras e exercícios de Português.
Observações	Livrinho de páginas amareladas.

17.

Título	Emília no País da Gramática
Autor	Monteiro Lobato
Editora	Companhia Editora Nacional
Edição	4ª Edição
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1940
Categoria	Literatura Infantil
Dimensões	22 x 15,5 cm; 172 páginas
Conteúdo	Estórias protagonizadas pela boneca Emília e seus amigos no país da Gramática.
Observações	Série 1ª Volume 14. Ilustrações de Belmonte. Livro de capa dura, que está solta da encadernação. Na contra-capa está escrito Addressa. Folhas amareladas.

18.

Título	Fábulas
Autor	Monteiro Lobato
Editora	Companhia Editora Nacional
Edição	8ª Edição
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1943
Categoria	Literatura Infantil
Dimensões	21,5 x 15; 156 páginas
Conteúdo	Série de fábulas traduzidas e adaptadas por Monteiro Lobato e com intervenções das personagens do Sítio do Picapau Amarelo.
Observações	Série 1ª Volume 34. Ilustrações de Wiese. O livro somente possui a capa principal, que está desgrudada da encadernação. Folhas amareladas e se soltando da encadernação. Há um texto escrito à mão na página anterior ao Índice: “ <i>Ai esta muito ‘lonje’ / mandou me dizer que [escrito na vertical: que ia senhora não voltava mais] não ia não quero ‘estranjero’ quero / brasileiro terra onde eu ‘naci’ ‘Mais’ ‘si’ ele voltar ‘si’ me / procura eu não quero não, porque sou brasileira / não sou estrangeira sou de opinião</i> ”

19.

Título	Geografia do Brasil
Autor	Delgado de Carvalho
Editora	Companhia Editora Nacional
Edição	3ª Edição
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1943
Categoria	Livro Didático – Geografia (Brasil)
Dimensões	20 x 13,5 cm; 245 páginas
Conteúdo	Lições teóricas e ilustradas a respeito da Geografia Brasileira: o espaço brasileiro, a população brasileira, organização política e administrativa, o sistema de viação, a produção agrícola e da indústria e o comércio.
Observações	Sua proprietária era Mirtes Zugliani, utilizado na 3ª Série na data de 2 de Abril de 1943. Livro de capa dura e com páginas amareladas.

20.

Título	Gramática Latina
Autor	Padre João Ravizza
Editora	Escolas Profissionais Salesianas
Edição	9ª Edição
Local / Data de Publicação	Niterói – RJ, 1940
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Gramática)
Dimensões	24 x 16 cm; 560 páginas
Conteúdo	Ensino de Gramática: Fonologia e Morfologia; Sintaxe.
Observações	O seu proprietário foi João Francisco Pires de Campos Peliciotti utilizado no Ginásio do Estado, na 4ª série C. Dedicatória datada em 20/03/1943 “Ao Joãozinho com a amizade do Luís – pode ser que não tenhamos conseguido identificar o nome correto, pois está escrito como uma assinatura. Acrescida de um compêndio da história da literatura latina. Livro de capa dura encapado com papel rosa, com título, autor e edição escritos à mão, com letra desenhada. O livro está com páginas amareladas. Possui uma folha escrita a mão com anotações sobre a matéria estudada e alguns marca-textos referentes a “Semana da Criança que Estuda” de 1938.

21.

Título	História da Civilização
Autor	Joaquim Silva
Editora	Companhia Editora Nacional
Edição	4ª Edição
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1936
Categoria	Livro Didático – História (Geral)
Dimensões	20 x 13,5 cm; 309 páginas
Conteúdo	Livro ilustrado sobre a História Moderna, História da América e do Brasil.
Observações	Proprietária: Mirtes Zugliani, em sua 2ª série. Para o Quarto Ano Gymnasial. Livro de capa dura e um pouco solta da encadernação. Páginas amareladas e algumas estão soltas. O livro possui muitas anotações e rabiscos.

22.

Título	Histórias de Tia Nastácia
Autor	Monteiro Lobato
Editora	Editores Brasiliense LTDA
Edição	9ª Edição
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1955
Categoria	Literatura Infantil
Dimensões	21,5 x 15 cm; 216 páginas
Conteúdo	Estórias do folclore narradas por Tia Nastácia.
Observações	Ilustrações de André Lê Blanc. Livro com capa dura e soltas da encadernação. As páginas estão amareladas. No interior do livro há uma página de jornal guardada, com crônicas, indicações de livros, discos, etc.

23.

Título	Leitura I
Autor	Erasmus Braga
Editora	Companhia Melhoramentos de S. Paulo
Edição	51ª a 60ª Edição
Local / Data de Publicação	São Paulo, S/ Data
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Leitura)
Dimensões	18 x 13 cm; 194 páginas
Conteúdo	Série de textos, em verso e em prosa, que abordam diversas temáticas do cotidiano. Alguns textos possuem uma espécie de moral da estória. Com ilustrações, tanto coloridas quanto em preto e branco, no decorrer das estórias.
Observações	Série Braga. Livro de capa dura, páginas amareladas e com a encadernação se soltando. Algumas páginas estão rasgadas.

24.

Título	Leitura II
Autor	Erasmus Braga
Editora	Companhia Melhoramentos de S. Paulo
Edição	29ª Edição
Local / Data de Publicação	São Paulo, S/ Data
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Leitura)
Dimensões	18 x 13 cm; 234 páginas
Conteúdo	Série de textos que versam sobre diversas temáticas de cunho nacionalista e com ilustrações, tanto coloridas quanto em preto e branco, no decorrer das estórias.
Observações	Série Braga. Livro de capa dura, páginas amareladas e com a encadernação se soltando.

25.

Título	Leitura III
Autor	Erasmus Braga
Editora	Companhia Melhoramentos de S. Paulo
Edição	
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1921
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Leitura)
Dimensões	18,5 x 13,5 cm; 284 páginas
Conteúdo	Seleção de textos para leitura: fábulas, apólogos, mitos, lendas, contos de fadas, provérbios, descrição, biografias, poesias e narrativas de fundo histórico. Em cada texto há um glossário e em alguns uma pequena biografia do autor. Há ilustrações e mapas nas estórias.
Observações	Série Braga. Livro de capa dura e com a encadernação se soltando. Páginas amareladas. Há algumas páginas faltantes.

26.

Título	Leituras Simples – 3º e 4º Graus
Autor	Orlando Mendes de Moraes
Editora	Typographia Siqueira
Edição	15ª Edição
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1935
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Leitura)
Dimensões	19 x 13,5 cm; 200 páginas
Conteúdo	Série de leituras de linguagem simples e de diversos autores, escritos tanto em verso quanto em prosa, que abordam a história da pátria, a geografia e a instrução moral e cívica.
Observações	Coleção "Caetano de Campos". Volume XX. Livro de capa dura, folhas amareladas e com a encadernação se soltando.

27.

Título	Lindas Histórias
Autor	
Editora	
Edição	
Local / Data de Publicação	
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Leitura)
Dimensões	17,5 x 12 cm; 114 páginas
Conteúdo	Livro de leitura com aproximadamente 38 estórias, tanto em verso quanto em prosa. No final dos textos em prosa existe uma espécie de moral da história.
Observações	Livro sem capa, o título apresentado está escrito a mão em uma capa improvisada de papel fino e cor-de-rosa. Folhas amareladas, sendo que as duas primeiras estão rasgadas. Provavelmente estão faltando as últimas páginas.

28.

Título	Livro das Fábulas
Autor	Fred Jorge
Editora	Editores Prelúdio
Edição	
Local / Data de Publicação	São Paulo
Categoria	Literatura Infantil
Dimensões	18,5 x 13,5 cm; 62 páginas.
Conteúdo	Livro que contém fábulas contadas pela figura de um avô para seus netos e com algumas ilustrações.
Observações	Livro sem capa, com folhas amareladas e com a encadernação se soltando.

29.

Título	Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias
Autor	Olavo Bilac e Manoel Bomfim
Editora	Livraria Francisco Alves
Edição	9ª Edição
Local / Data de Publicação	Rio de Janeiro, 1930
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Composição)
Dimensões	18,5 x 12,5 cm; 254 páginas
Conteúdo	Ensino de textos escritos: enumeração, exposições, narrações, descrições, contos, cartas, dissertações, resumos.
Observações	Livro de capa dura e páginas amareladas. Está faltando as últimas páginas, pois o índice não está completo.

30.

Título	Methodo de Calligraphia "De Franco" Sempre é Tempo
Autor	Antônio de Franco
Editora	
Edição	5ª Edição
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1937
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Caligrafia)
Dimensões	24 x 16 cm; 173 páginas.
Conteúdo	Orientações sobre a postura corporal e materiais utilizados, demonstração de aparelhos que corrigem as posições e aplicação de regras e exercícios para escrever com uma boa caligrafia.
Observações	Livro de capa dura e com folhas amareladas.

31.

Título	Meu Amigo - Cartilha Analítico-Sintética
Autor	Valfredo Arantes Caldas
Editora	Casa Siqueira
Edição	5ª Edição
Local / Data de Publicação	São Paulo
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Alfabetização)
Dimensões	21,5 x 15 cm; 51 páginas
Conteúdo	Livro de Alfabetização baseado no Método Analítico-Sintético. O livro possui uma ilustração no alto de praticamente todas as páginas.
Observações	Coleção "Caetano de Campos". Pertencente a Victor Bambini e autografado pelo próprio autor, em Paulicea na data de 12 de maio de 1934. Livro de capa dura, encapado com papel pardo e com folhas amareladas.

32.

Título	Novo Atlas de Geographia
Autor	J. Monteiro e F. d'Oliveira
Editora	Livraria Francisco Alves (Paulo de Azevedo & Cia)
Edição	
Local / Data de Publicação	Rio de Janeiro, 1927
Categoria	Livro Didático – Geografia (Geral e do Brasil)
Dimensões	31,5 x 24,5 cm; 116 páginas
Conteúdo	Noções de cartografia e cosmografia, mapas físicos e políticos do mundo, continentes, países e estados brasileiros. Diversos mapas com outras temáticas, como: agrícola; densidade demográfica; econômica; produção animal, vegetal e mineral; impérios; entre outros momentos históricos.
Observações	Proprietárias Dalcy e Mirtes Zugliani, datado em 2 de maio de 1936. Livro de capa dura e com páginas amareladas.

33.

Título	O Segrêdo da Acentuação Gráfica
Autor	Antônio de Souza Leal
Editora	Editora Anchieta S/A
Edição	
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1945
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Acentuação)
Dimensões	13,5 x 9 cm; 22 páginas
Conteúdo	Regras de acentuação.
Observações	Livro de páginas amareladas e com a capa solta da encadernação.

34.

Título	Páginas Infantis
Autor	Presciliana Duarte de Almeida
Editora	Escolas Profissionais Salesianas
Edição	
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1914
Categoria	Literatura Infantil
Dimensões	20 x 13,5 cm; 132 páginas
Conteúdo	Diversas histórias escritas tanto em verso quanto em prosa e alguns enigmas.
Observações	Capa desenhada por Bento Barbosa e texto ilustrado por Jonas de Barros. Livro de capa dura, as páginas estão amareladas e a encadernação está se soltando.

35.

Título	Recitativos - Pela Instrução
Autor	Ainda Maragliano
Editora	
Edição	
Local / Data de Publicação	1946
Categoria	Livro Didático – Língua Portuguesa (Leitura)
Dimensões	18,5 x 14 cm; 95 páginas
Conteúdo	Série de textos para leitura, escritos em versos e em prosa.
Observações	Livro com páginas amarelas e com a encadernação se soltando.

36.

Título	Sombras que Vivem
Autor	João Toledo – Inspetor Geral de Ensino no Estado de São Paulo
Editora	Livraria Francisco Alves
Edição	4ª Edição
Local / Data de Publicação	Rio de Janeiro, 1928
Categoria	Literatura Infanto-Juvenil
Dimensões	18 x 13 cm; 272 páginas
Conteúdo	Série de episódios históricos que versam sobre a temática da bondade, da moral e do civismo. A cada final de episódio há um questionário de interpretação de texto.
Observações	A data de uso está registrada como 30/05/1929, de propriedade de Dalcy Zugliani. Livro de capa dura, páginas amareladas e com algumas se soltando.

Fichas dos Almanques

1.

Título	Almanaque Capivarol
Responsável	Francisco Xavier Schaefer
Laboratório	Laboratório Capivarol LTDA
Local / Data de Publicação	Rio de Janeiro, 1961
Edição	Ano 42
Dimensões	18,5 x 13 cm; 29 páginas
Conteúdo	Propagandas, passatempos (carta enigmática, ilusão de ótica, etc.), calendários, horóscopo, piadas, pensamentos, informações diversas, sugestões de utilidades, receitas, etc.
Observações	Almanaque com páginas amareladas e a capa solta da encadernação.

2.

Título	Almanaque Catedral
Responsável	Bernardo Guertzenstein
Laboratório	Laboratório Vegetal Catedral
Local / Data de Publicação	São Paulo, 1973
Edição	
Dimensões	18,5 x 13,5 cm; 31 páginas
Conteúdo	Propagandas, palavras cruzadas, calendários, horóscopo, piadas, pensamentos, informações diversas, curiosidades, receitas, etc.
Observações	Almanaque bem conservado.

3.

Título	Almanaque d'a Saúde da Mulher
Responsável	
Laboratório	Farmácia São Pedro
Local / Data de Publicação	1955
Edição	51ª Edição
Dimensões	18 x 13 cm; 33 páginas
Conteúdo	Propagandas, passatempos (complete), calendários, horóscopo, piadas, informações diversas, curiosidades, receitas, etc.
Observações	Almanaque bem conservado e com páginas pouco amareladas.

4.

Título	Almanaque Renascim
Responsável	
Laboratório	Laboratório Catarinense S. A.
Local / Data de Publicação	Joinville – SC, 1968
Edição	23ª Edição
Dimensões	17,5 x 13 cm; 33 páginas
Conteúdo	Propagandas, adivinhações, calendários, horóscopo, piadas, informações diversas, curiosidades, pensamentos, etc.
Observações	O almanaque está rasgado ao meio.

5.

Título	Almanaque Renascim
Responsável	
Laboratório	Laboratório Catarinense S. A.
Local / Data de Publicação	Joinville – SC, 1973
Edição	28ª Edição
Dimensões	17,5 x 13 cm; 33 páginas
Conteúdo	Propagandas, passatempos (quadrinhas, desafios, adivinhações), calendários, horóscopo, piadas, informações diversas, curiosidades, pensamentos, receitas, etc.
Observações	O almanaque está bem conservado.

Fichas dos Materiais Diversos

1.

Material	Álbum de Poemas e Sonetos Escritos a Mão
Proprietário	Dalcy Zugliani
Local / Data	São Paulo, 1932-1933
Dimensões	23,5 x 16,5 cm
Conteúdo	Poemas e sonetos de vários autores escritos à mão e com alguns desenhos para enfeitá-lo.
Observações	Na contra-capa está escrito “Álbum de Dalcy Zugliani – Sim!! Uma recordação de meus tempos na capital em 8-6-932”. Os poemas foram escritos com uma caligrafia bem desenhada. Alguns amigos também escreveram em homenagem a proprietária. O caderno está encapado com um papel de cor azul e a capa está solta das folhas. As páginas estão amareladas.

2.

Material	Caderno "Pensamentos Célebres"
Proprietário	
Local / Data	
Dimensões	24 x 16 cm
Conteúdo	Coletânea de recortes de jornais, como: poemas, pensamentos, frases, crônicas, reportagens, etc.
Observações	Os recortes foram colados em um livro do “Regimento Interno da Câmara Municipal de São Paulo” de 1925. O livro está encapado com um papel pardo e na capa está escrito “Pensamentos Célebres”. As páginas estão bem amareladas e no seu interior há uma página de jornal, duas folhas xerocadas e outros recortes que não haviam sido colados ainda.

3.

Material	Caderno de Análises
Proprietário	Maria Evangelina
Local / Data	
Dimensões	22,5 x 16 cm
Conteúdo	Poemas escritos à mão com anotações de entonação de voz, expressões faciais e corporais.
Observações	Caderno de encadernação em espiral e com capa dura. As páginas estão um pouco amareladas.

4.

Material	Caderno de Apontamentos
Proprietário	Mirtes Zugliani
Local / Data	1944
Dimensões	16 x 11,5 cm
Conteúdo	Poemas e sonetos escritos à mão.
Observações	Na capa está escrito “1º Anno Normal – Colégio Anglo-Latino”. As palavras Grupo Escolar e Colégio São José estão riscadas com um traço. Livrinho de capa e páginas de papel frágil e fino. A capa se soltou das páginas.

5.

Material	Caderno de Declamação
Proprietário	Maria Evangelina
Local / Data	1962
Dimensões	22,5 x 15,5 cm
Conteúdo	Poemas escritos à mão com anotações de entonação de voz, expressões faciais e corporais.
Observações	Caderno de espiral, faltando a capa de trás.

6.

Material	Caderno de Mapas Diversos
Proprietário	
Local / Data	
Dimensões	16 x 22 cm
Conteúdo	Mapas diversos desenhados e pintados à mão.
Observações	Caderno de espiral, a capa está quase se soltando.

7.

Material	Caderno de Poemas Escritos à Mão
Proprietário	
Local / Data	1947-1953
Dimensões	24 x 17 cm
Conteúdo	Poemas de vários autores, escritos à mão.
Observações	Na primeira página está escrito “Poesias tiradas de Deise B. Martins 2-7-1947 a 25-3-1953”. Caderno de capa dura e com páginas um pouco amareladas. No interior do caderno há: uma folha com o desenho da bandeira do Brasil e folhas com outras poesias.

8.

Material	Caderno de Poemas Escritos à Mão
Proprietário	Possivelmente Lourdes Brandão P. P.
Local / Data	1943
Dimensões	23,5 x 16,5 cm
Conteúdo	Poemas e sonetos escritos à mão e com letra desenhada.
Observações	Caderno de capa dura. No interior do caderno há um recorte de outro poema. Nas últimas folhas do caderno, onde não estão escritos poemas, há vários desenhos de criança.

9.

Material	Caderno de Poesias
Proprietário	Roseli Aparecida Cação Fontana
Local / Data	Escrito no período de 1962 a 1964
Dimensões	21 x 16 cm
Conteúdo	Poemas escritos por amigos, familiares e professores em homenagem à proprietária. Há vários desenhos e colagens de imagens para enfeitar as páginas.
Observações	Caderno de capa de couro e com uma bela encadernação. Algumas folhas do interior estão se soltando.

10.

Material	Caderno de Sonetos e Poesias
Proprietário	Anna Zugliani
Local / Data	1927
Dimensões	23,5 x 16 cm
Conteúdo	Cadernos de sonetos e poesias escritos de lápis à mão.
Observações	Na capa está escrito “A amiga Anna oferece a Yá”. Na primeira página está escrito dentro de um coração “Caderno de Poesias e Sonetos. Pertence a graciosa Sta. Anna Zugliani” e dentro de outro coração “Lembrança a ti dedico Anna Z.” Algumas páginas estão se soltando.

11.

Material	Caderno “Saudades de Meus XV Anos”
Proprietário	
Local / Data	1935-1937
Dimensões	23,5 x 16 cm
Conteúdo	Coletânea de poemas e sonetos escritos à mão.
Observações	Caderno encapado com papel de cor azul. A caligrafia é desenhada, há desenhos que enfeitam as páginas. Dentro do caderno há um bilhete de uma amiga.

12.

Material	Cartão – SESI: Serviço Social da Indústria, Confederação Nacional da Indústria
Proprietário	
Local / Data	
Dimensões	15,5 x 9 cm
Conteúdo	O cartão possui vários homens desenhados e no canto superior a frase: “Educando e instruindo, o SESI prepara hoje os técnicos de amanhã”. Embaixo, há o brasão do Serviço Social da Indústria.
Observações	O cartão está bem conservado. Possui alguns rabiscos e alguns pontinhos feitos a caneta no rosto de cada homem.

13.

Material	Folheto – Bayer: Saiba que...
Proprietário	
Local / Data	
Dimensões	16,5 x 11,5 cm
Conteúdo	Propagandas de remédios Bayer (Adalina, Helmitol, Tonofosfan, Mitigal, Eldoformio) com algumas informações sobre os seus princípios ativos. Há perguntas e respostas sobre o Brasil, com o título “Nenhum Brasileiro deve Ignorar”.
Observações	Folheto bem colorido e conservado.

14.

Material	Folheto - As Frangas e... Os Livros
Proprietário	
Local / Data	Rio de Janeiro
Dimensões	16,5 x 14 cm
Conteúdo	Poema “As Frangas e... Os Livros” de Lucas Barbaroxa (Liv. XI – Vol. IV). No final há uma moral da história.
Observações	Este folheto está amarelado. Ele é pertencente à Campanha Civilisadora da CIVILISAÇÃO BRASILEIRA S/A – Rio. No verso do folheto há algumas anotações, como um boletim.

15.

Material	Folheto – Energiol: Os nossos mais belos POEMAS
Proprietário	
Local / Data	São Paulo
Dimensões	16 x 10 cm
Conteúdo	Coleção de poemas de vários autores, como: Corrêa Junior, Cleomenes Campos, Martins Fontes, Judas Isgorogota, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Cyro Costa. Além de propagandas sobre o “Xarope S. Paulo” e “Energiol”.
Observações	Livrinho com folhas amareladas.

16.

Material	Folheto - Jânio Quadros: Para seu Governo
Proprietário	
Local / Data	
Dimensões	18 x 13 cm
Conteúdo	Folheto de propaganda sobre a candidatura do presidente Jânio Quadros com dados referentes ao seu governo do Estado de São Paulo.
Observações	Na capa está escrito “Eleito presidente da república em 1960 Jânio Quadros”. Folheto de páginas amareladas.

17.

Material	Folheto – Singer: O BRASIL ‘atravez’ do Livrinho Singer
Proprietário	
Local / Data	
Dimensões	18,5 x 12,5 cm
Conteúdo	Propagandas das máquinas de costurar da Singer, Hino Nacional Brasileiro, Hino à Bandeira e diversos mapas referentes ao território brasileiro.
Observações	Na capa está escrito 10/9/941. Entre os mapas há uma folha de seda para que eles possam ser reproduzidos.

18.

Material	Jornal - Literatura, Novidades, Propaganda: O 420
Proprietário	José Juliano
Local / Data	São Paulo, 1935
Dimensões	27 x 19 cm, 4 páginas
Conteúdo	Diversas frases, piadas, poemas, informações, propagandas, etc.
Observações	Responsável: Pedro Nelasco de Barros. Anno VII, Nº 43. Jornal com folhas bem amareladas e algumas manchas.

19.

Material	Livrinho da Bandeira Única – Oferta do Sabonete Eucalol à nova geração Brasileira (2 exemplares)
Proprietário	
Local / Data	
Dimensões	18 x 12 cm
Conteúdo	Propagandas do Sabonete Eucalol, diversos mapas e informações sobre o território brasileiro e outros símbolos nacionais.
Observações	Livrinho bem colorido e conservado.

6.4. Anexo 4 – Roteiro da Entrevista

DADOS PESSOAIS

1. Qual a história dela?
- Nome:
Data de Nascimento:
Local de Nascimento:
Locais onde morou:
Onde estudou:
Estado Civil:
Quantos Filhos:
Profissão:
Classe Social:
Nível de Escolaridade (pais, irmãos, marido, filhos):
Data de Falecimento:
Local de Falecimento:

ACERVO

2. Havia mais livros do que os que estão no acervo entregue ao ALLE? Quais?
3. Como ela adquiria esses livros?
4. Como ela costumava guardar os livros?
5. Quem mais utilizava esse acervo?
6. Notamos que ela possuiu muitos livros que foram publicados durante as décadas de 20 e 40, você saberia nos informar o motivo desse acúmulo durante esse período?
7. Você saberia informar porque ela guardou esses livros?

O VALOR DA LEITURA E DO LIVRO

8. O livro era uma prioridade para ela?
9. Ela costumava presentear com livros ou gostava de ganhar livros de presente?
10. Ela lia com frequência?
11. Ela te ajudava nas leituras?
12. Ela costumava ler histórias para os filhos ou outras crianças (sobrinhos, netos, primos)?
13. Ela tinha algum repertório de histórias para contar oralmente?

PRÁTICAS DE LEITURA

14. Onde ela costumava ler?
15. Ela frequentava outros locais de acesso aos livros e à leitura, como bibliotecas, saraus, etc?
16. Que tipos de leitura ela gostava de fazer?

OUTRAS INFORMAÇÕES

17. Quais outras informações você julga necessário sobre a vida de sua mãe?

6.5. Anexo 5 – Transcrição da Entrevista

Entrevista com a Sra. Cláudia Maria Borghe Antonelli

Esta entrevista foi realizada no dia 27 de março de 2012 com a Sra. Cláudia Maria Borghe Antonelli, filha de D. Dalcy Zugliani Borghe, proprietária do acervo que estamos pesquisando. Estavam presentes a Prof^a Norma Sandra de Almeida Ferreira, a Prof^a Lílian Lopes Martin da Silva e as orientandas de Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, Franciane Martins da Costa e Mariana Aparecida Apolinário.

Cláudia - A minha mãe, vou começar pela história dela, como que esses livros estão ali com ela. Ela não fez a área da educação, ela não chegou a fazer curso superior porque faltou muita oportunidade, ela pegou época de guerra, então, quando ela estava para ingressar, porque o sonho dela era mesmo ir pra essa área da educação, aí, ela não conseguiu cursar o superior, mas ela foi uma pessoa extremamente autodidata, então, tudo ela se interessava, ela lia. Então, a história desses livros estar com ela porque um tio, irmão da minha avó, que é o Gabriel, tem aqui, Peliciotti, esse foi da onde a origem desses livros. Ele era tio da minha mãe, irmão da minha avó, ele foi da área da educação, ele foi, quer ver, diretor do Mackenzie de SP, ele foi diretor, ele nasceu em São Paulo, não, viveu e morreu em São Paulo, só que ele era de, deixa eu ver, não sei se Mineiros do Tietê ou Jaú, porque a minha avó era de Mineiros do Tietê, quer ver, ele viveu e morreu em São Paulo, tá? Ele era tio da minha mãe, foi ele que doou esses livros para a minha mãe, porque a minha mãe gostava muito de estar em contato com ele porque ele era dessa área, ele sempre teve muito livro e ela vivia, ela gostava, tanto que quando ele faleceu, a esposa disse que ele pediu pra que doasse muitos livros para a minha mãe. Entendeu?

Franciane – E faz um tempo já?

Cláudia – Ah! Sim... Olha, ele... Eu vou, ele nasceu... Olha... A minha mãe... A minha avó, porque ele é irmão da minha avó, esse Gabriel, nasceu em 1896, o Gabriel é um pouquinho mais velho, é provável a data dele seja 1897, o nascimento, só que ele faleceu em 49 ou 50, ele faleceu até que cedo, eu não conheci esse tio, porque eu sou de 55. Então, eu não conheci esse tio... Então... Ele viveu e morreu em São Paulo, tio da Dalcy Zugliani Borghe, é o nome da minha mãe.

Norma – Dalcy?

Cláudia – Dalcy, com Y. Zugliani, que é do lado do meu avô... Zugliani e Borghe, que é o meu pai, B-O-R-G-H-E, Borghe... Porque o Peliciotti é do lado...

Norma - Mas não é o Borghe, que foi diretor da Educação?

Cláudia – Não é esse lado... Bom, não sei se é parente, mas não é esse lado do Borghe, não...

Norma – Ele estaria hoje, acho que com uns 70 e poucos anos... Teve um Borghe que foi diretor...

Cláudia - É teve algum Borghe professor, diretor da Educação, mas esse não conheço como parente não. Então, ele doou os livros para a minha mãe, o Gabriel, tá? Esse Gabriel foi casado com a Júlia Pires de Campos Peliciotti, foi casado... Teve um filho, João Gabriel Pelicciotti, que era aviador e faleceu muito cedo num acidente de avião. Então, eles ficaram sem filhos e praticamente a minha mãe que gostava de tudo isso, que ficou com tudo isso, como sobrinha dele. A esposa Júlia, então, era de Jaú, então, eles eram tudo para esse lado, porque minha avó é de Mineiros do Tietê, e o Gabriel casou com uma moça de Jaú, que também formada em Pedagogia, tá? A esposa do Gabriel... Existe uma escola em São Paulo, isso minha tia passou essa informação, porque eu não sabia, também... Com o nome do Gabriel, diz que tem uma escola. Ele nasceu por volta de 97, residiu, olha aqui... Tem um nome de rua onde ele residiu... Residiu na Rua Mathias Aires, em São Paulo, perto do cemitério da Consolação, tá? Quem sabe consegue alguma informação ali. Ele diz que foi muito amigo do ‘Lud Minuci’, disse que é uma pessoa muito conhecida dessa área da educação de século, o quê... Sei lá, XIX, né? Porque toda essa história começou mesmo, né? Quer dizer comezinho desse período, não é?

Norma – Em meados desse período, final do século e primeira década de 1910...

Cláudia - Exatamente porque se ele nasceu por volta de 97, até ele chegar na idade adulta tal, é começo de século, começo de século, não é? Ele nessa área, então é isso, esse livro ficou esse tempo todo sempre com a minha mãe, e a minha mãe leu tudo isso, entendeu? Porque ela era aquilo que eu falei uma pessoa muito, muito autodidata, ela tinha outros materiais, sem ser coisas da educação também e ela guardou até o final da vida dela.

Franciane - Ela tem um bilhetezinho que ela diz, né?... “Livros interessantes gosto de relê-los”...

Cláudia - É, então, “cê” vê... Tudo separadinho, estava tudo arrumadinho, separadinho, daí nós fomos mexer, foi quando eu pensei na Lílian, né? Que eu falei “Gente,

que material!”. A gente não tem como guardar tanta coisa mais hoje, então, tem que servir para alguém.

Norma - E você acha que aqueles cadernos escritos à mão são dela?

Cláudia - Deixa eu ver, você tem algum material aí?

Norma - Eu trouxe algumas coisas, porque às vezes, ela não lembra...

Cláudia - Pela letra...

Norma - Porque a maioria dos livros não tem o nome do destinatário, né...

Cláudia - Poesias...

Norma - Porque tem alguns que...

Cláudia - Para mim, essa letra é dela... Olha, essa letra está muito parecida com a letra dela, mas aqui... Pode ser, viu! Porque ela gostava muito de escrever assim, umas coisinhas...

Norma - É, porque aqui tem muitas poesias copiadas...

Cláudia - Poesias copiadas, é? Porque aqui não tem nome nenhum, né? Amiga Ana oferece a Yá. Não é isso?

Franciane - Ahã...

Norma - Então, tem uma Yá aí que aparece, uma manda pra outra...

Cláudia - Peraí, vamos ver o nome... Júlia, não tem nada a ver, né? A esposa... Júlia...

Franciane - É porque, às vezes, Yá pode ser apelido, também...

Cláudia - É pode ser... Foi isso que eu pensei, será que é Yara, né?

Norma - Mas será que os cadernos ele doaria? Isso que é...

Cláudia - Então, isso que tá...

Norma - Está vendo aqui, tem uma coisa de declamação, parece que ela está copiando...

Cláudia - Copiando alguma coisa...

Franciane - Para fazer um sarau...

Cláudia - É...

Norma - Por isso que nós achamos que fosse professora, porque ela poderia estar ensaiando alguma coisa pros alunos.

Cláudia - É, pois é... Só se isso acabou vindo junto com o da esposa dele, né? Porque a esposa dele era formada em Pedagogia. E isso é uma letra de mulher, não é?

Norma - É, eu acho...

Cláudia - É uma letra de mulher...

Norma - Tem hora que ela fala, nos cadernos que é de... Não sei se eu trouxe esse caderno...

Franciane - E aqui tem até interpretação, assim, não só vocal, mas corporal, também. Porque ó: “cruza as mãos”...

Cláudia - Certo. Era alguma coisa que... Pra uma apresentação, pra alguma coisa...

Franciane - Eu imaginei que fosse um sarau...

Norma - “Olhos cabisbaixos”, fala assim “Levantando a cabeça”, então, ela está dirigindo a leitura mesmo...

Cláudia - Gente, olha...

Norma - Que pena, né?

Cláudia - Pois é!

Norma - Gente, como é difícil...

Cláudia - Que pena ela não poder, ela iria ficar muito feliz de saber o resultado disso aqui... Porque ela tinha muito carinho.

Norma - Eu imagino, porque ela guardou...

Cláudia - Ela falava assim: “O que vocês vão fazer dos meus livros?”

Norma - Ela falava?

Cláudia - Ela tinha muita preocupação com os livros. Eu falava, mãe... Hoje, as meninas, minhas filhas, a gente num, num, né?

Norma - Vocês não estão na área.

Cláudia - A gente não manuseia, a gente não é da área. E, depois, é muita coisa por Internet, *Google*, aquela coisa de pesquisa, não é a área de ninguém em casa, ninguém entrou para essa área de educação, nem minhas filhas, nenhuma neta dela. Então, eu falava não, pode deixar, eu pensava mesmo, porque eu sabia que a UNICAMP tinha uma biblioteca onde conta a história dos livros, tal... Eu falei, bom, um dia sei lá, eu dô, jogar a gente não tem coragem, né? Foi quando eu chamei a Lillian e ela falou: “Deixa eu levar?”, eu falei “Leva”....

Norma - Nossa foi uma festa pra nós! A Lillian chegou com uma mala (...)

Cláudia - É uma mala...

Norma - (...) Abriu a mala chamou a gente, chamou todo mundo... Tá vendo? A maioria não tem, não tem dedicatória... Então, não dá pra perceber de quem que é...

Cláudia - Quer ver, eu vou até... Olha, parece um pouco a letra da minha mãe... Olha, ela tinha muito disso, ela gostava muito de enfeitar todos os cadernos com uma pintura. Isso quando a gente estava no (...)

Franciane - E ela desenha bem, né?

Cláudia - Desenha bem, desenhava muito bem. (...) no Grupo na época, na época era Grupo, né? Todo caderno ela mandava para a professora com um desenhinho.

[Risos]

Franciane - Caprichosa.

Cláudia - Ela gostava, ela gostava muito. Essa letra parece a dela. Eu vou até pegar um bilhete que eu tenho dela aí, que ela deixou... Um rascunho e a gente compara. Ela gostava muito de poesia, ela gostava muito.

Norma - É Mil... Milton?

Cláudia - Milton, esse daqui é Mirtes... Esse, é irmã dela.

Norma - Ah! É irmã dela...

Cláudia - É irmã dela, do colégio.

Franciane - Ah! Então, pode ser que ela...

Cláudia - A irmã dela, essa minha tia (...)

Norma - Como ela gostava, ela foi reunindo...

Cláudia - Minha tia era professora, ela fez Pedagogia, essa Mirtes. É a irmã caçula. Minha mãe é mais velha, dois irmãos...

Norma - E é irmã, também, do Gabriel, será?

Cláudia - Não, também, não... Ela é irmã da minha mãe, então, ela é também sobrinha do Gabriel e ela é a caçula, tanto que a minha mãe foi para São Paulo por causa dos irmãos, ela era a mais velha e os outros três foram para fazer faculdade e ela foi junto, ela ficava junto... Ela num... Faltou oportunidade para ela, ela perdeu por causa de guerra. É, então, essa daqui [a Mirtes] é a irmã, ela é irmã da minha mãe, sobrinha também do Gabriel. Deixa eu ver se eu vejo mais alguma coisa. Vitor Bambini, com um abraço. Não esse não... Paulicéia... Não, isso deve ser algum material do Gabriel mesmo, algum amigo dele, colega que doou... Tá vendo pela data, né? 34... Esse não sei. Esse com certeza, veio (...) [Toca a campanha] Acho que é a Lílian... (...) veio mesmo do, do tio Gabriel. Vou pegar um bilhete. [Foi pegar o bilhete] Ela tinha muita saúde, mas ela teve um problema de fundo de olho. Então, isso para ela foi... Porque o que ela adorava era livro, leitura. Então, ela tinha que tudo fazer um rascunho, você está vendo que saiu um pouco fora da linha? Por causa dessa dificuldade. Ela ficou com um fundo de olho, né? A Lílian lembra disso, né? Então, essa é a letra dela, de repente a gente compara ali...

Norma - Assim, eu trouxe alguns livros...

Lílian - Eu entreguei e perdi o pé, a Norma que ficou com as meninas mexendo com esse material. Ela tinha me falado, as meninas estão mexendo...

Norma - E, aí, tem assim, alguns cadernos... Mas, como não tem nome na capa, às vezes, e nenhuma relação, nem nada... Então, eu queria saber se era dela...

Lílian - A gente não sabe se é dela ou se ela juntou...

Norma - Isso, então, é isso que nós estamos perguntando quem são as pessoas...

Cláudia - Olha, o H e o LH, vê se tem aí... Lembra muito a letra dela, só que aqui, é aquilo que eu te falei isso foi em 70, não 2004.

Franciane - É, aqui ela pode ter caprichado mais.

Cláudia - Sim, aqui ela era moça. E aqui ela tinha esse problema de vista muito, muito. Então, ela escrevia, olha, tá vendo, saia um pouco, tanto que ela fazia tudo rascunho, mas essa aqui é a letra dela. Essa é. [Várias comparações entre as letras do bilhete e do caderno] Está vendo essa letra, um pouco desenhada? Ela tinha uma letra um pouco desenhada.

Franciane - E aqui, ela caprichou. Escreveu (...)

Cláudia - Sim, isso aqui ela era jovem...

Franciane - (...) com mais calma.

Cláudia - E essa coisa de desenhar, porque ela fazia isso no caderno da gente quando a gente ia pro grupo... Tudo desenhadinho folha por folha. Ela pintava, eu vou pegar uns quadros aqui pra vocês, que esses dias eu fui mexer aqui e eu tirei... Ela pintava tela, então, ela desenhava muito bem. Está vendo, ela tem muitos quadros. Ah! Isso aqui é dela...[letra], ela escrevia assim [Procurando por mais letras coincidentes]. Ah! Lá... Lembra mais ou menos... Está vendo? Tá vendo? É isso mesmo... Esse aqui lembra muito a letra dela. Olha, tem outros ali que eu fiquei na dúvida. É... Sabe, esse daqui com certeza... Endereço, endereço de Francisco José, São Paulo, Vila Mariana, é alguma coisa que ela anotou. Ah! Isso aqui é dela...

Franciane - É dela???

Cláudia - Ah! Certeza...

Franciane - Você conhece???

Cláudia - Ah! Sim... Isso aqui é dela, é sim... Isso aqui com certeza, esse aqui é dela... Ela gostava muito de escrever poesia. E foi assim, a história disso. Ela guardou isso tudo com o maior carinho, o maior carinho e ela tinha adoração por esses livros e ela pediu...

Norma - Então, na verdade Fran, ela reúne livros que não são dela, mas que ela...

Cláudia - “Lindas Histórias”, isso aqui é letra dela. Está vendo? Ela escreveu “Lindas Histórias”. Ela guardou tudo isso, também, que ela, lógico, ela se casou já até um pouco mais tarde para a geração dela, ela se casou com mais de 35 anos, quase 40 anos, minha mãe casou mais tarde, então, aí, teve um período na vida que depois nasceu minha irmã, eu, tal, que foi mais difícil, ela não tinha tanto tempo de livros, porque ela adorava... Então, ela guardou tudo, ela falou quando eu tiver uma vida mais sossegada eu vou voltar a ler, escrever, não sei quê, mas aí, apareceu esse problema na vista dela. Isso para ela, porque o que ela mais adorava era leitura, livros, poesia, pinturas, tem um monte de telas que ela pintou, um monte de quadros e ela foi perdendo a vista. Então, ela já, aí, ela não conseguia mais ler isso aqui, no final da vida, ela não conseguia mais ler. Ela teve degeneração, fundo de olho. Sabe? Uma coisa degenerativa, então, foi o que ela sofreu muito porque o que ela mais gostava... Entendeu? Mas ela, tá vendo que ela separou tudo, ela separava “Lindas Histórias”, era assim mesmo: “Livro bom para reler” e ela falava: foi isso que eu falei para a Norma “O que vocês vão fazer com o meu livro quando eu morrer? Pelo amor de Deus, os meus livros!” Foi daí que eu pensei “Vou chamar a Lílian”, porque o quê que eu vou fazer, né? Tanto que eu não tinha nem manuseado muito, eu vi uma coisa ou outra só.

Franciane - E vocês, assim, como filhas? Ela teve quantos filhos?

Cláudia - Eu e minha irmã.

Franciane - São duas filhas. E ela incentivava vocês a ler também?

Cláudia - Sim, muito, muito... Com essa coisa de livro, muito... Ela vivia trazendo e falando: “Vocês têm que ler...” Eu gostava muito de ler também e minha irmã também... Assim, dentro da área de cada uma, a gente lia, mas assim, não como ela, por exemplo, essa parte desses livros, essas coisas, pouco a gente, quase não leu isso aqui. Engraçado, né? A gente, não... Era coisa da nossa época, a gente lia, eu ia pra biblioteca pegava livros, era assim... Mas isso aqui nós num, num, não chegamos a manusear muito.

Norma - Como nós vimos muitos livros de leitura e de cartilha a gente imaginou que ela: ou era professora ou ela devia dar aula particular em casa porque ela tem livros didáticos mesmo, tem atlas, tem livros de Geografia, de História e etc., mas então, essa hipótese está descartada, provavelmente esses livros vieram pelo Gabriel.

Cláudia - É, esses mais antigos com certeza. Desse tio Gabriel, que ela tinha muito contato com ele, adorava esse tio porque esse tio era dessa área. Gostava muito de poesias... Então...

Norma - Tanto que ele doou pra ela...

Cláudia - Tanto que quando ele faleceu que foi até cedo que ele morreu, ficou para ela. Essa mulher falou “Pode levar porque o Gabriel falou que você pode pegar os livros porque você sempre gostou”. Então, ela trouxe muita coisa do Gabriel, então, é onde tem esses livros mais antigos, agora eu acho que tem coisa nossa aí, também... Alguma coisa de Geografia, didática...

Lílian - Ah! Sim, ela teve ter guardado todos...

Cláudia - Ah! Sim, do Gabriel ela pegou todos...

Norma - Até década de 70?

Cláudia - Ah! Então, década de 70 é da gente. Com certeza, porque atlas, essas coisas todas, ela guardava tudo, meu e da minha irmã.

Norma - Tem alguns almanaques, também...

Cláudia - Ah! Almanagues, tinha da minha avó... Esse eu cheguei... Eu lia muito almanaque. Minha avó tinha muito almanaque na casa dela.

Norma - Que é irmã desse Gabriel?

Cláudia - Que é irmã do Gabriel e minha avó. É. Veio junto pela casa da minha avó, aí talvez, os almanaques... Eu me lembro, minha avó tinha um móvel cheio de almanaques. Eu lembro disso ainda. Eu me lembro. Então, com tudo isso, ela ficou, né, porque ela adorava.

Norma - Gostava, então, ela ficou com medo, pena de desfazer...

Cláudia - É isso, ah, sim... Com pena de se desfazer...

[...]

Lílian - Pelo que eu conheci da Dalcy, pelo que eu conheci dela, eu conheci pouco, através da Milena, das poucas vezes, né Cláudia, em que eu fui lá, mas ela tinha um perfil de pessoa que guardava, ela era uma guardadeira, de todas as coisas, desde xicrinhas, sabe assim quando você entra num apartamento e você vai percebendo que a pessoa tem uma atitude que é de guardar...

Franciane - Colecionadora.

Lílian - Preservar. Quando ela faleceu que a Cláudia comentou comigo “Eu to indo, to desfazendo a casa da minha mãe, né, limpando...” Que eu catei a mala e resolvi ir lá, que ela falou tem um monte de livros, fui de mala... Gente, eu fiquei encantada! E tinha coisa e não era só livros, num quarto eram livros, aí na sala outras coisas, aí tinham objetos de todo o tipo e o pai dela era alfaiate?

Cláudia - Meu avô era alfaiate.

Lílian - Ah! O avô... Então, ela tinha os moldes...

Cláudia - As réguas, tudo, tudo...

Norma - Ah! Então, ela guardava...

Cláudia - Ela guardava sim. Ela era uma pessoa que tudo o que ela via ela queria conservar, roupa, tudo... Foi difícil desfazer a casa dela, foi difícil porque a gente tem... A gente não tem tanto tempo... Tinha muita coisa.

Norma - E a pessoa vai se apegando... Parece que 'tá' levando um pedaço da pessoa...

Cláudia - A gente fica com dó, de o quê que você vai fazer com isso, nossa coitada, eu não posso jogar... Aí, então, eu fui distribuindo, distribuindo um pouco para cada um. Aí, teve outros livros, que eu sei que tenho amigas que gostam... “Olha, ‘cê quer?” Fui fazendo assim porque não adianta levar num... Eu até tentei ver alguns brechós, mas eles também não tem interesse... Não, coisa que é didática nada, enciclopédias essas coisas, eles querem talvez romances ou alguma coisa assim, algum tipo de livros que... mais atualizado. Eu falei “Gente, como e que eu vou jogar isso aqui?” Aí, eu falei “ Ai, não! Vou ver a Lílian!” Eu sabia que a UNICAMP tinha alguma coisa de, de uma biblioteca, que conta a história do livro, parece que existe alguma coisa lá que eles mantêm e foi assim, né... Que bom! Ela, com certeza, se ela puder ver e tiver em algum lugar, ela tá feliz!

Franciane - E, todos os livros que estavam em posse dela foram doados para a Lílian?

Cláudia, Norma - Não.

Franciane - Não? Tem mais?

Norma – Então, a Lílian já contou uma história, que você pode até gravar, se você quiser aproveitar a entrevista com a Lílian, também... [risos]

Lílian - Eu acho assim, quando eu fui lá e por conta disso, quer dizer, interessada nas produções que tivessem a ver com a história da leitura, de língua portuguesa, com a perspectiva histórica nas disciplinas que compõe o currículo da escola básica. Eu separei por aí, quer dizer, juntei mesmo as cartilhas tudo que era ligado à escrita, leitura e aí, quando eu achava coisas ligadas a história da geografia eu pensava no Wenceslão, juntei também... Foi isso, quer dizer, eu já fiz um primeiro recorte desse acúmulo maior e trouxe. O resto a Cláudia foi... Porque tinha muita coisa...

Cláudia - Tinha muita coisa, tinha muita coisa assim de coisa de artes, também... A minha mãe gostava demais...

Franciane - É, porque ela pintava, né?

Cláudia - De costura, de pintura, de bordados... Então, material de bordados eram muitos livros.

Lílian - Manuais...

Cláudia - É, aí, isso aí eu fiquei porque eu mexo um pouco com isso. Eu tenho uma loja disso, então, esse material ficou para mim, e... Aí, teve muita coisa assim de alguns livros mais antigos, eu tenho uma amiga lá na loja que também adora, ela vai em brechó procurar livros de leitura, eu tinha alí um Lusíadas muito mais antigo, porque eu tenho um que era da minha época de escola e outro muito mais antigo, aí ela adora e conserva, então eu dei. Foi assim, agora de culinária, Lílian... De culinária você não faz ideia o que tinha de livros, muita coisa também... E de missais, de missa antiga, isso aqui eu guardei, ta tudo guardado, de missas antigas em latim, cada livro, cada encadernação maravilhosa, todas com fecho, coisa mais linda...

Norma - E esse você fez o quê?

Cláudia - Esse tá guardado comigo. Isso aí, eu guardei... Não tive tempo de ver tudo ainda, mas eu guardei alí em cima... [risos]

Norma - (...) compor essa imagem dela.

Lílian - Essa imagem de uma mulher, de uma leitora comum, quer dizer não era uma profissional da leitura, nem era uma letrada.

Cláudia - Nem da área, foi o que eu falei...

Lílian - Uma mulher, dona de casa e como ela vai compondo esse acervo, essa biblioteca pessoal dela.

Cláudia - Porque é aquilo que eu falei, ela foi uma pessoa, apesar de ela não ter conseguido fazer um curso superior, porque ela foi a única dos irmãos que não conseguiu, por causa da guerra, quando ela tentou, aí estourou aquela guerra, tal, aí ela não pode, teve imprevistos...

Lílian - A D. Dalcy, eram quantos irmãos?

Cláudia - Ela era a mais velha, com mais três. O José, que se formou em medicina, o Milton, que é advogado e a Mirtes, que é Pedagoga...

Mariana - Que tem o livrinho dela...

Cláudia - É, que tem o livrinho dela. E ela, eles eram de Mineiros do Tietê, é uma cidade perto de Jaú, deste tamanho. Então, ali, lógico que não tinha infra estrutura nenhuma, tinha um grupo e depois eles tinham que sair da cidade para estudar. Então, ela como a mais velha, quando os irmãos terminaram o curso de nível médio, tiveram que ir para São Paulo porque todos queriam estudar, aí, a minha mãe foi junto, como a mais velha para cuidar dos

três irmãos que foram para São Paulo pra estudar. É, ela até... Minha avó contava a história que ela tentou, mas aí teve uma guerra que ela, acho que foi a guerra de, de...

[...]

Norma - É, eu queria a data de nascimento, porque...

Cláudia - Ela é de 18 de dezembro de 1917. A minha mãe, ela é de 17, comecinho do século.

Norma - E o falecimento?

Cláudia - Foi dia 6 de maio, 5, de... Vai fazer dois anos... 2010, 2010.

Norma - Aqui em Campinas?

Cláudia - Aqui em Campinas. Então, a história é isso, ela foi para lá e ela, não sei direito essa história, ela não conseguiu, mas era tudo o que ela queria, ter feito a faculdade. Ela foi trabalhar naquela época, imagina, ela trabalhava... Arrumou um emprego em São Paulo como secretária, em uma grande empresa.

Norma - Ah! Ela trabalhou?

Cláudia - É, ela trabalhou, ela trabalhou muito tempo na Camargo Correia. Na Camargo Correia, ela contando como ela passou naquele teste, porque ela, um monte de coisas ela não tinha estudado, não tinha feito faculdade, então, diz que ela passou porque ela lia muito, ela conhecia, autodidata, autodidata, que no fim o chefe a tratava até como filha gostava muito dela, ensinou muita coisa também para ela. Então, ela tem uma história, né?

Norma - E a vida dela com vocês pequenas, etc.? Era trabalhando ou ela trabalhou no período antes de casar?

Cláudia - Não, ela trabalhou antes de casar. Porque aí que ela conheceu o meu pai em São Paulo, ela se casou e veio para Campinas. Casou e veio morar aqui em Campinas, certo? Então, ela deixou São Paulo. Ela deixou São Paulo, mas os irmãos, um, dois, no Rio de Janeiro porque eles foram fazer faculdade no Rio, tanto o José quanto o Milton, na faculdade acho que do Fundão, um fez Medicina e o outro fez Direito e a minha tia, nessa época também já estava formada em Pedagogia, aí ela continuou em São Paulo, e aí minha mãe se casou, já tarde, praticamente com quase 40 anos porque quando eu nasci ela tinha mais de quarenta.

Lílian - É mesmo? Eu não sabia...

[Mudança de fita - a entrevista teve um corte, pois não levou um tempo até perceber que a fita havia terminado]

Lílian - Tem uma história ligada à costura porque seu pai é alfaiate.

Cláudia - É, era muita habilidade, muita habilidade e ela deu aula... É, eu trabalho nisso também, eu gosto dessa área também, eu gosto... É, então, tanto que eu nem fui para a minha área, também, né? Porque eu fiz Letras, né, eu fiz na PUC, Letras, mas eu nunca fui para a área, engraçado, né?

Lílian - Agora, lembrando um pouquinho do que eu conheci da D. Dalcy, do pouco que eu convivi, algumas vezes com ela aqui na sua casa, lá embaixo, na casa dela, eu entendo esse casamento, vamos dizer assim, tardio pra época, como também muito ligado ao próprio temperamento dela. Ela sempre me pareceu uma mulher muito assim, opinativa, muito pra frente da época dela, então, quando você pensa, numa mulher que trabalha, entendeu, quando não é comum, né? Então, esse envolvimento com o trabalho, eu acho que vai configurando a pessoa com um perfil assim de mulher...

Norma - Mais independente...

[...]

Cláudia - Exatamente, ela sempre foi uma pessoa com muita personalidade, muito decidida. Então, ela falava que quando ela era mocinha, em Mineiros do Tietê, uma cidade muito pequena que não tinha nada, era a praça e aí, circulava de um lado homem, mulher do outro, ela falava que ela não suportava isso, que ela ficava dentro de casa lendo, livros de poesias, não sei o quê, ela ficava dentro de casa, ela num gostava, então, a oportunidade que ela teve de ir embora para São Paulo, também, isso foi muito bom, ela ficou muito feliz, ela queria sair de lá, então, ela tinha assim, por isso mesmo que também casou mais tarde, ela, sabe, pra época era uma mulher que tinha uma visão diferente.

Lílian - Alargada.

Cláudia - É...

Franciane - Mais esclarecida.

Cláudia - É, então, foi isso, eu acho...

Lílian - É sempre ela foi assim porque ela já tinha muita dificuldade pra ver e, viajava um monte com as amigas dela sozinha, ia no médico sozinha nunca deixava a Cláudia cuidar dela. Assim, sabe, esse cuidado do mais novo com o mais velho. Ela não...

Cláudia - Não, ela não gostava. Tanto que no finalzinho, porque ela teve um AVC e isso foi uma época de carnaval, tipo fevereiro, ela morreu em maio, né? Ela, aí, teve um AVC, ela até que recuperou, foi meio transitório como ela tinha uma idade avançada, ela sempre morou sozinha, até então ela morava sozinha...

Lílian - Sem empregada...

Cláudia - Sem empregada, só com uma faxineira. Aí, ela teve esse problema, a sorte foi que a faxineira que na época trabalhava, que trabalhou muitos anos com ela, topou ficar lá, entendeu, ela aceitou porque era uma pessoa que ela conhecia, mas aí quando chegou no finalzinho ela já não estava muito bem, ela não podia e a moça ficava durante o dia, mas de noite não, então, eu ia pra lá, dormir com ela ou a minha sobrinha que morava no apartamento do lado, mas ela, ela não queria de jeito nenhum “Você tem que ir embora pra sua casa”, “Você não pode ficar”. Sabe? Então isso fez com que quando ela viu essa dependência, da Nana, que era a empregada, eu indo lá praticamente quase todo dia, a minha sobrinha, que era vizinha, que também quando eu não podia ficava lá... Ah! Ela não aguentou, entendeu? Porque ela era uma pessoa muito independente. Então, foi assim a história dela, é essa daí...

Norma - Nós vemos um pouco aqui, acho que algumas perguntas já foi respondendo: Se haviam mais livros do que os que estão no acervo? Como ela adquiria esses livros, né? Então, acho que está bem claro, que ela foi, como ela gostava de livro, gostava de ler, valorizava isso, ela foi acumulando, pelo tio-avô, né? Por outros caminhos... Como ela guardava esses livros? Você disse, também, que ela guardou muitos e bem guardados, né? Com muito carinho...

Cláudia - Ela até mandou fazer aquele quarto, não sei se você chegou a ver quando você foi... Aquele quarto que ela mandou fazer planejado, é... A intenção foi de ela guardar esses livros, tava tudo meio amarradinho, assim, tinha etiquetas esse é de leitura, esse de história, tudo guardado...

Franciane - E devido a baixa visão dela, ela tinha alguma outra forma de conhecimento, por exemplo, ela assistia documentários que ela pudesse escutar...

Cláudia - Ela ouvia, ouvia sempre... Ela ligava a televisão e ouvia, ela gostava de ouvir coisa cultural, essas coisas, não gostava de *Globo*, de novela, nada disso... Ela gostava de ouvir coisa que pudesse passar alguma coisa para ela. Até receita, isso ela gostava. Ela ligava porque ela já não conseguia ler todos aqueles livros de receita, então, ela ligava a televisão e ouvia umas receitas e ela guardava, porque, olha, ela desenvolveu mais ainda, a cabeça dela era muito boa pela idade. Ela não tinha o menor esquecimento. E ela fazia receita, ela fazia porque ela não conhecia mais, sabe? No finalzinho então, porque ainda mais ela teve aquele AVC, uma coisa tão... aí, nossa, afetou totalmente a lateralidade dela, a visão...

Franciane - E alguma vez, ela já chegou a pedir para vocês lerem alguma coisa para ela, que ela estava com saudades?

Cláudia - É, ela não pedia muito pra gente, não...

Fram – Porque ela não gostava de ser dependente...

Cláudia - É, ela não gostava de ser dependente, mas eu sei, que às vezes ela tinha uma reunião com umas amigas, assim, toda sexta-feira subiam lá, o pessoal do prédio, inclusive tinha uma das amigas que era... Declamava poesia...

Franciane - Será que não é da amiga, aquele livro?

Cláudia - É, não... Não desses livros antigos, eu não me lembro o nome dela. Eu sei que ela declamava e declamava muito bem, sabe? Ela gesticulava, ela declamava bem... Então, eu acho que ela pedia assim a essas amigas, passariam alguma coisa pra ela, com certeza...

Franciane - Interessante...

Cláudia - É, ela gostava. Ela foi... Ela tinha muita esperança em voltar a enxergar pra poder voltar a ler esses livros. Ela punha uma lupa e ela achava, tudo que ela ouvia na televisão “Ah! Um médico, um tratamento pra visão”, ela queria ir... Ela achava que ia recuperar.

Lílian - Era batalhadora, a D. Darcy.

Cláudia – É, era, sempre... Batalhava muito, muito batalhadora... Impressionante! Ela teve uma firmeza, né? Uma pessoa firme de caráter, de objetivos, isso ela foi até morrer, até morrer.

Franciane - Eu não me lembro. Quando é que começou o problema na visão? Eu não me lembro...

Cláudia - Olha, ela já era casada, tinha as meninas, isso ela devia ter por volta de uns... Começou, né? Mais ou menos 78 anos, começou a incomodar... Aí, os médicos acharam que era catarata, acho que naquele tempo, também, a medicina... Não perceberam, não perceberam o problema de fundo de olho, mas até ele avançar ela foi com dificuldade, mas ela foi até uma idade bem pra frente, acho que quando chegou uns 85 anos aí a coisa já estava, já estava difícil. Mas ela não demonstrava não, não... Nunca chorou pra ninguém por causa disso e poucas pessoas sabiam que ela tinha.

Lílian - Porque ela se virava sozinha. Eu ficava boba...

Norma - Mesmo com a vista assim...

Cláudia – Mesmo com a vista.

Lílian – (...) pegava ônibus, descia do ônibus, viajava...

Cláudia - Pegava táxi, ia pro médico, viajava, tal... Então, mas ela não contava. Ela não... A gente sabia, mesmo com a gente... A gente perguntava porque ela não contava. Foi mais no finalzinho mesmo que aí eu acabei acompanhando em alguns médicos, que eu vi que o negócio estava progredindo demais...

Norma - E havia, assim, eu estou montando uma imagem dela, como pessoa que valoriza, eu já te disse, que valoriza o livro, que gosta de ler, que guarda os livros como preciosidade mesmo, porque ela põe fita, ela deixa bilhete, ela quer que... Como se fosse mesmo um presente, uma coisa que tem que ser guardada, pra ser preservada. Uma pessoa que preserva principalmente o livro pelo valor. Tinha... Você podia... A gente poderia dizer que, também, que ela tinha um gesto de o neto chegar e tirar um livro, mostrar ou ler, tinha momentos, antes da doença dela, vocês... (...)

Cláudia - Ah! Sim com a gente bastante...

Norma - (...) Alguns gestos de leitura?

Cláudia - Bastante...

Norma - Usando esse material?

Cláudia - Usando... Ela... Tudo o que a gente precisava na época, eu me lembro muito disso, época de escola... Ah! Um trabalho... Porque naquele tempo a gente pesquisava, existia biblioteca, não tinha, né, computador... Sempre era na casa da minha mãe porque ela tinha todo o material, entendeu? Então, ela tinha todo o material para fazer a pesquisa. Pra fazer trabalhos, que a gente fazia trabalhos em grupos e pesquisava... Então, era tudo lá porque ela tinha todo o material.

Franciane - Tem alguns livros que tem alguns recortes de imagens, daí acho que deve ser por vocês...

Norma - É usou...

Cláudia - Oh! Pode ser... Isso sim, comigo, minha irmã também... Agora as meninas, elas já pegaram uma outra época. Mas era assim, quando precisava de alguma coisa ligava para a minha mãe e ela ficava feliz da vida porque sempre, lógico que ela tinha... Ela tinha tudo! Ah! Viemos no carnaval precisava de alguma roupa, sabe aquela festa, lembra? Festa à fantasia, sei das quantas, tinha tudo, abria aquele armário, achava um monte de coisa pra fazer fantasias porque ela tinha, entendeu? Então...

Lílian - Trabalho escolar... Um carnaval que elas eram meninas, um carnaval no Cultura, que ela morava bem do lado do Clube Cultura, aqui na cidade, e a Marilda ficou lá com a Milena, Andreza, essa turminha, e ficou o tempo todo do Carnaval lá, porque ela era...

Cláudia - Mas ela gostava, ela, assim, não tinha isso de preguiça, porque chega uma idade que a pessoa já acomodou, não... Nossa, ela adorava essa fase porque depois eles vão crescendo aí... Vai tomando o rumo, aí ela sentia falta, muita falta...

Norma - Aí, é outra coisa, vai ficando velha... Cláudia, também tem alguns, mais de um livro que é da Escola Salesiano, impresso em Escolas Salesianas, então, eu fiquei pensando a questão da religião ou ligado ao protestantismo...

Cláudia - Mas de que época esses livros?

Norma - Então, são os mais antigos e tem do Caetano de Campos que é uma escola modelo, né, em São Paulo e, também, tem alguns livros que vem com a impressão da Escola Caetano de Campos e tal. Mas esses devem ser provavelmente do Gabriel...

Cláudia - Tudo do Gabriel, com certeza. Porque aquilo que eu falei pra você, é que ele foi diretor do Mackenzie, entendeu? E ele tem uma escola em São Paulo com o nome dele. Então, ele deve ter alguma coisa a ver, será que esse Salesiano? Será que é isso?

Norma - Nós já anotamos o nome dele.

Cláudia - Se vocês quiserem levar isso, pode levar, não tem problema. Isso aqui é um rascunhozinho... Que eu liguei até para a minha tia, essa Mirtes, que é a única viva.

Lílian - A mais nova?

Cláudia - A mais nova, que está com 82 agora.

Norma - Que fez Pedagogia?

Cláudia - Que fez Pedagogia.

Franciane - E, ela mora em São Paulo?

Cláudia - Não, ela está morando em Águas de São Pedro. Morou em São Paulo a vida toda, aí ficou viúva...

Norma - E, ela trabalhou na profissão?

Cláudia - A vida toda, ela é aposentada, na área da Pedagogia, ela foi professora. Ela fez o Normal e depois ela fez a Pedagogia. Ela chegou a fazer Pedagogia.

Lílian - Ela deve ter um relato interessante sobre a irmã mais velha, a situação delas...

Cláudia - Sim, sim... Se você quiser, depois eu dou o telefone. É, eu acho... Só que ela está em São Pedro, mas...

[...]

Cláudia - Então, eu anoto o telefone dela. Porque ela... Eu acabei ligando porque eu não lembrava, eu não conhecia esse Gabriel, que esse Gabriel é irmão da minha avó. A minha avó Celeste.

Norma - É outra geração, por isso que tem esses livros...

Cláudia - É por isso que tem... Ele nasceu por volta acho que de 97, 1897, e morreu entre 49 e 50 e eu sou de 55. Então, eu não o conheci.

Norma - Tem livros aqui de 1914, a maioria, grande parte dessa coleção...

Cláudia - Então, ele já estava na área em 1914.

Norma - Em 1920 ela estava nascendo, em 1910 ela não tinha nascido. Então, não foi como a gente havia pensado, Lílian, que ela pudesse estar se alfabetizando, sendo alfabetizada.

Cláudia - Não, não, não, nada a ver. Não foi que ela usou, foi dele mesmo... Foi dele mesmo, que ficou pra ela porque ela gostava desse tio, ela vivia lá lendo os livros por causa de poesia, de coisa... Ela tinha interesse, né? Então, ficou pra ela muita coisa.

Lílian - E esse tio tinha filhos?

Norma - Então, tem... Ela já passou pra nós...

Cláudia - Então, tem e eu nem sabia dessa história. Um único filho, que era aviador, e ele morreu em um acidente de avião, tá vendo, ele morreu cedo... Perdeu o filho e, a mulher dele, a esposa Júlia, ela foi professora, também...

Lílian - Provavelmente todo o, digamos assim, todo o acúmulo de livros interessantes foi para a sua mãe...

Norma - Ela disse que a tia, quando ele morreu disse que os livros deveriam ir para ela.

Cláudia - A minha mãe falava isso. Ele tinha falado que quando ele falecesse e fossem desfazer dos livros, que chamasse a minha mãe, para ela escolher porque ela gostava dos livros. Então, eu sei que a história tá por aí, desse livro todo estar em casa. Foi através dele, foi através dele e ele morreu cedo pelo que parece, né?

Norma - 50 e... menos de 60.

Cláudia - É, então, menos de 60. Porque a minha avó, irmã do Gabriel morreu com 92 anos. Então, ele morreu cedo. Também, não sei do quê... Quem sabe a minha tia pode ser que sabe...

Franciane - E o seu pai? Ela ficou viúva com quantos anos?

Cláudia - Ela ficou viúva com 70 anos, 70 anos. O meu pai morreu com 77. Eles tinham uma diferença mais ou menos grande de idade. 77, 71... Então, a minha mãe nem 70 anos não tinha quando ficou viúva.

Lílian - Nossa, então, quanto tempo ela ficou casada, então?

Cláudia - Ela, uns 40 anos, ela não chegou a fazer 50 anos. Ficou uns 40 anos casada, mais ou menos... E, já fazia muito tempo já, acho que uns 20 anos, que meu pai já tinha falecido, tinha falecido uns 20 anos por aí, viveu bastante... Bastante tempo viúva.

Franciane - Bastante tempo...

Cláudia - É, bastante tempo viúva.

[..]

Franciane - E quando vocês eram crianças, ela lia estórias pra vocês? Ela tinha esse costume?

Cláudia - Ah! Sim... Tinha, gostava muito, lia...

Franciane - E ela sabia estórias de cor ou ela sempre lia pra vocês?

Cláudia - Ela lia, principalmente poesias. Ela gostava muito, muita poesia. Então, eu me lembro, também, que ela recortava de jornal... Gente, o que tinha de caixas com recorte de jornal e isso eu tive que me desfazer porque não tinha condições, também, amarelado... Era tudo, assim, poesias, aí...

Franciane - Tem um de recorte, tem um caderno de recortes...

Cláudia - Você viu que tem muitos recortes? Eram caixas, tudo dentro de plásticos, um era de poesias, outro era de culinária, aí tinha de artes, manuais, de fotografias para pinturas porque ela pintava telas, então ela tinha um monte que ela guardava, de folhinha, sabe? Teve muita coisa que eu acabei, tive que... Jornal gente, como é que eu ia... Tudo guardado.

Lílian - No quartinho?

Cláudia - Recortes...

Franciane - Ela tem um caderno que tem uns recortes.

Norma - Cláudia, esse é o irmão dela? Milton Antônio Zugliani?

Cláudia - É, esse é o Milton, esse é o advogado. Esse é o advogado que já faleceu, também...

Norma - Esse provavelmente foi a cartilha dele.

Cláudia - Milton Antônio Zugliani...

Franciane - E, ela ajudava vocês na alfabetização ou...?

Cláudia - Ah! Na escola? O tempo todo... O tempo todo em cima, ali. Ia lá na escola. É... Oh! Ficava em cima...

Franciane - Mas, assim, antes do tempo, por exemplo, vocês entraram na escola já sabendo alguma coisa que ela ensinou?

Cláudia - Não, não. Entramos na escola, naquele tempo ia pra escola... Eu fui pra escola com... A escola normal... Eu fiz na escola normal, depois nós fomos para o “Culto à Ciência” e depois para a faculdade. E ae... Não, a gente aprendeu na escola, aquela coisa da cartilha.

[...]

Norma - Muitas coisas eu trouxe aqui pra entrevista, mas eu já dei uma olhada...

Franciane – Às vezes dá uma ideia...

Cláudia - É, eu lembro disso aqui, sim... Minha mãe mostrava essas coisas aqui pra gente. [risos] Que isso daqui era a cartilha que ela guardou do meu tio... É, olha gente... Tudo encapadinho, né?

Norma - É, os encapadinhos...

Cláudia - Ou foram vocês que...

Norma - Não, não, foi ela...

Cláudia - Ela mesmo...

[...]

Cláudia - Cartilha Intuitiva... Ah! Essa letra aqui é da minha mãe...

Norma - É?

Cláudia - Cartilha Intuitiva...

Norma - Cartilha de Alfabetização....

[...]

Cláudia - Aqui, ó... É esse mesmo. Milton Antônio Zugliani. Então, essa cartilha deve ter sido dele e ela...

Lílian - E deve ter sido encapado pela D. Dalcy.

Cláudia - É, é ela que cuidava dos irmãos, porque ela cuidava dos irmãos. Como irmã mais velha era ela que cuidava de todo mundo, levava pra escola...

Norma - Porque aqui tem uma cartilha: Cartilha de Alfabetização. E lá, Cartilha Analítica. Aqui é alfabetização...

Lílian - O Norma, e nesse conjunto, eu acho que também coloquei vários livros... Ah! Não... Eu acho que separei e dei pra Cláudia porque eu falei “Olha, tem uns livros de poesia” (...)

Cláudia - Tem uns livros que você me deu, devolveu e eu guardei, esses estão guardados e eu deixei do jeito que (...)

Lílian - (...) que eu retirei, pra gente isso é muito pessoal (...).

Cláudia - É...

Lílian - (...) Eu não vou querer levar porque é a letrinha dela, sabe aqueles livrinhos com capa de poesia, capa dura...

Cláudia - Sim...

Lílian - Eu dei pra Cláudia.

Norma - Tem uns outros aqui que também são de poesia, você viu Lílian? Mas são cadernos, esses são caderninhos...

Lílian - Mas são caderninhos...

Cláudia - Aquilo que do jeito que você deu, eu guardei... Eu dei uma olhada, separei umas coisas, ta guardadinho, eu guardei até lá embaixo no apartamento, ta guardado... Oh! Isso aqui se você quiser levar...

Franciane - E ela também frequentava, também, bibliotecas, essas coisas, ou comprava muitos livros?

Cláudia - Olha, ela não comprava muito livro não. Assim, livro de romance essas coisas, nem tanto. Ela lia mesmo tudo o que ela tinha. Ela tinha muito material, então ela lia. Agora, ela comprava pra gente, né... Aí, época de escola, ela comprava, então, ela organizava, isso tudo. Como acho que ela fez pros irmãos, ela fazia pra gente, mas eu não me lembro de ela sair, assim, e ir comprar livros, engraçado né? Eu lembro de ela... Então, em revista, jornal, tudo ela lia...

Norma - Ah! Isso que eu queria perguntar, também...

Cláudia - Tudo, e ela recortava e guardava.

Franciane - E, quando você lembra dela lendo, você lembra alguma coisa, por exemplo, onde que ela costumava, onde ela gostava de ler? Se era no quarto mais reservado...

Cláudia - É, muito assim na cozinha, na copinha, que aí ela abria e lia e organizava em cima da mesa... Mais assim que eu me lembro dela. Ela não era uma pessoa de se recolher, assim, então ela estava sempre num, no meio de todo mundo, ela não era uma pessoa de ficar quieta, muito pelo contrário.

Lílian - Escritório...

Cláudia - Não, não, ela ficava sempre em volta mesmo ali, então, eu lembro disso na mesa da copa, ou, então, ela ali tinha um cantinho que ela guardava, punha tudo no lugar, depois ela organizava, então sempre com o material dela.

Franciane - E ela fazia, enquanto ela lia, ela fazia comentários com vocês? Conversava sobre as leituras que ela estava fazendo no momento?

Cláudia - Sim, comentava. Muitas vezes ela comentava...

Franciane - E vocês gostavam desses comentários? [Risos]

Cláudia - Olha, tem uma fase... Tem uma fase que a gente é mocinha, é adolescente e não dá tanta importância, não é? Tem uma fase que você sai, vai pra escola, volta e vai namorar, vai pra baile, está mais interessada nisso do que, né? Como qualquer geração.

Norma - De qualquer forma, ela fez Letras e Letras é uma disciplina, um curso que gosta de leitura, pelo menos de línguas, da linguagem...

Cláudia - Bom, isso eu sempre gostei. Eu gostava muito de ir para a biblioteca, pegava livros para ler. Livro romance, isso eu sempre gostei. Então, eu era solteira, então, eu vivia... Na época a gente tinha esse acesso, não sei se existe hoje livro que você pega em biblioteca... Biblioteca pública, da prefeitura... Você ia lá tinha uma fichinha, retirava, tinha tempo pra devolver... Não sei se hoje ainda existe isso.

Franciane - Existe...

Cláudia - Porque ninguém mais lê nada... [Risos] É tudo no computador.

Norma - Cláudia, e a profissão da sua irmã, qual é?

Cláudia - Minha irmã é psicóloga.

Norma - Psicóloga.

Cláudia - Psicologia, então, é assim nossa história aí, a história do livro. Com certeza ela está super feliz!

[...]

Norma - Além de deixar o nosso agradecimento por você ter doado isso pro grupo, que é uma preciosidade pra nós... Se você imaginasse a festa que nós fizemos, né, com a mala...

Cláudia - Que bom! Fico feliz desse material estar sendo útil e, será, né, futuramente, sempre mantendo ele, vai ser isso uma história mesmo, né? Que eu fico feliz de ter podido, né, fazer... Dar um fim a esse material, que tanto ela cuidou com carinho, estimava. Então, eu tinha mesmo uma preocupação do que fazer com ele e estou feliz, to vendo que está trazendo um retorno pra um estudo e conservado como ela sempre quis. Ela sempre quis que isso ficasse em ordem, conservado porque, da maneira dela, ela manteve esses livros, então, agora e dentro desse acervo, com certeza, também, to muito feliz!

[...]

[Mudança de fita - a entrevista teve um corte, pois não levou um tempo até perceber que a fita havia terminado]

Franciane - É a gente só abriu pra olhar.

Norma - Só abriu pra olhar...

Cláudia - É, teve que mexer com luva, só pelo fato de aquilo... já dá uma certa alergia, aquele pozinho branco se espalhou pela... [Risos]

Norma - Graças a Deus, as duas não tiveram...

Lílian - Mas a hora que eu cheguei com a mala e abri lá em casa, eu também não tive tempo... Tirei, abri, desamarrei, li tudo que eu podia ler, tanto é que eu separei pra isso, eu acho que ela vai querer voltar pra Cláudia porque é da mãe dela, tem a letrinha da mãe dela, então, subiu...

Cláudia - É tinha um monte de coisinha com bilhetinho como tem aí...

Lílian - Aí eu separei o que era pro Wencesláo, o que era pro ALLE, daí que eu cheguei no ALLE, falei “Norma, olha o que eu trouxe!”, abri um saco, essa daqui ficou uma louca... A gente foi... Então, a organização desse acervo, dada pela sua mãe, quando ela chegou ela já tava modificada por mim, por você, entendeu? Já não era a organização da Dona...

Cláudia - É, eu já tirei dali do armário, eu já fui separando, botei alguma coisa numa caixa, outra eu levei pro outro quarto, então, aquilo já foi mexido, é... Não estava exatamente tudo, porque a casa da minha mãe, acho que nós levamos, não sei, mais de um mês (...)

Todas - Noooooosaaaaaa!

Cláudia - (...) pra poder tirar, tirar, tirar, foi difícil, muita coisa, muita coisa, doações então... Chamei três, quatro, Casa dos Meninos, Alan Kardec, muita coisa...

Norma - Idosos...

Cláudia - Então, aquilo foi demorado, então, a gente tinha que tirar pra dar uma olhada, chega uma hora que a gente não consegue olhar tudo... Senão, eu acho que eu estaria até hoje assim, lendo, olhando, então...

[...]

Cláudia - Então, aí, tive que pensar, nesse esquema todo a gente não quis, pouca coisa, praticamente nada, vender eu acho que não vendemos nada. A minha irmã ficou com quase todo o mobiliário porque ela estava com o apartamento do lado ali, né, que minha sobrinha estava morando, estudando aqui, que ela... Aqui na UNICAMP, tal...

Lílian - Aí, tem uma facilidade.

Cláudia - Então, passou pra lá. Algumas peças eu fiquei, isso aqui ó... [aponta um armário com pecinhas de porcelana]

Norma - Essa peça eu cheguei, bati o olho e falei “Era dela...”

Cláudia - Essa era dela. Com aquelas coisinhas toda que estão lá dentro...

Lílian - As xicrinhas...

Cláudia - As xicrinhas. Essas poltronas também, também dela que eu mandei reformar, tal...

Lílian - É, esse cantinho é novo.

Cláudia - Alguma coisa dentro ali daquela peça, também, tem bastante coisa que eu trouxe dela, como: aparelho de jantar, faqueiro de prata, coisa assim... Eu fiquei com peças miúdas e lembranças, né? Agora minha irmã ficou com bastante coisas, todos os móveis da sala, sala de jantar, ficou com... o Cuco da minha mãe eu trouxe, está comigo ali no *hall*, né então, essas coisas...

[Interrupção, o telefone tocou...]

Cláudia - Um minutinho.

Franciane - Cláudia, como é o nome do pozinho branco, que não deu...

Cláudia - *Neocid*.

Norma - (Risos) Ela não conhece...

Cláudia - *Neocid*. Não conhece...

Franciane - Não conheço...

[...]

Norma - Ah! Então tá bom... Você pegou o papel? Aquele papel com todos os nomes?

Cláudia - Pegou o papel, né?

Norma - Cláudia, então, muito obrigada!

Cláudia - Imagina, estamos às ordens... Se precisar de mais alguma informação, pode entrar em contato.

[...]

Lílian - Porque em princípio eu separei para devolver aquilo que me pareceu que tinha letra que era da sua mãe, pode não ser, entendeu?

Cláudia - Pode não ser, como tem alguns ali que eu tenho dúvida... Uns eu falei pra você, tenho quase certeza que é da minha mãe, outros eu tenho dúvida da letra. Então, tinha muito disso. Você vê, como ela gostava tanto de coisa de poesia, então, vai que encontra uma pessoa que também gosta, eles trocam, “Olha leva o livro, você copia ou fica pra você”, né?

Porque eles tinham um hábito de repassar a poesia escrita, até eu na escola fazia isso. A gente repassava poesias... Estudava em cima de poesias, né? É, a gente fazia isso...

[...]

Norma - O Cláudia, então, esses cadernos que estão ali é com poesias, principalmente com poesias, que foram copiadas: Guilherme de Almeida, Araújo não sei o quê, Olavo Bilac podem não ter sido dela... Porque ela não passou pela escola convencionalmente, só nas primeiras séries, é isso? Só os primeiros anos?

Cláudia - É, ela foi até o Ginásio, que era na época.

Norma - Ah! Ela teve o Ginásio? Então, pode ter sido dela...

Cláudia - Teve, também... Ela não teve o ensino superior.

Norma - A faculdade...

Cláudia - Só não teve a faculdade.

Lílian - Mas ela teve o que hoje seria o Ensino Médio?

Cláudia - Sim, teve... Isso ela teve.

Lílian - Formação Secundária.

Cláudia - Ela teve... Ela não teve o superior.

Norma - Ah! Porque você sempre falou assim “Ela era uma autodidata, uma autodidata, gostava de livros...”, mas a escola ela teve... o que equivale ao Ensino Médio ela teve? Ela não teve a faculdade.

Cláudia - A escola ela teve até ali...

[...]

Cláudia - Ela queria fazer faculdade e ela queria também fazer esse curso Normal. Sei que o Normal ela não fez e minha avó falava assim: “Ela chegou a entrar, mas a guerra...”

[...]

Cláudia - Teve a guerra e acho que eles foram obrigados a sair da escola, eu não sei, eu perdi... Não me lembro.

Norma - É pode ser, também, uma Revolução Constitucionalista, de 28. Quando foi?

Cláudia - Uma revolução, alguma coisa que ela não pode.

Lílian - Alguma coisa impediu...

[...]

Cláudia - Pois é, ela foi pra cuidar dos meninos e da minha tia e eu me lembro que a minha tia, que é a mais nova, que hoje ta fazendo, vai fazer 82 anos, ela tem a diferença de 11,

12 anos da minha mãe. Minha mãe estaria com 94 anos, até mais, uns 12 anos, mais ou menos de diferença, ela fez a minha tia fazer a faculdade e terminar a Pedagogia.

Norma – É, os três fizeram, né?

Cláudia - É, os três fizeram... Os três fizeram o curso superior, os três.

[...]

Cláudia – (...) Então, muitos mesmo cursavam o normal e a faculdade pra área da educação: matemática, geografia, física, português, inglês, tudo, né? Professores homens... Então, as mulheres nem tanto mesmo, isso que eu tava dizendo... Eu me lembro muito no meu tempo a maioria dos professores, eles eram homens... Professor de português, professor de história, professor de inglês, tudo homem... Então, era uma coisa mais o homem mesmo entrar mais na área.

Norma - Foi tardio...

Cláudia - É foi bem mais tarde...

Norma - Essas cartilhas, são todos os autores homens, hoje se a gente pega as cartilhas são de professores mulheres, porque geralmente cartilha é escrito por um educador que deu certo.

Cláudia - Mudou, mudou muito, né? De um tempo pra cá a área mais da educação ficou mesmo mais pra mulher, o próprio Gabriel, né? Naquele tempo, homem, é...

Norma - Bom, vamos embora meninas, senão ela não trabalha...

6.6. Anexo 6 – Imagens dos Resquícios de Leitura

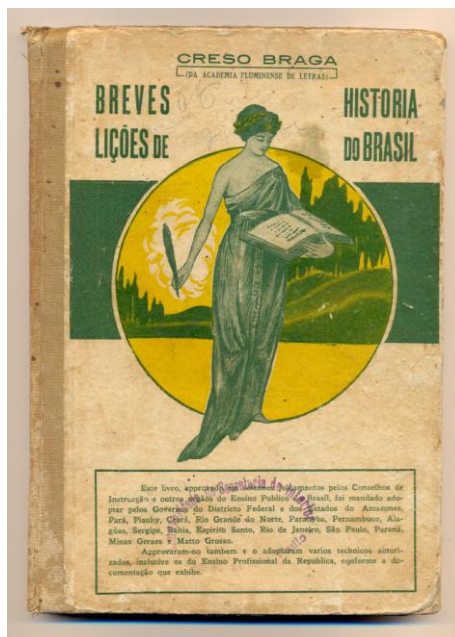


Ilustração 46 – BRAGA, Creso. *Breves Lições de História do Brasil* (1918-1921). Livro com nome do proprietário “Mirtes Zugliani” e carimbo do Almofaxifado da Secretaria do Interior de São Paulo.

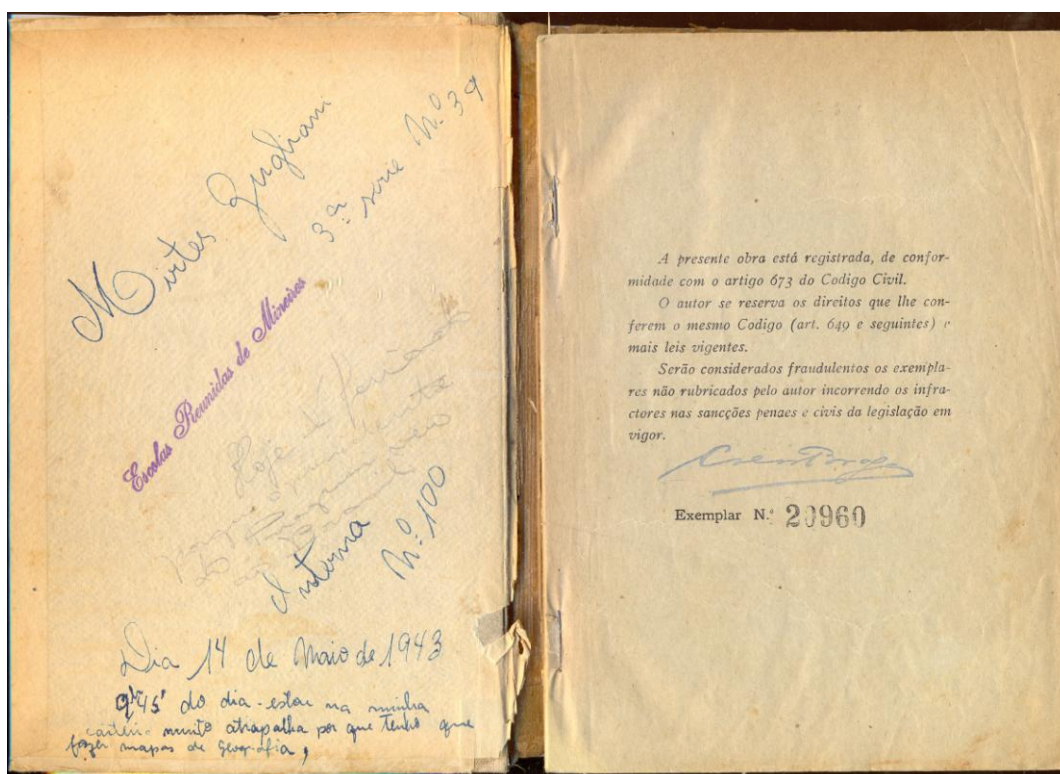


Ilustração 47 - Interior do livro *Breves Lições de História do Brasil* com o nome do proprietário “Mirtes Zugliani”, ano escolar em que a estudante se encontrava “3ª série, nº 39”, carimbo das Escolas Reunidas de Mineiros. Podemos observar os seguintes dizeres: “Hoje é feriado porque o presidente do Paraguai veio ao Brasil”, “Interna nº 100” e “Dia 14 de Maio de 1943 [...] 9h45’ do dia – estou na minha carteira muito atrapalhada por que tenho que fazer mapas de geografia.”

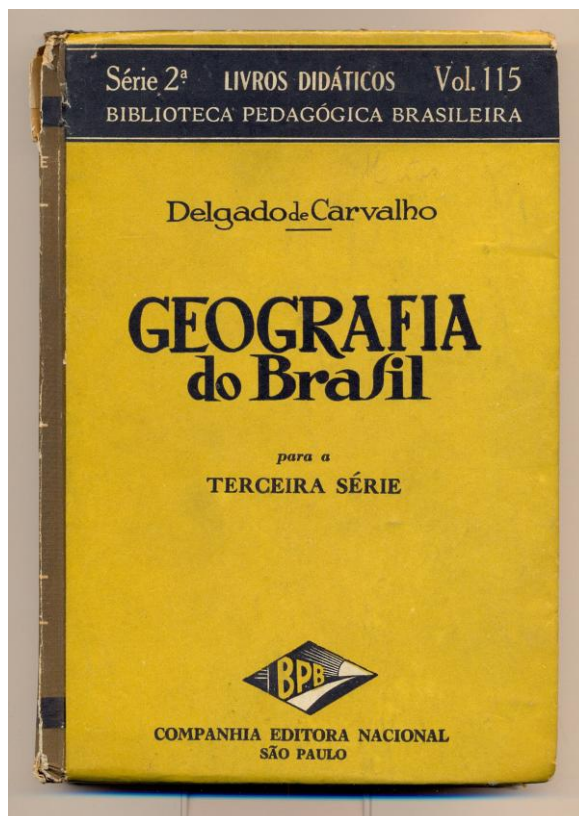


Ilustração 48 - CARVALHO, Delgado. *Geografia do Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1943. Livro com o nome de sua proprietária "Mirtes".

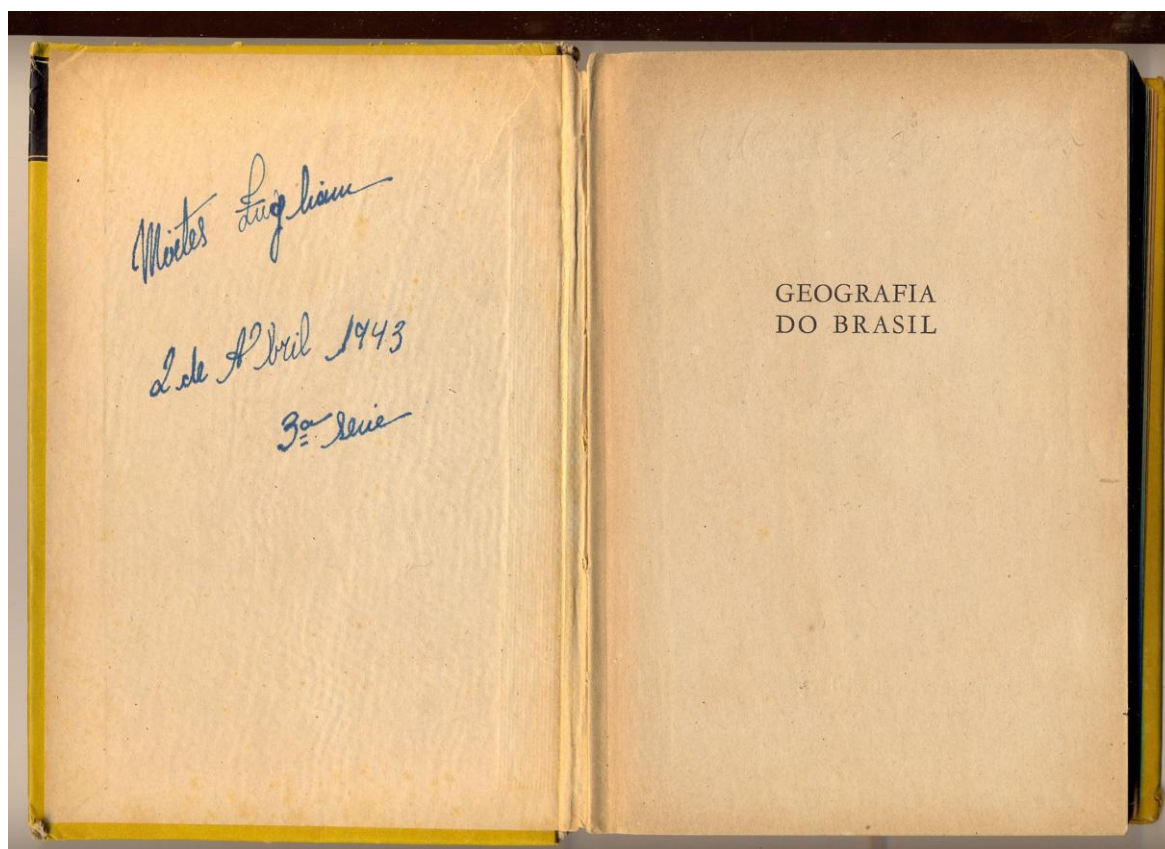


Ilustração 49 - Interior do livro *Geografia do Brasil* com o nome de sua proprietária "Mirtes Zugliani" e a data "2 de Abril 1943 [...] 3ª Série."

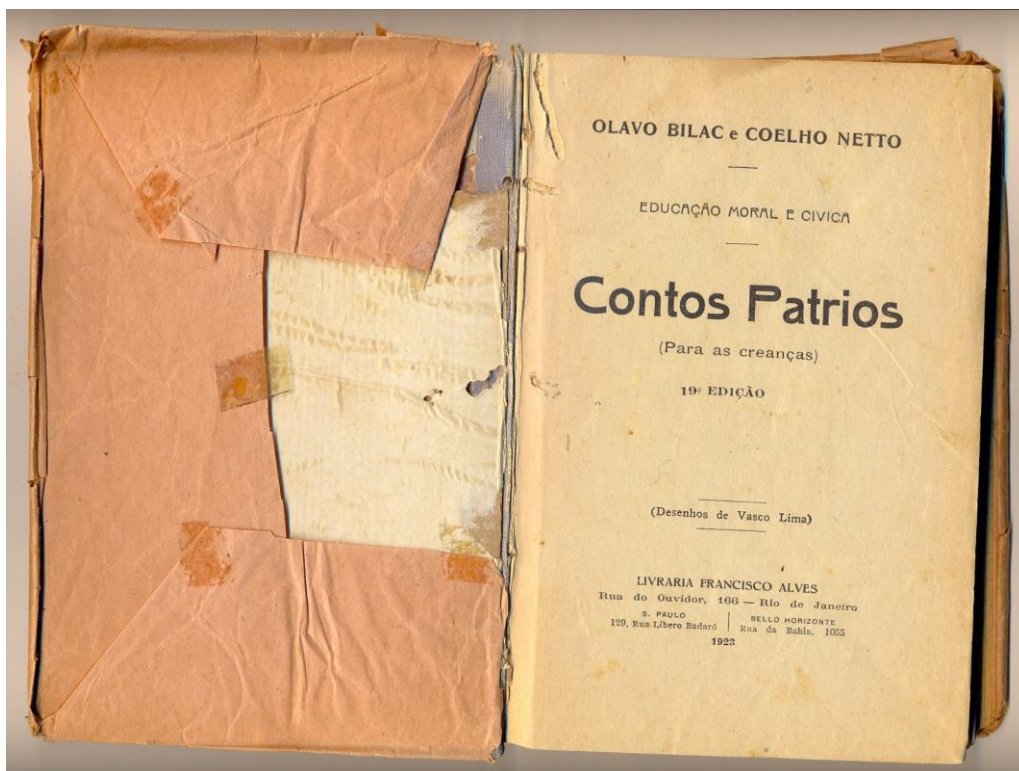


Ilustração 50 - BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. *Contos Pátrios (Para as Crianças)*.
19ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.

Livro encapado, com a encadernação se soltando, folhas amareladas e roídas por traças.

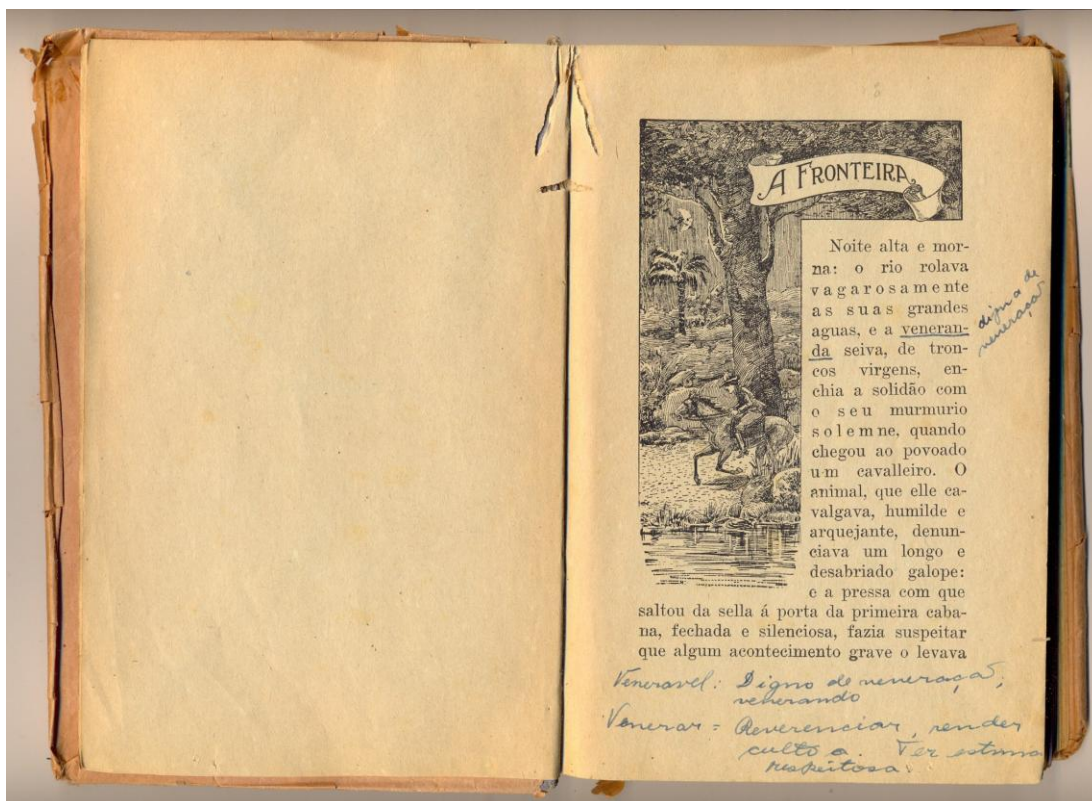


Ilustração 51 - Interior do livro *Contos Pátrios*
com algumas anotações marginálias a respeito do vocabulário do texto. Palavra *veneranda* grifada pelo leitor e ao seu lado escrito “*digna de veneração*”. Abaixo estão escritas as definições: “*Venerável: digno de veneração, venerando*” e “*Venerar: reverenciar, render culto à., ter estima respeitosa*”.

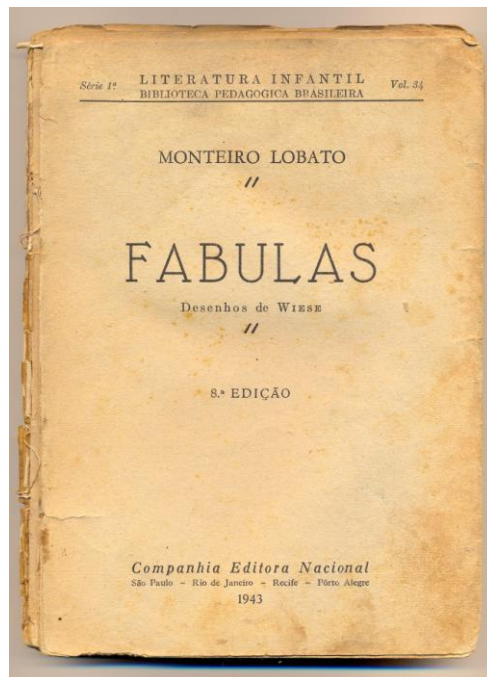


Ilustração 52 - LOBATO, Monteiro. *Fábulas*.

8ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. Livro com a capa solta da encadernação.

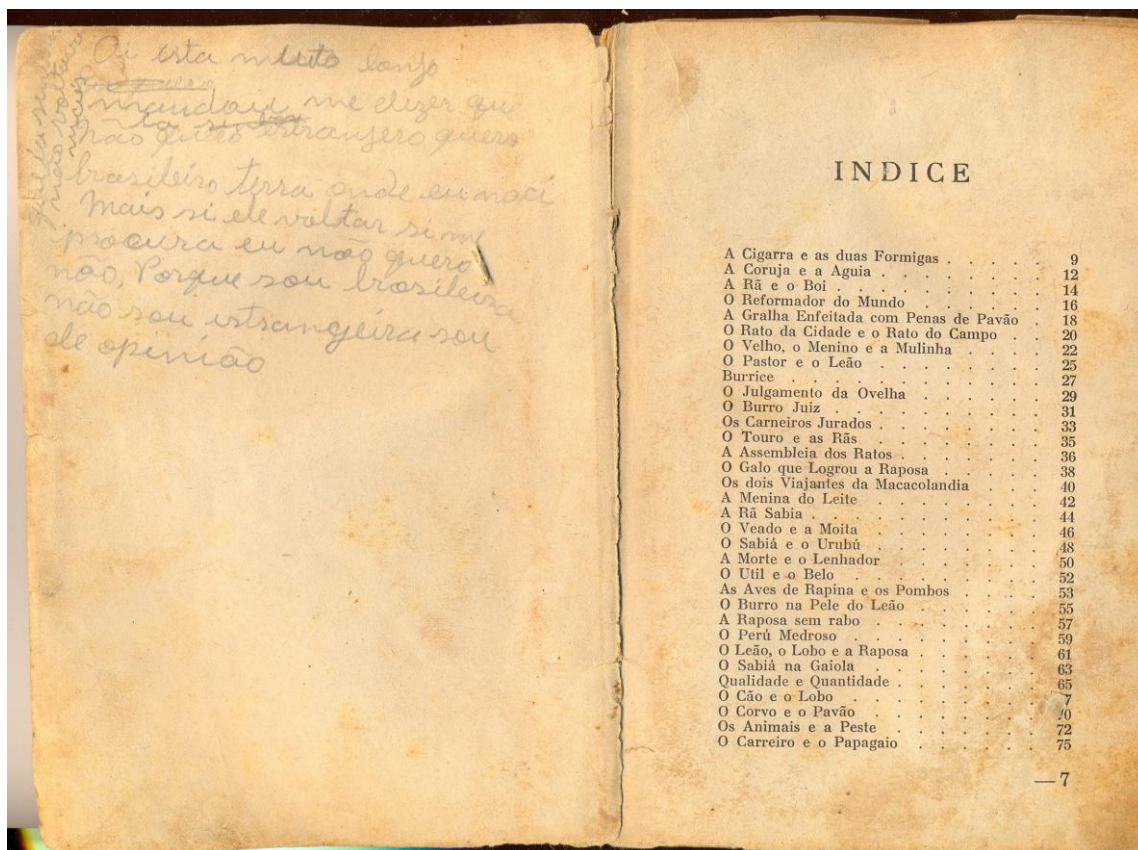


Ilustração 53 - Interior do livro *Fábulas*.

Páginas manchadas e com o seguinte texto: “*Ai esta muito ‘lonje’ / mandou me dizer que [escrito na vertical: que ia senhora não voltava mais] não ia não quero ‘estranjero’ quero / brasileiro terra onde eu ‘naci’ ‘Mais’ ‘si’ ele voltar ‘si’ me / procura eu não quero não, porque sou brasileira / não sou estrangeira sou de opinião*”

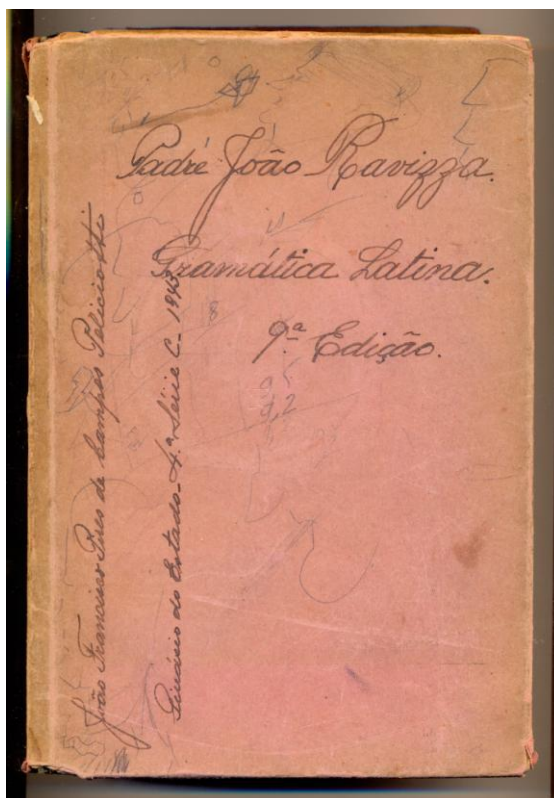


Ilustração 54 - RAVIZZA, Padre João. *Gramática Latina*.
9ª ed. Niterói (RG): Escolas Profissionais Salesianas, 1940.
Livro encapado com papel rosa, com o título do livro, nome do autor, edição,
proprietário “João Francisco Pires de Campos Peliciotti”,
etapa escolar “Ginásio do Estado – 4ª Série C – 1943” escritos à mão.

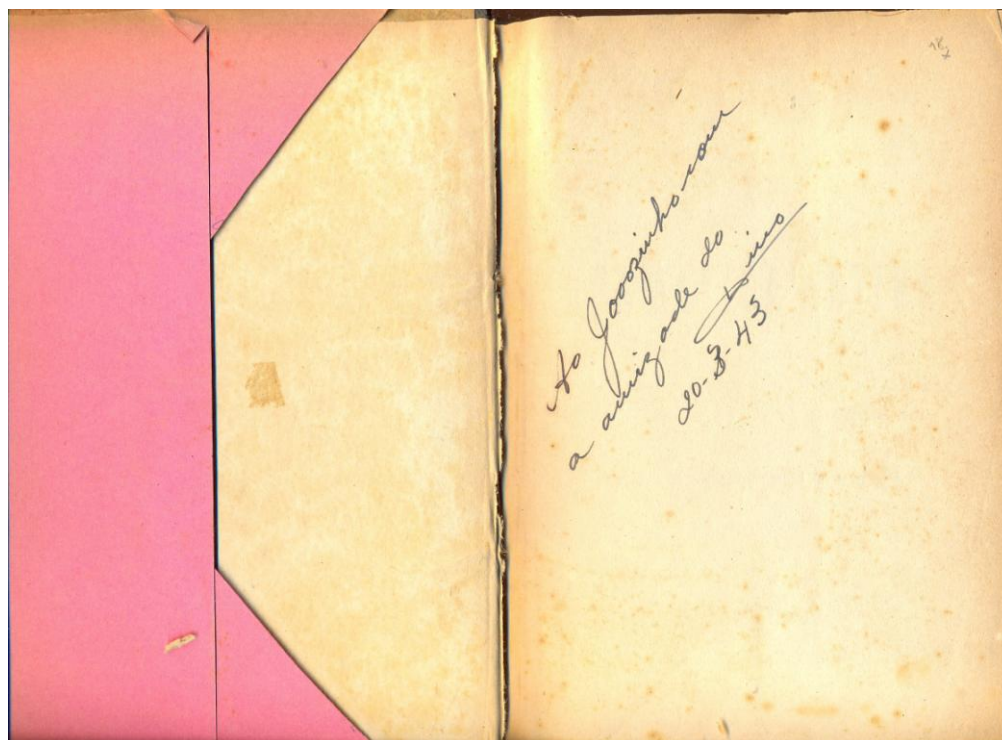


Ilustração 55 - Contra-cap do livro *Gramática Latina*
com a dedicatória “Ao Joãozinho com amizade do ‘Luís’ 20-3-43”
[pode ser que não tenhamos conseguido identificar o nome correto, pois está escrito como uma assinatura]

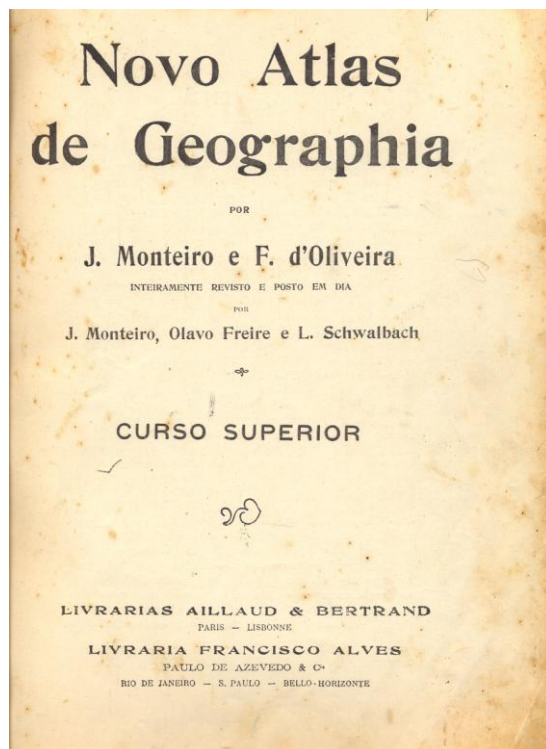


Ilustração 56 - MONTEIRO, J; D'OLIVEIRA, F. *Novo Atlas de Geografia*.
Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1927.
Livro encapado com papel azul e lateral das páginas manchadas.

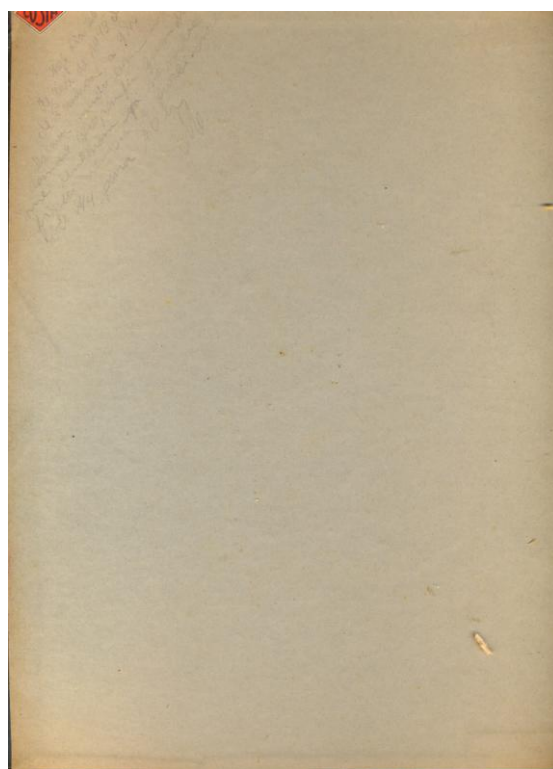
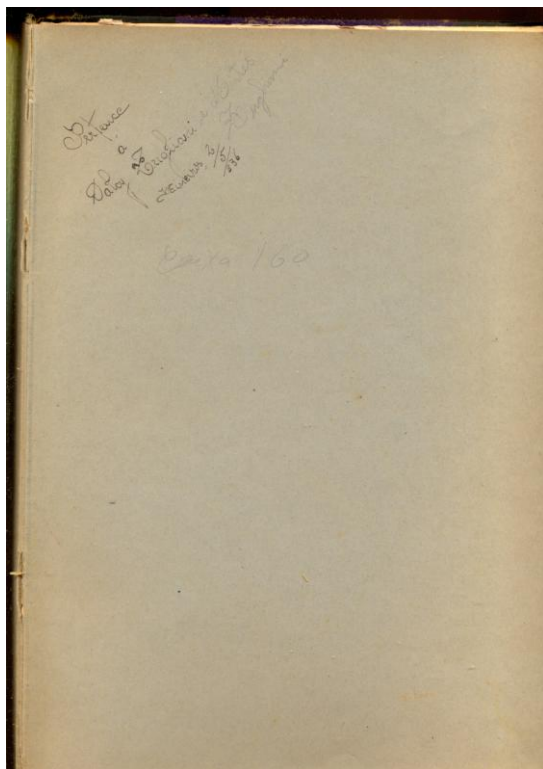


Ilustração 57 - Contra-capa do livro *Novo Atlas de Geografia*.
Na contra capa está o nome de sua proprietária “*Pertence a Dalcy Zugliani e Mirtes Zugliani [...] Mineiros, 2/5/936*” e do outro lado o seguinte texto:
“*Hoje dia 26 de abril de 1943 de [...] a 9h estava muito bem estudando geografia quando me lembraram já se sabe fiquei [...] e chorei desde ¼ para 10h. M.*”

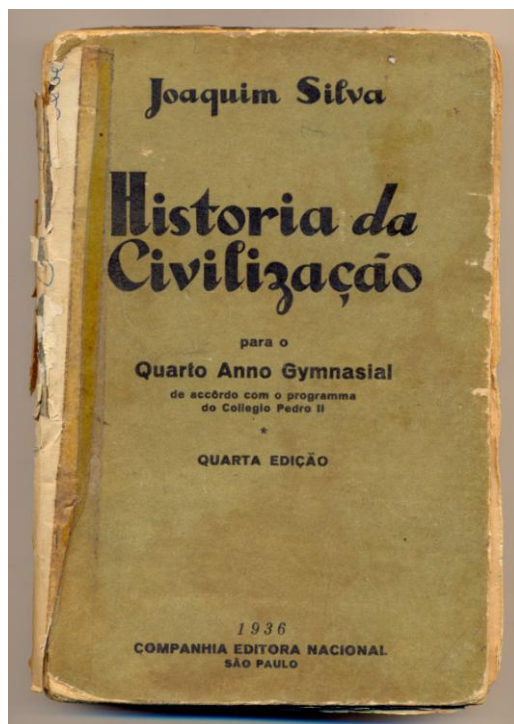


Ilustração 58 - SILVA, Joaquim. *História da Civilização*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. Livro com a encadernação se soltando.

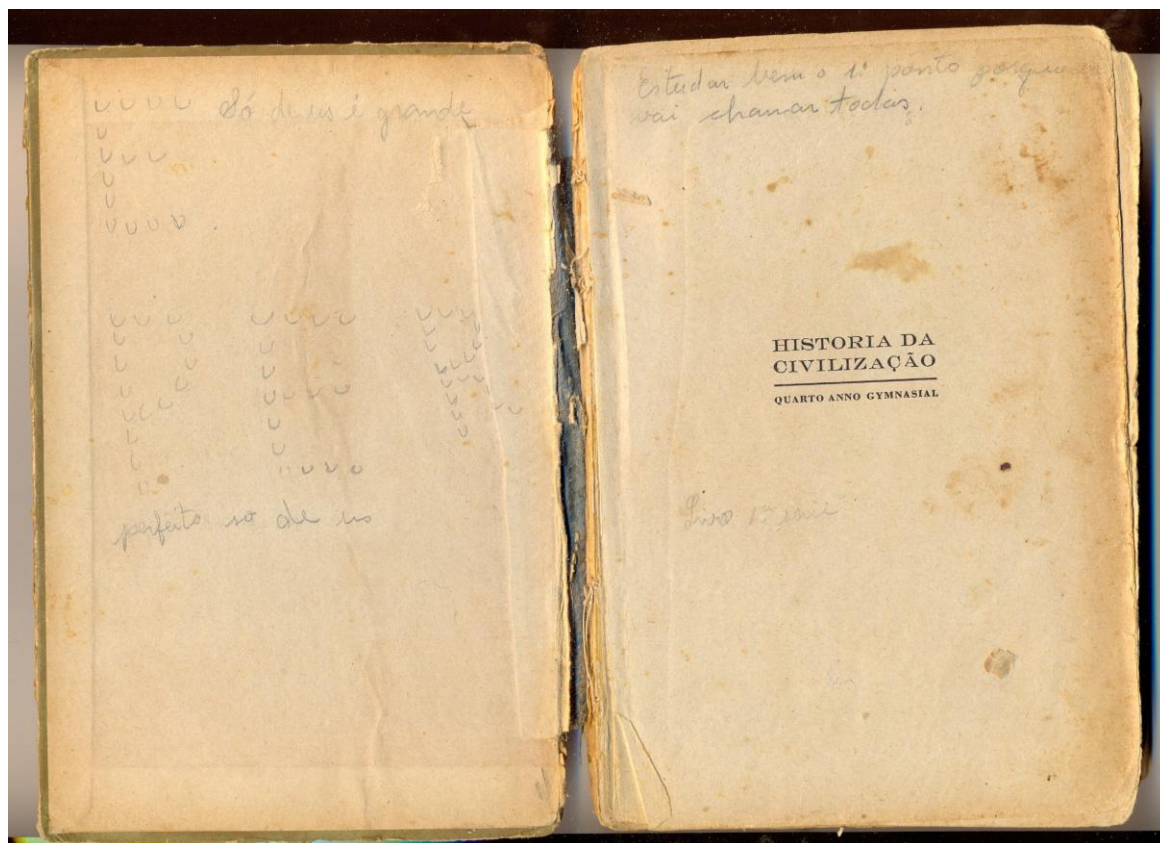


Ilustração 59 - Interior do livro *História da Civilização*. Encadernação se soltando e os seguintes escritos: “Só Deus é grande”, “Perfeito só ‘de us’”, “Estudar bem o 1º ponto porque vai chamar todas” e “Livro 1ª Série”.

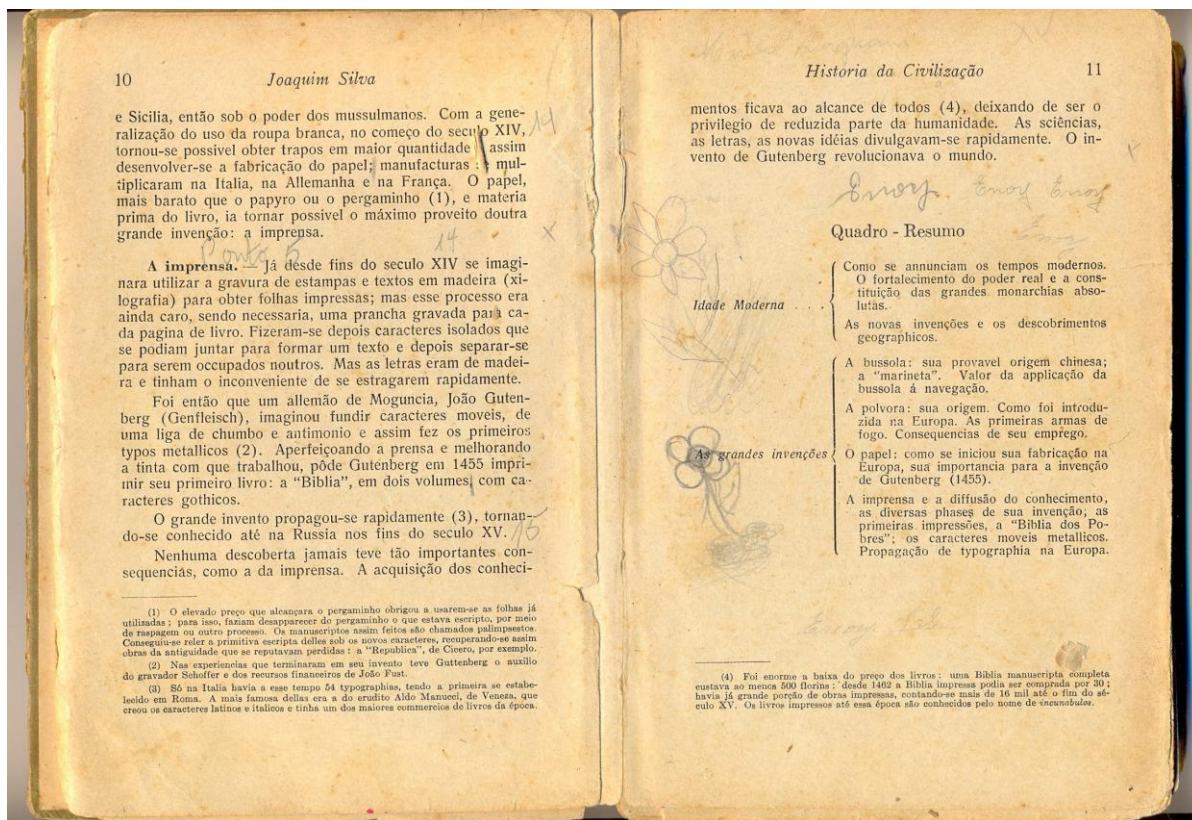


Ilustração 60 - Interior do livro *História da Civilização* com alguns desenhos (p. 10-11).

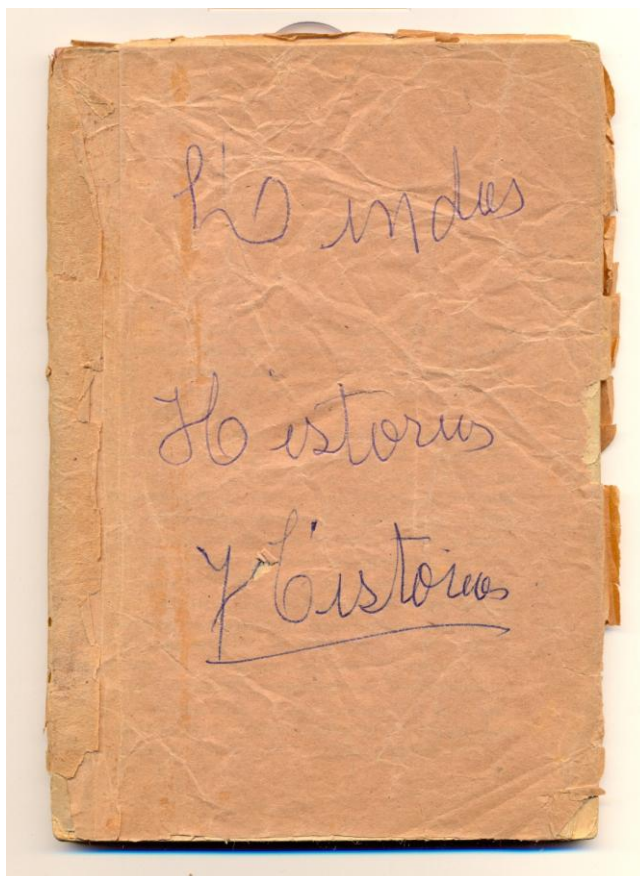


Ilustração 61 - Livro *Lindas Histórias* com capa improvisada com papel cor de rosa e com o título escrito à caneta.



Ilustração 62 - FARIA E SOUZA. *Cartilha Intuitiva: Ensino Alfabético*. São Paulo: Livraria Editora Record, 1936.



Ilustração 63 - Interior do livro *Cartilha Intuitiva: Ensino Alfabético* com as ilustrações pintadas à lápis.

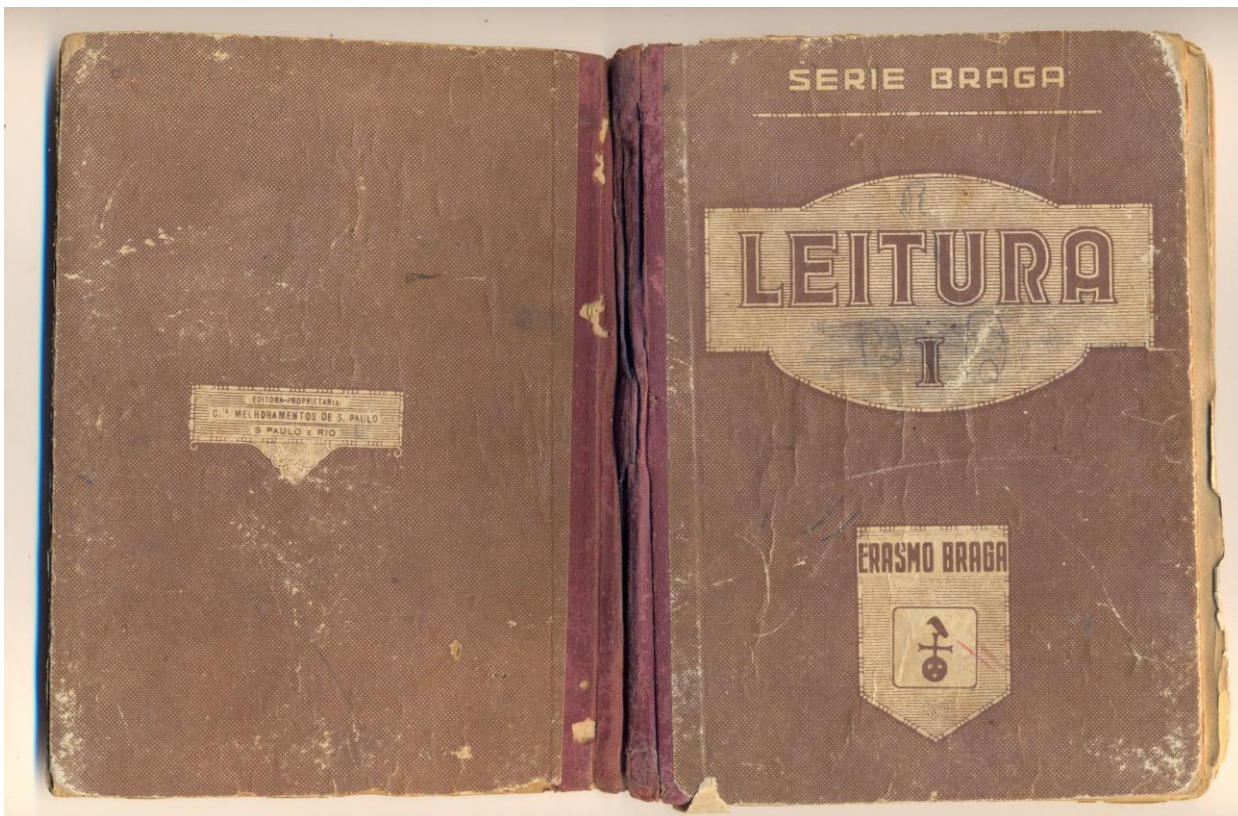


Ilustração 64 - BRAGA, Erasmo. *Leitura I*.
51ª a 60ª ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, s/data.

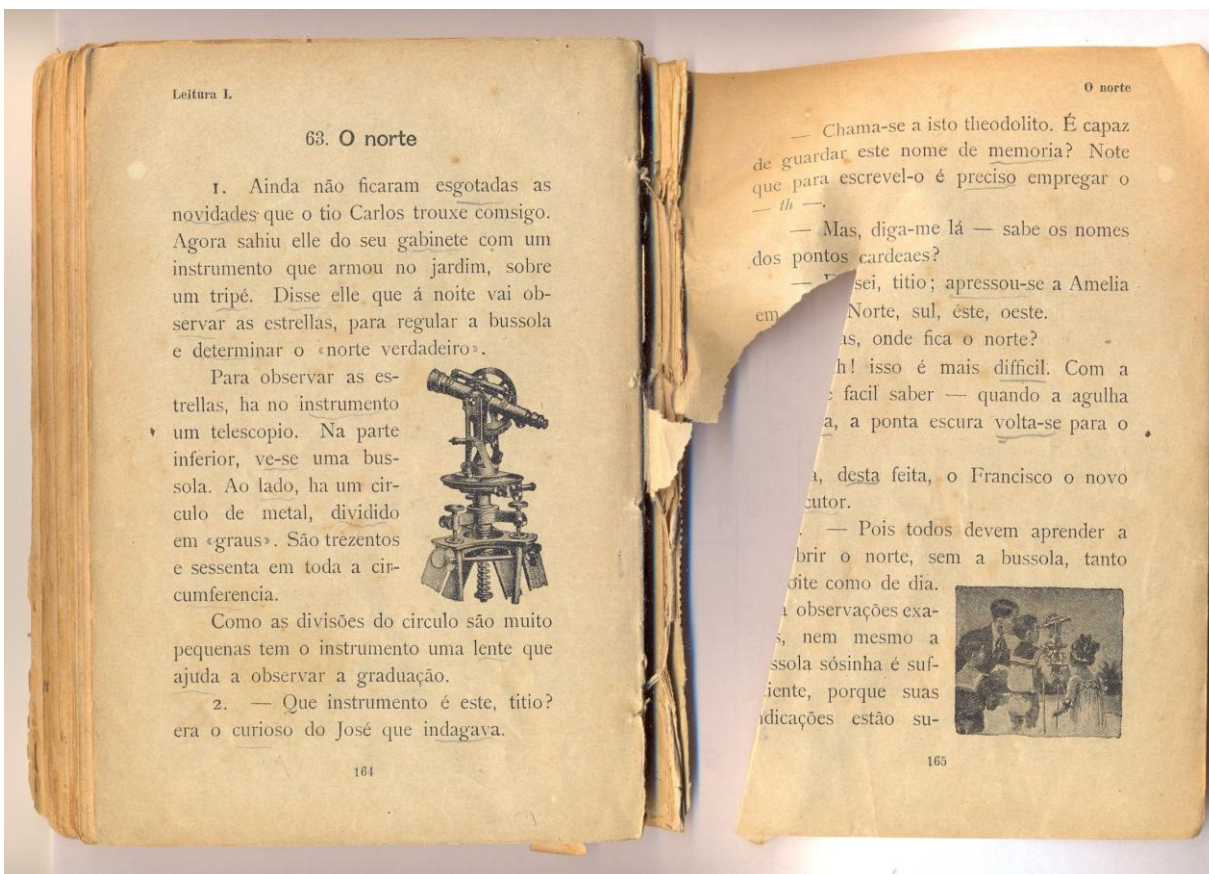


Ilustração 65 - Interior do livro *Leitura I*
com algumas páginas rasgadas (p.165)

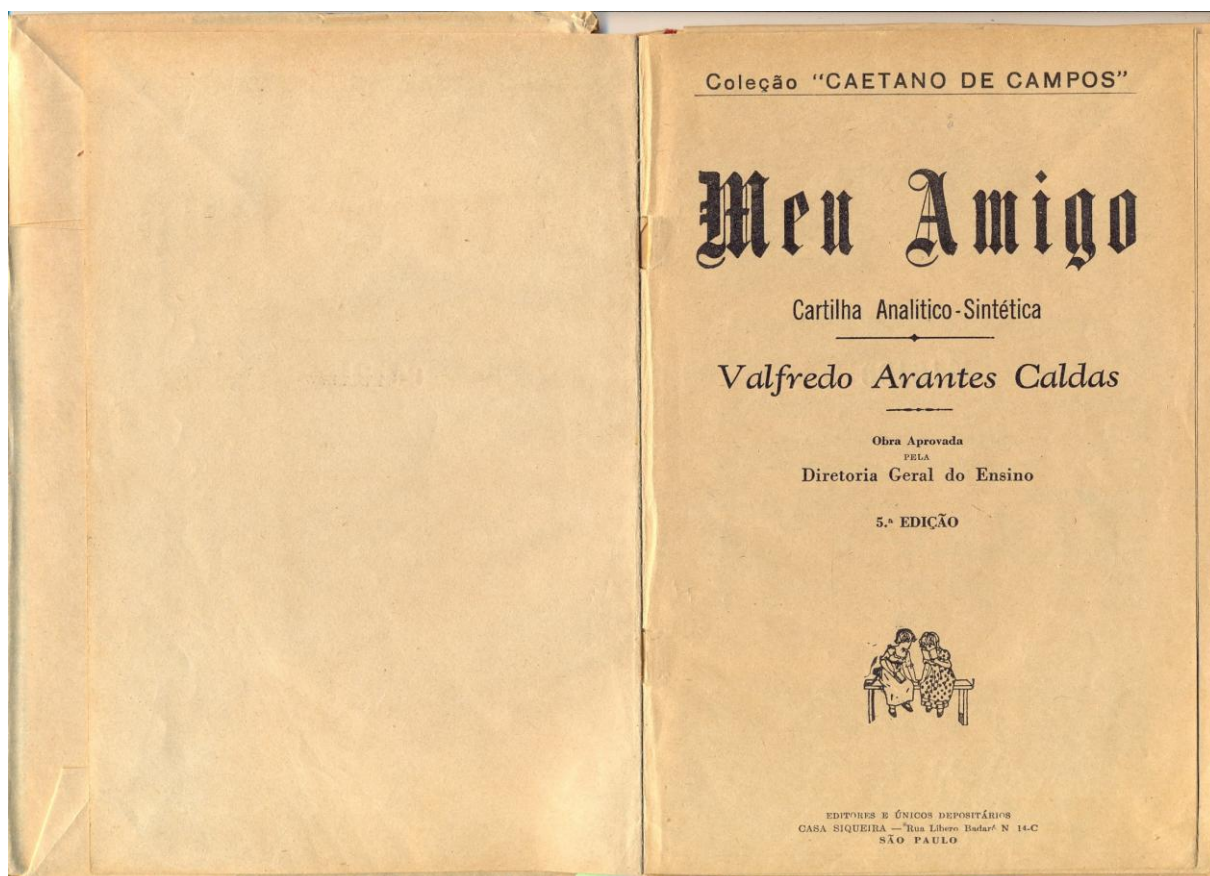


Ilustração 66 - CALDAS, Valfredo A. *Meu Amigo: Cartilha Analítico-Sintética*.
5ª ed. São Paulo: Casa Siqueira, s/data.

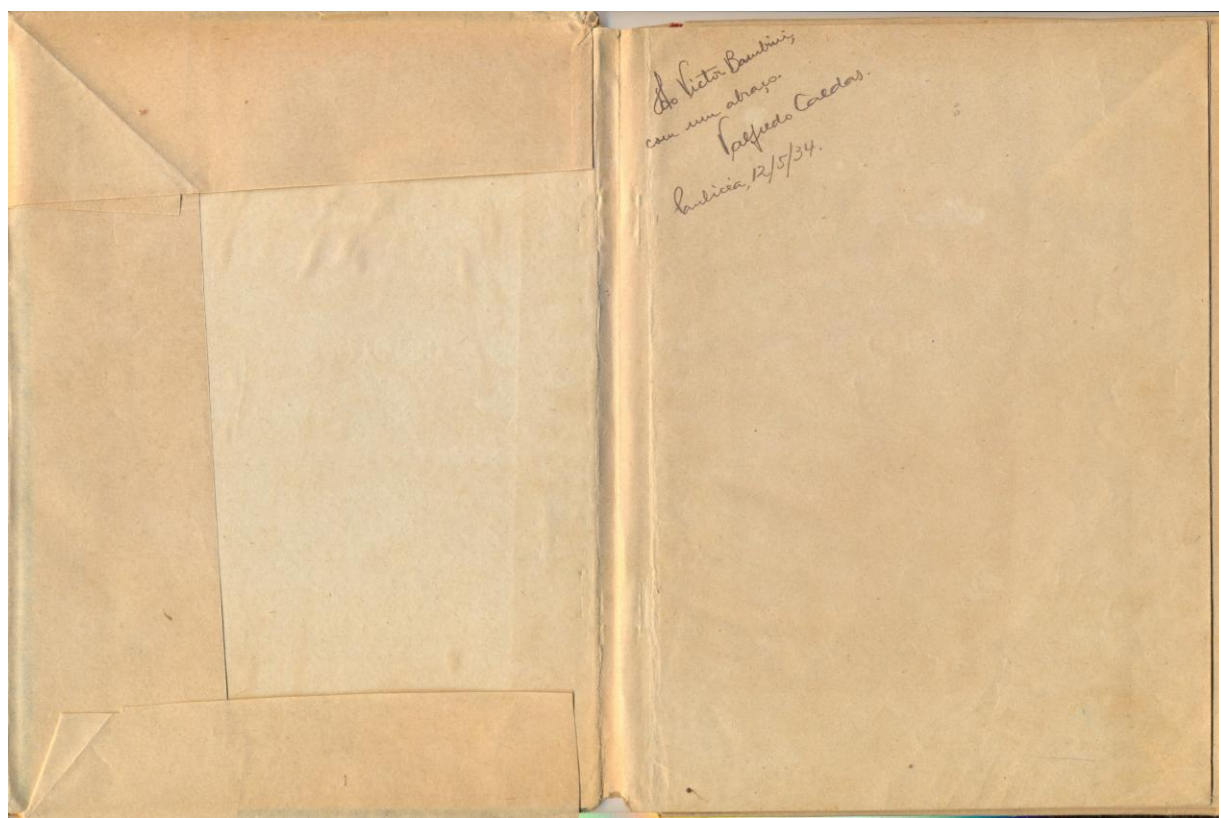


Ilustração 67 – Livro *Meu Amigo: Cartilha Analítico-Sintética*
com o autógrafo do próprio autor: “Ao Victor Bambini com um abraço Valfredo Caldas. Paulicéia, 12/5/34”.

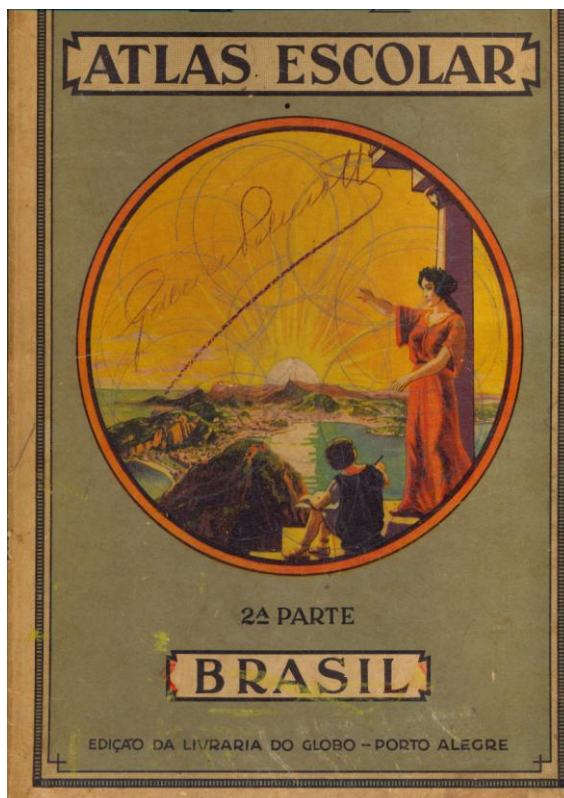


Ilustração 68 - LIMA, A. G. *Atlas Escolar: Brasil – 2ª Parte*.
Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1932.
Na capa do livro há escrito o nome “Gabriel Peliciotti”.

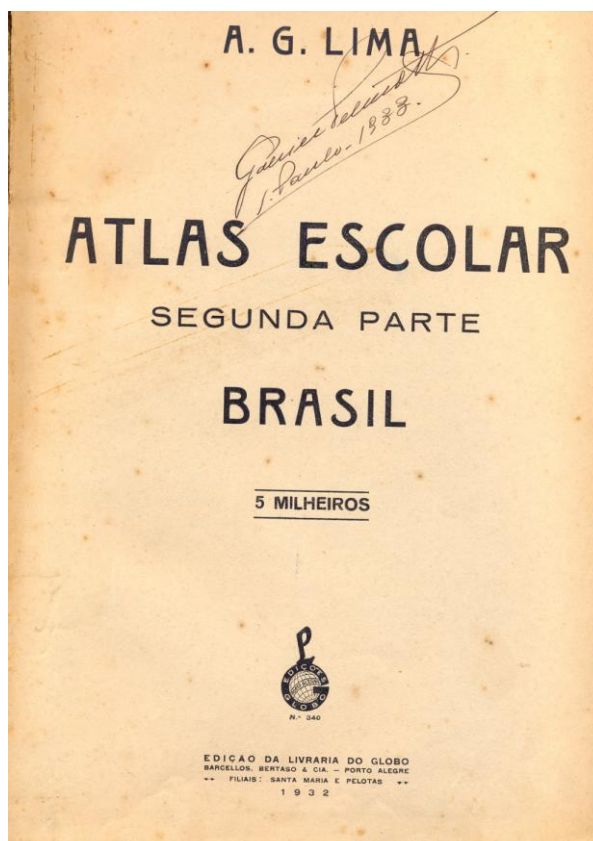


Ilustração 69 - Interior do livro *Atlas Escolar: Brasil – 2ª Parte*
com o nome do proprietário “Gabriel Peliciotti” e o local e a data “S. Paulo, 1933”.

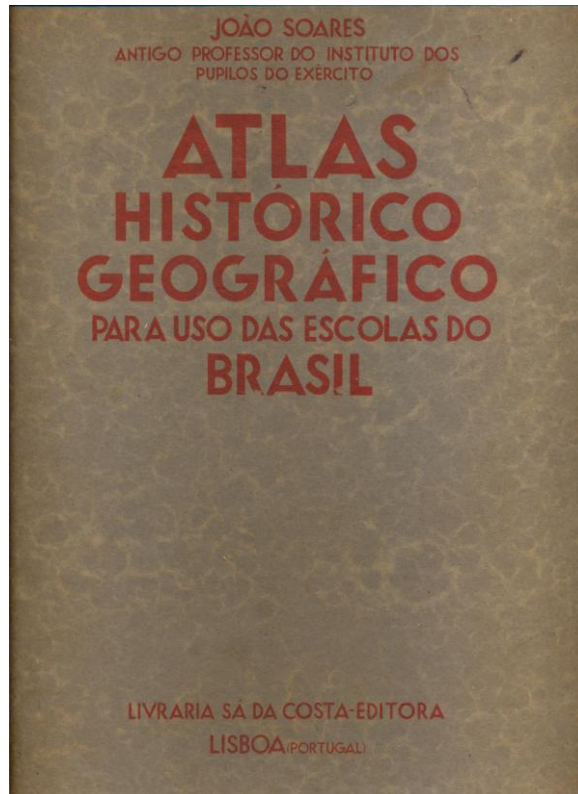


Ilustração 70-SOARES, João. *Atlas Histórico Geográfico para uso das Escolas do Brasil*. 2ª ed. Lisboa (Portugal): Livraria Sá da Costa-Editora, 1934.

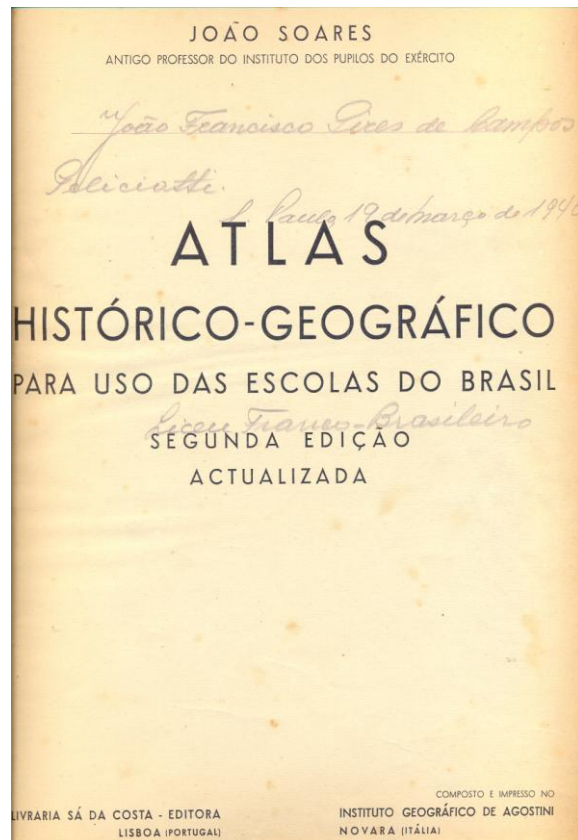


Ilustração 71 - Interior do livro *Atlas Histórico-Geográfico para uso das escolas do Brasil* com o nome do proprietário “João Francisco Pires de Campos Peliciotti”, data e local “S. Paulo, 19 de março de 1940” e escola “Liceu Franco-Brasileiro”

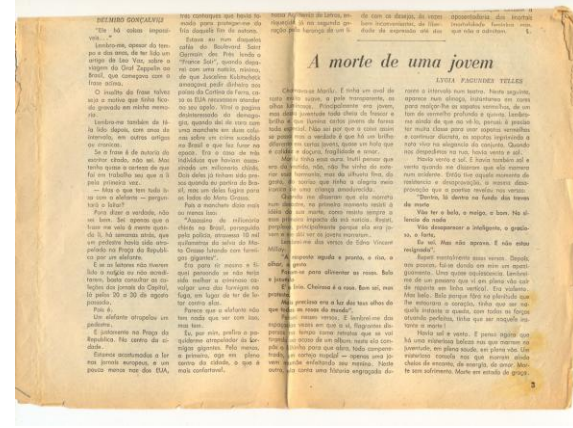
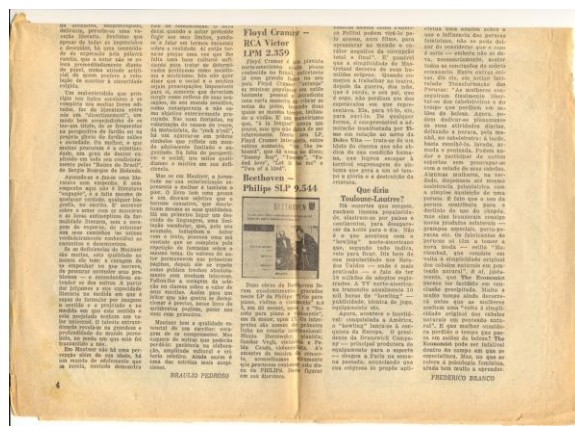


Ilustração 72 - Página de jornal (frente e verso) encontrada no interior de um dos livros.

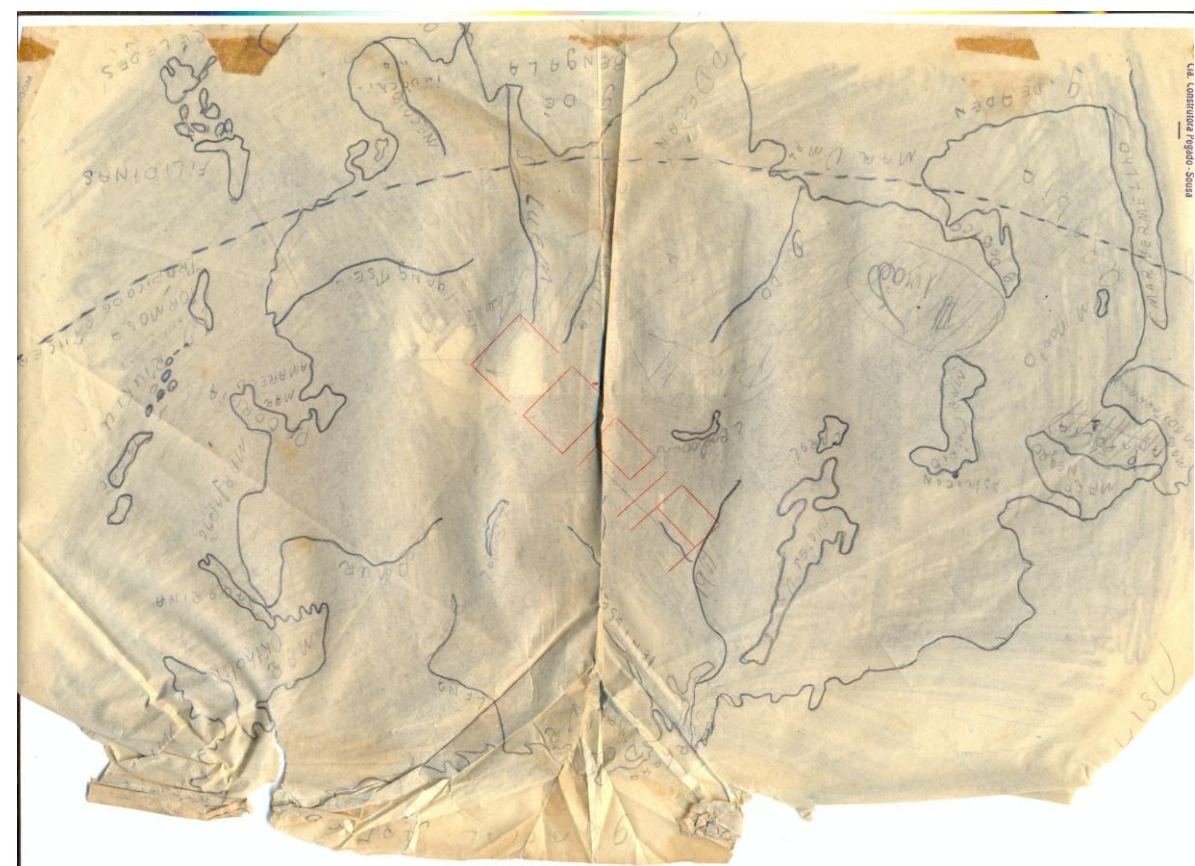


Ilustração 73 - Desenho de um mapa encontrado no interior de um dos livros.